



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-MESTRADO

ALEX LINS FERREIRA

**O CONCEITO DE EDUCAÇÃO EM ALTHUSSER: A POSSIBILIDADE DE UMA
EDUCAÇÃO PARA ALÉM DA ESCOLA**

RECIFE
2015

ALEX LINS FERREIRA

**O CONCEITO DE EDUCAÇÃO EM ALTHUSSER: A POSSIBILIDADE DE UMA
EDUCAÇÃO PARA ALÉM DA ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de mestre em educação na área de concentração de Teoria e História da Educação.

**Orientador: Prof. Dr. André Gustavo
Ferreira da Silva**

RECIFE

2015

Catálogo na Fonte
Bibliotecária Andréia Alcântara, CRB/4-1460

F383c Ferreira, Alex Lins.

O conceito de educação em Althusser: a possibilidade de uma educação para além da escola / Alex Lins Ferreira. - Recife: O Autor, 2015.

112 f : il.; 30 cm.

Orientador: André Gustavo Ferreira da Silva.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, CE, 2015.

Inclui Referências.

1. Althusser, Louis, 1918-1990. 2. Educação - Filosofia. 3. Educação e Estado. 3. UFPE - Pós-graduação. I. Silva, André Gustavo Ferreira da. (Orientador). II. Título.

335.411 CDD (22. ed.)

UFPE (CE 2015-047)

ALEX LINS FERREIRA

**O CONCEITO DE EDUCAÇÃO EM ALTHUSSER: A POSSIBILIDADE DE
UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DA ESCOLA**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal
de Pernambuco, como requisito
parcial a obtenção do título de
Mestre em Educação.

Aprovada em: 19/06/2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. André Gustavo Ferreira da Silva (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Joanildo Albuquerque Burity (Examinador Externo)
Fundação Joaquim Nabuco

Prof. Dr. Gustavo Gilson Sousa de Oliveira (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus que nos momentos mais difíceis segurou nas minhas mãos, e disse-me, nada temas.

Aos meus pais que durante toda a minha vida me apoiaram e me abençoaram.

A minha esposa e aos meus filhos, que com compreensão e amor compreenderam as minhas ausências como esposo e pai.

Ao meu orientador André Ferreira, exemplo de professor, pesquisador e escritor, que com paciência, compreensão e sabedoria contribuiu para a realização deste trabalho.

Aos professores Flávio Henrique Albert Brayner e Gustavo Gilson Souza de Oliveira por terem feito parte da minha banca de qualificação e pelas suas contribuições para o enriquecimento desta pesquisa.

Ao professor Joanildo Albuquerque Burity que aceitou incondicionalmente fazer parte desta banca.

A professora Adriana Maria Paulo da Silva, que através das suas observações contribuiu de maneira efetiva para a realização desta pesquisa.

Ao professor Marcelo Fernandes que na condição de gestor da escola na qual eu trabalho, não mediu esforços para me ajudar.

A Severino Ramos de Melo, que me deu forças incondicional para terminar esta dissertação.

A Prefeitura do Recife que me liberou sem dificuldades para fazer o curso.

Aos meus colegas Elizabeth Petrônio da Silva e Reginaldo José da Silva, que nas horas de dificuldades me deram força para prosseguir.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação e a todos os funcionários da Universidade Federal de Pernambuco, pelo trabalho realizado.

*[...] as ideologias não nascem nos Aparelhos
Ideológicos de Estado, mas das classes sociais
em luta: de suas condições de existência, de suas
práticas, de suas experiências de luta.*

(ALTHUSSER, 1985, p. 107)

RESUMO

A presente dissertação teve como principal objetivo pesquisar, estudar, analisar e interpretar algumas das obras de Althusser na tentativa de responder a seguinte questão: Existe no pensamento de Althusser uma educação para além da escola e da reprodução da ideologia dominante? Para tentar responder tal questão, tivemos que problematizar e nos apropriar de alguns conceitos utilizados pelo autor, entre eles: ideologia, reprodução, Estado, Aparelhos Ideológicos de Estado, etc. Tivemos também a preocupação de mostrar que algumas críticas feitas a Althusser por pensadores contemporâneos, entre eles, Dermeval Saviani, são controversas, ao mesmo tempo, que enfatizamos a possibilidade de uma educação promotora da emancipação da classe operária no pensamento althusseriano.

Palavras-chave: Althusser. Educação. Ideologia. Reprodução. Emancipação.

ABSTRACT

This thesis had, as mainly goal, research, study, analyze and read some of the Althusser 's works in an attempt to respond the following question: Is there in the thought of Althusser an education beyond the school and reproduction of the dominant ideology? To try to answer this question, we had to problematize and had to appropriate some concepts used by the author, between them: ideology, reproduction, state, ideological state apparatus, etc. We also had a worry to show that some criticism made to Althusser by contemporary thinkers, between them Dermeval Saviani, are controversial, at the same time that we emphasize the possibility of a promoter education of emancipation of the working class in Althusserian thought.

Keyword: Althusser. Education. Ideology. Reproduction. Emancipation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE LOUIS ALTHUSSER	15
2.1	Sobre o Estado.....	20
2.2	Sobre a luta de classes no interior dos AIE	24
2.3	Sobre a Escola	30
2.4	Sobre a Ideologia	35
3	A IDEIA DE SUJEITO MODERNO EM CONFRONTO COM A CONCEPÇÃO DE SUJEITO EM ALTHUSSER	48
3.1	A concepção de sujeito moderno.....	48
3.2	Sujeito da história ou na história? Problematizando a concepção de sujeito em Althusser	61
3.3	A concepção de escola e educação em Saviani em confronto com o pensamento de Althusser	70
4	POSSIBILIDADES DE UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO ESPAÇO ESCOLAR E DA REPRODUÇÃO DA IDEOLOGIA CAPITALISTA	81
4.1	O marxismo como espaço de saber emancipatório	81
4.2	Ideologia, reprodução e educação	88
4.3	Educação e subjetividade	93
4.4	A educação para além da escola em Althusser	94
4.5	Os limites da teoria althusseriana sobre educação.....	97
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
	REFERÊNCIAS	109

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como principal objetivo analisar o conceito de educação em Althusser e a possibilidade da existência ou não de uma concepção de educação para além da escola, ou seja, como um conjunto de conhecimentos, práticas, vivências e experiências adquiridas através das rupturas históricas. Uma das principais questões a ser trabalhada não é a reflexão que o autor faz da reprodução das relações de produção dentro dos aparelhos Ideológicos de Estado, mas, como se dá a constituição das subjetividades alternativas no âmbito do sistema capitalista.

Não menos importante, é investigar e analisar a concepção de sujeito presente nos escritos desse autor, contrapondo-a com a ideia de sujeito na modernidade.

Meu interesse pelas ideias de Althusser vem desde a minha graduação em filosofia na Universidade Católica de Pernambuco, onde tive a oportunidade de cursar a disciplina Filosofia da Educação e História da Educação, cujos professores foram Junot Cornélio Matos e Kátia Ramos, ambos hoje docentes do Centro de Educação da UFPE. Foi nesse ambiente que pela primeira vez pude “conhecer” algumas ideias do pensamento althusseriano no que tange a escola, a ideologia, a luta de classes, o poder e educação.

O livro básico que foi indicado para as nossas leituras foi “Aparelhos Ideológicos de Estado”. Cabe ressaltar que este era encontrado naquele momento em qualquer livraria, pois grande era o seu sucesso e sua polêmica. Sobre este, fazíamos as nossas leituras, reflexões e críticas.

Terminada a disciplina, fiquei com mais dúvidas do que respostas sobre o pensamento de Althusser, principalmente em relação a alguns conceitos básicos, como: ideologia, Estado, relação de produção, modo de produção, meios de produção, infraestrutura, superestrutura, relações de poder, luta de classes, educação. Para tentar responder a algumas dessas indagações comecei a pesquisar sobre este autor. A princípio fiz uma leitura sobre a sua biografia, e em seguida comecei a ler algumas de suas obras, entre elas: “Lênin e a Filosofia”;

“Filosofia e Filosofia Espontânea dos Cientistas”; “A Filosofia como Arma Revolucionária” e posteriormente “Sobre a Reprodução”.

Paulatinamente fui enriquecendo as minhas leituras sobre o pensador em questão, e a partir de um maior aprofundamento em algumas de suas obras, como: “Aparelhos Ideológicos de Estado”; “Sobre a Reprodução” e “Processo Sem Sujeito e Nem Fim (s)”; comecei a formular algumas questões, questões estas que nortearão a presente pesquisa, são elas: **1- Existe em Althusser uma concepção diferente de sujeito, de subjetividade e, conseqüentemente de educação, daquela que é proposta pela tradição moderna e pelas ideias pedagógicas brasileira? 2- A reprodução à qual Althusser se refere em algumas de suas obras, principalmente na reflexão sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado, se resume apenas à reprodução da ideologia dominante? 3- Existe no pensamento de Althusser uma concepção de educação como apropriação e incorporação de conhecimentos, experiências e práticas que possibilitem a classe operária a se afirmar enquanto classe? 4- Qual a análise que o autor faz da educação e o seu papel nas relações de poder e na luta de classes? 5- Existe em Althusser a possibilidade de uma educação promotora da emancipação da classe operária?**

Tais questões não são fáceis de responder, mas Althusser traz a partir do debate sobre os AIE¹, uma discussão fértil para se pensar a luta de classes, o lugar da educação na constituição das subjetividades alternativas, a resistência de uma ideologia da classe dominada no interior destes, como também indícios de uma educação da classe operária exterior aos AIE. Entendemos educação nesse último caso, como a constituição de subjetividades alternativas, e que tem como referencial a interpelação ideológica e um conjunto de conhecimentos, experiências, práticas e vivências construídas a partir das rupturas históricas fundamentadas através dos princípios da filosofia marxista.

A metodologia de trabalho foi a pesquisa teórica. Esta se concretizou a partir da interpretação dos textos basilares de Althusser referentes ao problema da presente pesquisa.

¹AIE: Aparelhos Ideológicos de Estado.

Observamos com uma certa clareza, a presença de alguns conceitos usados por Althusser na sua análise sobre a sociedade capitalista, entre eles: ideologia, luta de classes, reprodução, Estado, aparelhos ideológicos e repressor de Estado, infraestrutura, superestrutura, etc.

No tocante a estes elementos, podemos constatar a partir do que lemos, que o autor segue desde os seus escritos mais antigos aos mais recentes uma linha de pensamento sem grandes mudanças, a não ser quando o mesmo faz uma análise do pensamento de um Marx jovem em relação a um Marx maduro. Um outro elemento é em relação à luta de classes. Nos primeiros escritos de Althusser, esta aparece sem tanta ênfase, mas nos escritos posteriores a questão da luta de classes surge com mais força. Um outro elemento que merece destaque é a diferença que o autor faz nos seus primeiros escritos sobre ciência e ideologia, e que nos seus escritos posteriores não observamos esta diferença com tanta ênfase.

O que acabamos de mencionar não mudou a metodologia da presente pesquisa. Inicialmente tentamos fazer um levantamento de todas as obras de Louis Althusser que tratam da temática em questão, **(A possibilidade de uma educação para além dos muros da escola e da reprodução da ideologia dominante)**, e sobre estas fizemos um estudo analítico-interpretativo, afim, de descobrirmos alguns elementos que pudessem contribuir para problematizarmos e buscarmos possíveis respostas para as perguntas postas.

Para trabalhar sobre o problema supracitado, tivemos que assumir uma postura de “garimpeiros”, pois Althusser não tem nenhum escrito sistematizado que trate especificamente de uma análise sobre a educação e o seu papel nas relações de poder e na luta de classes, e muito menos ainda, um sistema de ideias ordenadas que mostram uma educação que vai além da escola e da reprodução das relações de produção e da ideologia dominante. Isso não significa que não exista no pensamento althusseriano ideias significativas de uma concepção de educação para além dos AIE e especificamente da escola. Portanto, tivemos que nos debruçar sobre as obras desse pensador marxista-leninista, e fazer uma leitura detalhada destas, a fim de juntarmos instrumentos teóricos e práticos que viabilizassem a presente pesquisa.

É importante salientar que a maioria dos textos que o autor escreveu tratam de diversos problemas que atingem a existência humana, sem seguir uma ordem

pontual de uma dada linha de pensamento específico. Grande parte dos seus escritos estão em forma de coletânea. Daí a utilização e a apropriação desses textos para diversas finalidades e ponto de vista totalmente alheio às ideias althusserianas.

A partir da nossa pesquisa, evidenciamos as obras de Althusser que pensamos ser basilares para o nosso trabalho, são elas: **“Aparelhos Ideológicos de Estado”**; **“Sobre a Reprodução”**; **“Processo Sem Sujeito e Nem Fim(s)”**; **“A Filosofia como Arma da Revolução”**; e **“Freud e Lacan”**.

Louis Althusser e seus escritos foram objeto de estudo de diversos pesquisadores e especialistas nas mais diversas áreas do conhecimento, principalmente no campo da educação. Nesse sentido fizemos um levantamento bibliográfico de alguns comentadores que trouxeram para o debate educacional atual, as ideias althusserianas, buscando entender melhor o seu pensamento.

Entre aqueles que encontram contradições acentuadas no pensamento althusseriano, destacam-se: E. P. Thompson, cuja obra é “A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser” (1978a); Vázquez (1980), cuja obra é “Ciência e Revolução: o marxismo de Althusser” (1980); Saviani (2005, 1991), cujas obras são “Escola e Democracia”, de 2005; “Pedagogia Histórico-Crítica”, de 1991; Coutinho (2010), “O Estruturalismo e a Miséria da Razão”; quanto aos althusserianos², podemos citar: Cassin (2002), cuja tese de doutorado foi: “Louis Althusser e o Papel Político/Ideológico da Escola” e Bolognesi (2013), cuja tese de doutorado foi “Escola e Sociedade: análise do discurso althusseriano e de suas apropriações na área educacional brasileira”.

As leituras dessas obras foram fundamentais, porque elas permitiram situar Althusser em espaços e tempos diferentes, possibilitando uma melhor análise e compreensão dos seus escritos.

É necessário ressaltar a importância de trazer para o debate educacional brasileiro o referencial teórico (althusseriano), pois acreditamos que este pode contribuir significativamente para pensarmos a escola e a educação a partir do paradigma das contradições e rupturas históricas, políticas, econômicas e sociais.

² O termo althusseriano não se resume a pensadores que aderiram cegamente as ideias de Althusser. Mas sim, todos aqueles que encontraram no pensamento desse autor um referencial teórico pertinente. Mesmo com seus limites, ainda é bastante atual para problematizar questões relacionadas a sociedade e a educação.

O pensamento de Althusser no que tange a educação não se resume ao interior da escola e suas práticas, mas abre a possibilidade de se pensar um processo educativo para além desta. A escola para o autor representa apenas um dos espaços da elaboração do saber, que embora sendo o mais privilegiado, não é o único. Refletir sobre o pensamento de Althusser não significa apenas retomar as ideias de um teórico polêmico, contraditório e até mesmo complicado. Significa inserir no debate educacional brasileiro um pensador que mostrou a ideologia e a reprodução como elementos imprescindíveis para uma análise mais substancial da sociedade capitalista, do indivíduo e da educação.

Levando em consideração que nenhum pensador se constrói enquanto tal do nada, e Althusser não é uma exceção, vimos alguns teóricos do marxismo, da psicanálise e do estruturalismo linguístico que influenciaram o pensamento althusseriano, e que nos possibilitou entender melhor as suas ideias, entre eles: Karl Marx (1818-1883); Engels (1820-1895); Freud (1856-1939); Saussure (1857-1913); Lênin (1870-1924); Lukács (1885-1971); Gramsci (1891-1937); Lacan (1901-1981); Laclau (1935-2014).

Toda nossa pesquisa teve como referencial cinco objetivos básicos, são eles:

- Identificar se existe em Althusser uma concepção de sujeito e educação que se contraponha com a concepção de sujeito e educação da tradição moderna que permeia o pensamento pedagógico brasileiro;
- Examinar a concepção de educação em Althusser e identificar se existe a possibilidade de uma educação para além da escola e da reprodução da ideologia dominante;
- Identificar nos escritos de Althusser os sentidos da educação para a constituição de subjetividades alternativas;
- Analisar como segundo o autor, a educação pode contribuir para a classe operária se afirmar enquanto classe;
- Identificar se existe no pensamento althusseriano uma educação promotora da emancipação da classe operária.

A presente pesquisa está dividida em cinco capítulos, são eles: **Capítulo 1- Introdução, Capítulo 2- Introdução ao pensamento de Louis Althusser, Capítulo**

3- A ideia de sujeito moderno em confronto com a concepção de sujeito em Althusser, Capítulo 4- Possibilidades de uma educação para além do espaço escolar e da reprodução da ideologia capitalista e o Capítulo 5 – Considerações finais.

O objetivo do segundo capítulo é apresentar uma introdução do pensamento de Althusser, trazendo para este debate conceitos que sem eles torna-se qualquer análise deste inócua. Tais elementos são: O Estado, a ideologia, a reprodução, a luta de classes no interior dos AIE. Esta leitura serviu para já situarmos o nosso principal objetivo, que é: A possibilidade de uma educação em Althusser para além dos muros da escola. Buscamos também salientar a função ideológica destes elementos dentro do sistema capitalista. Cabe também salientar a importância que Althusser dispensa a luta de classes dentro dos AIE, como também da ideologia na constituição das subjetividades alternativas. Além disso, pode-se constatar alguns elementos que permitem pensar Althusser para além de um “teórico reprodutivista” ou “crítico-reprodutivista”.

No terceiro capítulo, o objetivo é propor uma reflexão sobre a concepção de sujeito moderno, confrontando-a com a ideia de sujeito em Louis Althusser, problematizando os limites da crítica feita por Dermeval Saviani, a concepção de escola e educação do filósofo francês.

O quarto capítulo, tratará da possibilidade de uma educação promotora da emancipação da classe trabalhadora, tendo como eixo central, a existência ou não de uma educação para além dos muros da escola no pensamento althusseriano. A reflexão terá como referencial o marxismo como espaço de saber emancipatório, as experiências, práticas e vivências para a constituição das subjetividades. Também tentaremos apresentar alguns limites da teoria althusseriana no que tange ao nosso objeto de pesquisa.

Esperamos com essa pesquisa contribuir de alguma maneira para uma visão mais ampla da concepção de reprodução, Aparelhos Ideológicos de Estado, ideologia, constituição de subjetividades e educação em Louis Althusser.

2 INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE LOUIS ALTHUSSER

Fazendo uma breve análise da educação da história brasileira, iremos observar que na medida em que avançaram os processos de institucionalização da educação e da escolarização nas sociedades ocidentais modernas, a educação se tornou cada vez mais restrita ao ambiente escolar.

A educação no sentido republicano era sinônimo de escola. A escola era vista como uma instituição transformadora da sociedade, equalizadora dos problemas sociais e da marginalidade. Nela se aprendia um conjunto de conhecimentos que possibilitava o ser humano a ser um cidadão e a exercer a sua cidadania no seio da sociedade.

Nesse sentido a educação se limitava às diversas maneiras de transmitir e assimilar conhecimentos no interior da escola. Este tipo de educação não possibilitava o indivíduo sair da sua mera condição de indivíduo, limitava-se a condição de assujeitamento, tornando-se na maioria das vezes um reprodutor da ideologia burguesa, que é a ideologia da classe dominante. Tal aceitação tinha a sua base na promessa da classe burguesa, ou seja, classe detentora do capital econômico e conseqüentemente dos meios de produção, de que esta educação escolarizada, disciplinada, burocrática, institucionalizada, etc. Tornaria os indivíduos anônimos e sem status social, político e econômico, em sujeitos autônomos, racionais, livres, autossuficientes, iluminados, civilizados, etc. Mesmo sendo educado dentro de uma determinada realidade objetiva, os indivíduos continuavam na maioria das vezes submissos à classe dominante.

Jean Jacques Rousseau (1712-1778), mesmo sendo contemporâneo desse modelo de educação (iluminista), vai escrever um livro intitulado “Emílio ou Da Educação”, onde critica profundamente a educação tradicional, que em nome da civilização e do progresso, obriga os homens a desenvolverem na criança a formação apenas do intelecto em detrimento da educação da sua essência natural, do caráter moral e da natureza própria de cada indivíduo. Esta educação de caráter reprodutor dos valores do adulto não valorizava a formação natural do indivíduo enquanto ser livre; para ele a criança não pode ser educada como se fosse uma miniatura do adulto.

Entretanto, o modelo de educação proposta por Rousseau (1995), mesmo causando grande impacto e críticas pelos defensores da educação tradicional, não representou os avanços reais desejados, pois suas ideias dificilmente poderiam ser efetivadas dentro de um sistema de uma sociedade tão complexa, como a da Europa, e especificamente a francesa da sua época.

A partir das discussões de outros pensadores, entre eles, Paulo Freire (1921-1997), Ivan Illich (1926-2002) e outros pensadores, começou a se criticar esse afunilamento institucional e escolarista da educação. Dentro desse debate, paulatinamente, fomos aprendendo que a educação como um processo social e político, permeado de rupturas e conflitos, não poderia se resumir a um conjunto de instituições sociais, e nem tampouco à instituição escolar. A educação enquanto constituição de subjetividades, enquanto elemento constitutivo da formação humana, não se enquadra e nem se limita a recintos fechados e nem à mera transmissão e assimilação mecânica de conhecimentos.

Pensar a educação nesse sentido, é desafiar o que prega a escola tradicional moderna, é em última análise romper as leis das relações de opressão, é buscar formas alternativas de pensar a constituição das subjetividades, é educar novos sujeitos para uma nova sociedade.

Pensamos que as ideias althusserianas no que tange à concepção de sujeito e de educação podem contribuir de maneira efetiva para refletirmos sobre a constituição das subjetividades, e mais ainda, para uma educação que não se limita aos muros da escola. É dentro desse contexto que vamos analisar as ideias de Althusser.

O que propomos nesse capítulo é fazer uma contextualização do pensamento de Althusser, sem esquecermos os limites que tal reflexão nos impõe. Mas, de imediato afirmamos que as críticas feitas por alguns contemporâneos a este autor, entre eles Dermeval Saviani, afirmando que o mesmo apenas limitou-se a analisar os AIE como transmissor e reproduzidor da ideologia dominante, sem mostrar qualquer alternativa de superação, não são apropriadas, e são até injustas. Injustas, no sentido de que Althusser não só criticou o sistema de opressão imposto pela classe dominante a classe dominada, mas, foi além, mostrando que é possível derrubar os AIE, e qualquer outra forma de opressão e exploração, e paulatinamente, através da organização política da classe operária, construir novos aparelhos ideológicos de

Estado que defenda os interesses da classe operária. Parece-nos que as críticas feitas a Althusser se basearam apenas em uma concepção de sujeito e de escola moderna, não levando em consideração outras vertentes de pensamento.

É importante frisar que esta discussão perpassa um debate mais amplo, o qual serve de base para refletirmos melhor a problemática supracitada. Portanto, iremos iniciar a nossa reflexão discutindo brevemente o que o autor pensa sobre o Estado, a escola, a ideologia e as lutas de classes no interior dos aparelhos ideológicos de Estado, reprodução, educação e subjetividade, situando aí nosso problema.

Inicialmente iremos apresentar alguns dados biográficos do autor em estudo, em seguida evidenciar o porquê do nosso interesse pelo autor e o porquê do problema, fazendo uma discussão sobre o mesmo.

Louis Althusser filósofo francês nasceu em Argel em 1918, viveu a maior parte do seu tempo em Paris, aí morrendo em 1990. Militante, engajado nos movimentos políticos, participou ativamente como militante da Ação Católica francesa até aproximadamente 1937. Foi obrigado a ir para a Segunda Guerra Mundial, lá foi feito prisioneiro e levado para a Alemanha, onde permaneceu até o final da guerra em um campo de concentração. Na prisão, tomou contato com o marxismo através do francês Pierre Corrèges. Em 1948, ingressa no partido comunista francês.

Ao ser libertado, voltou a Paris e ingressou na Escola Normal Superior, seis anos depois da aprovação no concurso. Nessa instituição, trabalhou mais de trinta anos como professor.

Posteriormente casa-se com Héliene, uma socióloga militante francesa oito anos mais velha. Aos 29 anos ele tem a sua primeira relação sexual com Héliene, experiência que o leva a uma profunda depressão. Passou vários meses internado em tratamento à base de eletrochoque: sofria de psicose maníaco-depressiva.

Em 1980 em consequência de uma crise mental Althusser assassina a sua mulher. A partir desse momento foi proibido de ensinar e publicar³. Após este

³ Althusser é proibido de ensinar na Universidade, e como consequência, também perde espaço para publicar.

período desaparece. O seu pensamento retorna aos debates acadêmicos após a sua morte em 1990.

Conheceu e conviveu com grandes pensadores de sua época, na França.

Foi aluno de Desanti e Merleau-Ponty, polemizou com Sartre, foi amigo de Lacan, Foucault e Poulantzas. Em seus primeiros anos de escola, era grande conhecedor do pensamento de Descartes, Malebranche, Pascal, Platão, Hegel, Kant, Bachelard, Rousseau, Spinoza e Bergson.

É importante salientarmos que entre aqueles que influenciaram o pensamento de Althusser, alguns, na nossa análise se destacam, como: Spinoza, Saussure, Freud, Marx, Lênin, Gramsci e Lacan.

Tinha uma maneira singular e polêmica de escrever. Segundo Ramos (2007, p. 141) a sua pronúncia suscita polêmicas nos mais diferentes templos epistemológicos. “Não faltam althusserianos. Não faltam anti-althusserianos”.

Escreveu vários livros, entre eles: “A Favor de Marx” e “Ler o Capital” publicados em 1965; “Sobre o Trabalho Teórico” (1967); “Lênin e a Filosofia” e a “Filosofia como uma Arma Revolucionária”, de 1968; “Aparelhos Ideológicos de Estado”, de 1970; “Resposta a John Lewis” e “Sustentação de Tese em Amiens” de 1972; “Elementos de Autocrítica” de 1973; “Filosofia e Filosofia Espontânea dos Cientistas”; de 1974; “Marx e Freud” de 1976; “O Que Não Pode Mais Durar no Partido Comunista Francês”, de 1976. Cabe ressaltar ainda o trabalho de publicação póstumas de 1966, intitulado “Sobre a Reprodução”. Escreveu também duas autobiografias, uma chamada de “Os Fatos”, de 1976, e a outra “O Futuro Dura Muito Tempo”, de 1985.

Althusser como filósofo marxista foi influenciado principalmente pelas ideias de Estado, ideologia, luta de classes, hegemonia, sociedade civil, infraestrutura e superestrutura de Marx (1818-1883), Engels (1820-1895), Lênin (1870-1924), e Gramsci (1891- 1937). Também sofreu influência do estruturalismo linguístico de Saussure e da psicanálise freudiana e lacaniana, principalmente desta última.

Sua obra teve grande repercussão na França e em vários países, principalmente em países da América Latina. A influência de Althusser na América Latina se deu, em grande parte, através de uma das suas alunas, na primeira metade da década de sessenta, a chilena Maria Harnecker, que ao voltar para o

Continente Americano, especificamente para Cuba, elaborou um manual de materialismo histórico que, apesar de não ser muito bom, na afirmação do próprio Althusser, era a única obra do gênero no continente e sua tiragem, de aproximadamente dez milhões de exemplares serviu como importante instrumento de formação teórica e política para milhares de militantes.

O pensamento de Althusser nas diversas partes do mundo, representou uma maneira de se repensar a ação política, a filosofia, a ciência, a ideologia e também a educação. Maneira esta digna de críticas e elogios.

Althusser junto com Establet e Baudelot (1978), Bowles, Gintis, Bourdieu e Passeron (2011), foram alguns dos mais importantes pensadores da sociologia da educação do final da década de 60 e início da década de 70 do século XX. Estes romperam com a tradição sociológica da educação, criando uma nova tradição dominada por alguns pensadores “Sociologia da Educação Crítica” ou “Teorias Crítico-Reprodutivistas”.

Tal postura trouxe para o debate educacional, principalmente na Europa e na América Latina, a possibilidade de discutir a educação de maneira mais ampla.

No Brasil, quando o seu livro “Aparelhos Ideológicos de Estado” foi lançado em 1971, o contexto social, político e econômico era bastante fértil, pois estávamos vivendo internamente uma ditadura militar (1964-1985), o que permitia à sociedade e principalmente, aos intelectuais se apropriarem da discussão que Althusser traz no seu livro sobre os AIE, e refletirem sobre a realidade brasileira.

Existia naquele momento histórico um grande debate, algo que constatamos até hoje, sobre o papel do Estado, da escola, da ideologia e da educação na constituição das subjetividades e na transformação da sociedade, principalmente no interior da sociedade capitalista.

Althusser aparece nessa dinâmica social apresentando de maneira polêmica, mas objetiva, elementos que podem contribuir para uma análise mais profunda e crítica do Estado, da escola e da educação de maneira geral. Nesse sentido “[...] o referencial althusseriano pode dar uma contribuição singular para as análises que buscam compreender o papel da educação e da escola em particular, na sua relação com a sociedade” (CASSIN, 2002, p.5).

2.1 Sobre o Estado

De acordo com a leitura de Althusser, da tradição marxista, desde o Manifesto e o 18 Brumário e em todos os textos clássicos posteriores, a exemplo do que Lênin escreve sobre o Estado e a Revolução, o Estado tem prioritariamente um caráter repressor, que permite as classes dominantes assegurarem a sua dominação sobre a classe operária, para submetê-la ao processo de extorsão da mais valia, ou seja, da exploração capitalista. O Estado é, antes de qualquer coisa, o que os clássicos do marxismo chamavam de “aparelho de Estado”. Termo que compreende a prática jurídica, a prática política, os tribunais, as prisões e também o exército.

Sobre a teoria do Estado na tradição marxista, Althusser a resume da seguinte maneira:

Podemos dizer que os clássicos do marxismo sempre afirmaram que: 1) O Estado é o aparelho repressor de Estado; 2) deve-se distinguir o poder de Estado do aparelho de Estado; 3) O objetivo da luta de classes diz respeito ao poder de Estado e consequentemente à utilização do aparelho de estado pelas classes e; 4) O proletariado deve tomar o poder de Estado para destruir o aparelho burguês existente, substituí-lo em uma primeira etapa por um aparelho de Estado completamente diferente, proletário, e elaborar nas etapas posteriores um processo radical, o da destruição do Estado (fim do poder do Estado e de todo aparelho de Estado). (ALTHUSSER, 1985, p. 66).

A tese de Althusser no tocante à teoria do Estado marxista é acrescentar a este os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Realidade esta, segundo ele, Gramsci já tinha mencionado ao afirmar que o poder do Estado não se resume ao aparelho repressor (ARE), mas compreende também um certo número de instituições da sociedade civil, como a igreja, as escolas, os sindicatos e outros. Entretanto, para Althusser esse apontamento de Gramsci ficou apenas nas suas anotações e nunca foi sistematizado.

Para Althusser os AIE são vários, entre eles podemos citar:

AIE religioso (o sistema das diferentes igrejas);

AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e privadas);

AIE familiar;

AIE jurídico;

AIE da informação (a imprensa, o rádio, a televisão, etc.);

AIE sindical;

AIE cultura (letras, belas artes, esportes...)

O autor afirma que tanto os ARE como os AIE se situam dentro de uma mesma realidade, mas o que os diferencia é a sua funcionalidade:

O aparelho (repressivo) do Estado funciona predominantemente através da repressão (inclusive física) e secundariamente através de ideologia (não existe aparelho unicamente repressivo). Exemplos: o exército e a polícia funcionam também através de ideologia, tanto para garantir sua própria coesão e reprodução como para divulgar os “valores” por eles propostos. Da mesma forma, mas inversamente, devemos dizer que os aparelhos ideológicos do Estado funcionam principalmente através da ideologia, e secundariamente através da repressão seja ela bastante atenuada, dissimulando, ou mesmo simbólica. (Não existe aparelho puramente ideológico). Dessa forma, a escola, as igrejas “moldam” por métodos próprios das sanções, exclusões, seleções etc., não apenas seus funcionários mas também suas ovelhas. E assim a família... Assim o aparelho IE cultural (a censura, para mencionar apenas ela, etc. (ALTHUSSER, 1985, p. 70).

Como podemos observar, Althusser é enfático ao mostrar que o Estado é um órgão opressor/repressor e que usa tanto os ARE como os AIE para garantir a reprodução das relações de produção, como também a reprodução e concretização da ideologia dominante.

Os AIE (aparelhos ideológicos de Estado), como os ARE (aparelhos repressores de Estado), são instrumentos que o Estado dentro de uma sociedade capitalista usa para reproduzir a ideologia dominante. A educação que permeia esses e nesses aparelhos é em última instância legitimadora da dominação de uma classe sobre a outra. Nesse sentido, aparentemente não podemos falar em uma educação para além dos muros dos AIE, e nem tampouco de uma educação para além da escola, pois esta última representa um mecanismo nas mãos da classe burguesa para se perpetuar no poder.

É interessante notarmos que até aqui Althusser faz uma análise da educação e o seu papel nas relações de poder, evidenciando esta como um

mecanismo estratégico nas mãos da classe burguesa para se perpetuar no poder. A educação que é transmitida nos AIE e especificamente na escola na maioria das vezes refletem os interesses da classe detentora do poder.

São pelos AIE e especificamente pela educação que a ideologia dominante se reproduz. Cabe ressaltar que essa prática de inculcação ideológica é efetivada de maneira sutil, não permitindo ser percebida diretamente. Poucos percebem esta prática. Vejamos o que o autor diz dos professores que estão dentro desse processo,

Peço desculpas aos professores que, em condições assustadoras, tentam voltar contra a ideologia, contra o sistema e contra as práticas que os aprisionam, as poucas armas que podem encontrar na história e no saber que “ensinam”. **São uma espécie de heróis.** Mas eles são raros, e muitos (a maioria não têm nenhum princípio de suspeita do “trabalho” que o **sistema (que os ultrapassa e esmaga)** os obriga a fazer, ou, o que é pior, põem todo o seu empenho e engenhosidade em fazê-lo de acordo com a última orientação (os famosos métodos novos!). (ALTHUSSER, 1985, p.80-81, grifo nosso).

No que se refere a esta citação, principalmente a grifada, queremos fazer algumas indagações que pensamos ser relevantes. Que sistema Althusser está se referindo ao afirmar que este ultrapassa e esmaga todos aqueles que tentam enfrentá-lo ou superá-lo? A palavra sistema aí colocada não é porventura formada por homens?

Pensamos que o autor atribui a esta palavra uma conotação quase que metafísica e absoluta, algo que vai além da força humana. Ainda é pertinente dizer que esta ideia é extremamente estruturalista. Nesse sentido o sujeito não fala, é falado pelas estruturas que lhes são sobredeterminadas.

Pensamos ser importante também evidenciar, uma pertinente advertência que Althusser faz ao partido comunista francês, quando diz:

No âmago de um Aparelho ideológico de Estado como o aparelho do sistema político, pode existir (e, atualmente, é o caso em inúmeros países) um Partido proletário cuja ideologia é radicalmente antagônica à ideologia de Estado que, no entanto, é realizada nas formas e práticas do Aparelho ideológico de Estado no qual figura esse partido proletário. Acontece que esse antagonismo não deixa de se exercer nas formas impostas pela ideologia de Estado (por exemplo, a democracia burguesa que é a ditadura da burguesia sob as formas de um aparelho democrático parlamentar ou

presidencialista), o que complica singularmente a tarefa do Partido proletário. Mas como mostrou Lenin, essa tarefa complicada nem por isso é insolúvel, sob a condição absoluta de que um certo número de circunstâncias imperativas sejam respeitadas, antes de mais nada que o Partido proletário não venha a cair no “cretinismo parlamentar” ou “democrático burguês”, nem, por maior força de razão, deixe que sua ideologia de luta de classe operária seja corroída pela ideologia de Estado que é a ideologia da classe dominante, mas saiba utilizar o Aparelho ideológico de estado político, incluindo algumas de suas formas e certos elementos de sua ideologia (por exemplo, certas palavras de ordem democráticas), para ajudar, por meio das eleições e do alto da tribuna do Parlamento burguês, o desenvolvimento da luta de classes que, no essencial, se desenrola fora dessas formas legais democrático-burguesas (ALTHUSSER, 2008, p. 130).

Fazendo uma breve análise dessa citação, percebemos com clareza o chamamento e a preocupação de Althusser para que o Partido proletário, principalmente o Partido comunista francês, mesmo convivendo com a ideologia burguesa não se desvie do seu maior objetivo, que é luta incessante pela efetivação da ideologia proletária.

Esta preocupação de Althusser é salutar, pois historicamente tem-se evidenciado a existência de partidos e sindicatos que foram esmagados, corrompidos e corroídos pela ideologia da classe dominante.

Pelo fato da ideologia proletária ser antagônica a ideologia burguesa, não significa que ela seja imune as interpelações desta última. Muito pelo contrário, é imprescindível a organização política constante da classe operária no sentido de não ser absorvida pelo poder ideológico da burguesia, e nem tampouco, se deixar abater-se pelas rupturas que são inerentes a própria história.

Em relação a exploração e a repressão do sistema capitalista nas relações de produção, Althusser nos adverte:

O que é determinante, em última instância, portanto, o que está em primeiro lugar, é, com efeito, a exploração e não a repressão. O que é determinante, em última instância, são as relações de produção (que são, ao mesmo tempo, as relações de exploração) capitalistas. O que é determinado, portanto, o que é secundário, é a repressão, a saber: o Estado que é seu centro último de onde irradiam todas as formas de repressão, seja sob a forma de repressão do Aparelho repressor de Estado, repressão física direta (polícia, forças armadas, tribunais, etc.) ou indireta (administração) e todas as formas do submetimento ideológico dos Aparelhos ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 2008, p. 151).

Daí a preocupação de Althusser pela organização política da classe operária, de um partido e sindicatos coesos e fortes, de uma ideologia proletária fundamentada em uma teoria marxista-leninista, etc. Só através da efetivação desses, e outros elementos compatíveis com os interesses da classe operária, é que será possível a tomada do poder da classe burguesa e a concretização de um Estado proletário.

Se todos os AIE estão aparentemente condenados a reproduzirem o poder do capital, onde estaria então, a possibilidade de uma educação para além do espaço escolar? Tal pergunta tentaremos respondê-la no decorrer deste trabalho.

2.2 Sobre a luta de classes no interior dos AIE

A princípio, para apresentar as lutas de classes no interior dos AIE, é necessário retomar a questão sobre a existência ou não de uma concepção de educação para além dos muros da escola em Althusser. No processo desse esboço, tentaremos ainda mais, enfatizar o papel ideológico que a escola no sistema capitalista assume no tocante a disseminação da ideologia burguesa, sem nos esquecer, que esta mesma escola, é também um espaço concreto da luta de classes.

O autor entende por um AIE,

Um sistema de instituições, organizações e práticas correspondentes, definidas. Nas instituições, organizações e práticas desse sistema é realizada a ideologia de Estado ou uma parte dessa ideologia (em geral, uma combinação típica de certos elementos). A ideologia realizada em um AIE garante a unidade de sistemas “ancorada” em funções materiais, próprias de cada AIE, que não são redutíveis a essa ideologia, mas lhe serve de suporte (ALTHUSSER, 2008, p. 104).

Alguns elementos significativos podem ser destacados deste enunciado. Um primeiro elemento que podemos constatar é que a escola não é um aparelho ideológico de estado, mas um dos elementos do aparelho ideológico escolar. Outro elemento importante é que mesmo sendo os AIE um sistema onde é realizada toda a ideologia do Estado, existe a flexibilidade de outras formas ideológicas se

contrapõem a esta ideologia dominante. As relações sociais e políticas dentro dos AIE são de conflitos, e não simplesmente de aceitação e submissão.

É importante também salientar, que como um marxista, Althusser entende a luta de classes como o motor da história. Nos parece interessante já evidenciarmos que na concepção althusseriana não existe o sujeito da história, muito pelo contrário, a história é feita de relações, que em última instância, o seu fazer é anônimo.

No terceiro capítulo intitulado “A ideia de sujeito⁴ na modernidade em confronto com a concepção de sujeito em Althusser”, iremos tratar da concepção de sujeito em Althusser com mais profundidade, embora já reconheçamos a complexidade do tema e também dos nossos limites em abordá-lo.

Podemos concluir a partir desses elementos, que estando os AIE situados no interior das sociedades capitalistas, eles necessariamente estão dentro das rupturas históricas. Portanto, mesmo não se originando nos AIE a luta de classes lá existem e se estabelecem.

Nesse sentido, Althusser diz:

[...] Mas a luta de classes nos AIE é apenas um aspecto de uma luta de classes que ultrapassa os AIE. Certamente a ideologia que uma classe no poder torna dominante em seus AIE se “realiza” nestes AIE, mas ela os ultrapassa, pois ela não se origina neles. Da mesma maneira a ideologia que uma classe dominada consegue defender dentro e contra os AIE os ultrapassa pois vem de outro lugar (ALTHUSSER, 1985, p. 106-107).

Supomos que o lugar a que o autor está se referindo seja a infraestrutura, as relações de produção dentro do modo de produção capitalista, ou seja, na base econômica da sociedade. Mais ainda, as organizações de luta que a classe proletária “iluminada” pela teoria marxista se fundamenta e mobiliza-se para ir contra a ideologia da classe dominante e se afirmar enquanto classe.

⁴ A palavra sujeito em francês tem dois significados distintos. Ora é aquele que se reconhece e é reconhecido, é o construtor de suas próprias ações, é livre. Ora é aquele que se apresenta como submisso, súdito, o assujeitado. Althusser apresenta uma visão do sujeito como resultado da interpelação ideológica; suas ações não são livres, mas estão inscritas em um código de ação definido por um dado referencial ideológico. O ato de tornar-se sujeito é um ato de libertação e concomitantemente um ato de sujeição.

É interessante percebermos que a ideologia, enquanto interpeladora dos indivíduos enquanto sujeitos, seja ela dominante ou dominada se forma fora dos AIE. A escola enquanto um dos elementos do AIEE⁵ serve de suporte na maioria das vezes para a realização da ideologia dominante. Não é no interior dos AIE e muito menos no interior da escola que acontece a formação das ideologias.

Portanto é necessário segundo Althusser irmos além do espaço escolar para analisarmos como se dá a constituição das subjetividades, e a superação da reprodução da ideologia hegemônica.

O autor entende que a teoria marxista proporciona uma visão mais ampla de revolução e consequentemente de emancipação da classe operária. Um dos maiores desafios a ser superado pela classe trabalhadora é vencer o sujeito na sua individualidade, no seu egoísmo e fomentar atitudes que possibilitem a classe operária a se afirmar enquanto classe. Nesse sentido a organização política da classe trabalhadora em torno da sua ideologia é imprescindível para a sua emancipação.

Althusser, se referindo a escola capitalista burguesa enquanto espaço concreto de dominação da ideologia dominante e como instrumento da luta de classes, adverte,

[...] a “cultura” literária ministrada no ensino das escolas não é um fenômeno puramente escolar, é um momento entre outros da “educação” ideológica das massas populares. Pelos seus meios e efeitos, ela traz outros à superfície, postos em prática ao mesmo tempo: religiosos, jurídicos, morais, políticos, etc. Outros tantos meios ideológicos da hegemonia da classe dominante, que são todos reagrupados em volta do Estado de que a classe dominante detém o poder. Bem entendido, esta conexão, podíamos dizer sincronização, entre a cultura literária (que é o objecto-objectivo das humanidades clássicas) e a ação ideológica de massa exercida pela igreja, pelo Estado, pelo direito, pelas formas do regime político, etc., são a maior parte das vezes mascaradas. Mas aparecem à luz do dia nas grandes crises políticas e ideológicas, onde por exemplo as reformas do ensino são abertamente reconhecidas como revoluções nos métodos de acção ideológica sobre as massas. Vê-se então muito claramente que o ensino está em relação directa com a ideologia dominante e que a sua concepção, a sua orientação e o seu controlo são um terreno importante da luta de classes (ALTHUSSER, 1979, p. 45).

⁵ AIEE: Aparelhos Ideológicos de Estado Escolar.

Está explícito nesta citação que a escola é um mecanismo extremamente importante para a perpetuação da ideologia dominante, mas não deixa também de ser um instrumento onde as contradições se externam e se conflituam. A escola e outros elementos do aparelho ideológico de Estado representam a todo instante o reflexo da luta de classes travada nas mais variadas relações sociais, políticas e econômicas.

Mesmo reconhecendo os limites dos AIE no tocante à transformação da sociedade, o autor faz uma distinção muito significativa entre ARE e AIE. Ao se referir ao ARE, (exército, forças armadas, prisão, polícia etc.), denomina-os de núcleo duro, lugar onde repressão se efetiva de maneira mais forte, objetiva e coesa. Quando ele se refere aos AIE, diz que:

Como eles realizam a existência da ideologia de Estado, mas de forma desordenada (sendo cada um, relativamente, autônomo), como funcionam por meio da ideologia, é no âmago deles e de suas formas que se desenrola uma boa parte da guerra de longa duração como é a luta de classe que pode chegar a derrubar as classes dominantes, isto é, desapossar as classes dominantes do poder de Estado que elas detêm.

E mais:

Todos nós sabemos que a luta de classes no Aparelho repressor de Estado, na polícia, nas forças armadas e, até mesmo, na administração constitui, em tempo “normal”, senão uma causa praticamente perdida, pelo menos uma operação muito limitada. **Em compensação, a luta de classes nos Aparelhos ideológicos de Estado é uma coisa possível, seria e pode ir muito longe porque é nos aparelhos ideológicos de Estado que os militantes e, em seguida, as massas adquirem experiência política antes de “levá-la até o fim.”** (ALTHUSSER, 2008, p. 176, grifo nosso).

A partir desta breve explanação podemos destacar três elementos que nos permitem problematizar nas discussões que seguem sobre a possibilidade de uma concepção de educação para além dos muros da escola, são eles:

- A) A luta de classes nos AIE é apenas uma parte da luta;
- B) A ideologia que uma classe tenta impor dentro dos AIE não se forma neles;
- C) As ideologias se formam fora dos AIE. Formam-se a partir das condições de existência de uma classe, de suas experiências e práticas de luta.

No decorrer da nossa reflexão já dissemos que Althusser não nega os conflitos de classes no interior dos AIE, muito pelo contrário, ele não só afirma a existência da luta de classes no seio destes, como também os aponta como meios e lugar de contradições e resistência da classe operária. Mas esta luta não se limita aos AIE. Pois, esta é apenas parte de uma luta mais ampla e mais complexa.

É na realidade social capitalista, permeada e perpassada por várias ideologias de natureza econômica, social e política, e, pelos conflitos políticos que se encontram as raízes da luta de classes. É a partir do modo de produção, das relações de produção capitalista e das forças produtivas, que podemos pensar na possibilidade de uma educação enquanto alternativa de constituição das subjetividades em Althusser, capaz de se contrapor à ideologia dominante. Acreditamos que este processo, embora lento, conflituoso e muitas vezes contraditório, seja possível.

Althusser, mesmo reconhecendo a existência da luta de classes e das ideologias antagônicas dentro dos AIE, não compartilha da ideia de que estes podem ser instrumentos de transformação social. Para o autor a transformação social, política e econômica, só será possível mediante a organização política da classe trabalhadora, tendo como referencial a sua ideologia, que é a ideologia da classe operária, esta organização não se dá no interior dos AIE, pois em última instância eles representam, reproduzem, praticam e concretizam os interesses da classe dominante dentro de um Estado capitalista burguês onde a ideologia dominante impera.

É interessante percebermos que ao negar os AIE como instrumentos de transformação social, o autor não nega a possibilidade de uma educação enquanto promotora da organização política da classe proletária e enquanto mecanismo de emancipação social, político e econômica. Entenda-se emancipação nesse contexto não como o encontro da consciência consigo mesma ou como libertação última da consciência, mas, no sentido do sujeito sair de uma condição de oprimido, para uma condição de menos oprimido. Mas esta educação se funde com a ideologia que se processa, se fundamenta e se concretiza fora dos AIE.

São nas relações de luta, travadas com interesses antagônicos na infraestrutura da sociedade capitalista que as ideologias “nascem”. E são estas que

servirão de instrumentos teóricos e práticos para a classe operária se afirmarem enquanto classe, inclusive no interior dos próprios AIE.

Na maioria dos escritos sobre o pensamento de Althusser, este é tratado como um teórico pessimista, mas este autor entre outras coisas, acreditava na tomada do Estado burguês pela classe operária quando afirma:

Não nos enganemos: basta tomar consciência da crise sem precedentes na qual se encontra o Imperialismo, sob o peso de suas contradições e de suas vítimas, e assediado pelo povo, para concluir que ele não conseguirá sobreviver. Estamos entrando em um século que verá o triunfo do socialismo na terra inteira. Basta observar a corrente irresistível das lutas populares para concluir que, em um prazo mais ou menos curto, e através de todas as peripécias possíveis, inclusive a gravíssima crise do Movimento Comunista Internacional, a Revolução está, desde agora, na ordem do dia. Dentro de cem anos ou até mesmo, talvez, cinquenta, a face do mundo estará modificada: a Revolução levará a melhor na terra inteira (ALTHUSSER, 2008, p. 26).

Este pensamento de Althusser é mais um exemplo de que a luta de classes está presente em todas as relações humanas, inclusive nos ARE e nos AIE, e que toda mudança só pode acontecer mediante esta luta.

Na concepção de (BOLOGNESI, 2013), a reflexão de Althusser não se reduz a explicar ou destacar o funcionamento do AIE no sentido de reproduzir a ideologia de Estado (capitalista) e garantir o domínio da classe burguesa. O autor procura avançar numa discussão que, segundo ele, o próprio Lênin havia apontado, a respeito de como se apropriar do poder do Estado e substituir os AIE capitalistas por novos AIE, comprometidos com o futuro de uma revolução, com a formação das novas gerações: como construir um aparelho não coercitivo, uma escola do comunismo, garantindo uma justa ligação com as massas, enfim, um novo e diferente aparelho escolar (ALTHUSSER, 2008, p. 115).

A partir das nossas leituras, não podemos afirmar que Althusser foi um pensador que se limitou apenas em teorizar o mundo nas suas múltiplas relações e facetas, mas pensou este mundo a partir da realidade na qual estava inserido, e mostrou caminhos possíveis para que a classe proletária se afirmar-se enquanto classe.

2.3 Sobre a Escola

Dentro do que o autor chama de aparelhos ideológicos do Estado escolar, encontra-se a escola. E esta desempenha um papel prioritário dentro das sociedades capitalistas.

Althusser se referindo a escola, pergunta:

O que se aprende na Escola? É possível chegar-se a um ponto mais ou menos avançado nos estudos, porém de qualquer maneira aprende-se a ler, escrever e contar, ou seja, algumas técnicas, e outras coisas também, inclusive elementos (que podem ser rudimentares ou ao contrário aprofundados) de “cultura científica” ou “literária” diretamente utilizáveis nos diferentes postos da produção (uma instrução para os operários, uma outra, para os técnicos, uma terceira para os engenheiros, uma última para os quadros superiores, etc.) aprende-se o *know-how* (ALTHUSSER, 1985, p. 57-58).

Não há dúvidas de que a escola dentro do capitalismo, mesmo tendo espaço de debate em prol dos interesses, projetos e ideologias da classe trabalhadora, ainda é um espaço que tem prioritariamente a função de difundir e inculcar a ideologia dominante. É possível constatar a partir desta citação que a escola é uma instituição extremamente seletiva, ela forma seus quadros de acordo com a divisão técnica do trabalho, mas, mais ainda, de acordo com a divisão social do trabalho. Esta última é que mais interessa para o sistema capitalista.

A ideologia dominante que permeia as práticas escolares, não apenas reproduzem uma reprodução de sua qualificação, qualificação do trabalho,

Mas ao mesmo tempo uma reprodução de sua submissão às normas de ordem vigente, isto é, uma reprodução da submissão dos operários à ideologia dominante por parte dos operários e uma reprodução da capacidade de perfeito domínio da ideologia dominante por parte dos agentes da exploração e repressão, de modo a que eles assegurem também “pela palavra o predomínio da classe dominante (ALTHUSSER, 1985, p. 58).

É nesse contexto de dominação que a escola enquanto um dos elementos do AIEE assume a função silenciosa de propagar os valores, práticas e conhecimentos da classe privilegiada. Ela não apenas qualifica cada um de acordo com a sua

posição social, mas sutilmente faz com que o operário inculque como algo seu a ideologia dominante, e conseqüentemente se submeta a esta de maneira a incorporá-la e defendê-la.

Os críticos de Althusser têm razão ao dizer que ele trouxe a partir da sua reflexão sobre os AIE, uma visão negativa, pessimista e desencantada da educação escolar. Com certeza encontramos em algumas obras desse autor esse desencanto, mas, é importante ressaltar que este mesmo teórico traz em algumas, de suas obras, como “Aparelhos Ideológicos de Estado”, de 1970; “Sobre a Reprodução”, de 1966; etc., elementos que possibilitam pensar a escola como um espaço, um lugar, um meio da luta de classes, onde a classe dominada pode encontrar espaços, mesmo que escassos para se contrapor à ideologia dominante.

Althusser ainda entende que os AIE podem ser não apenas os meios, mas também o lugar da luta de classes e, frequentemente, de formas encarniçadas dessa luta.

[...] A classe (ou aliança de classes) no poder não dita tão facilmente a lei nos AIE como no aparelho (repressivo) de Estado, não somente porque as antigas classes dominantes podem conservar durante muito tempo fortes posições naquelas, mas porque a resistência das classes exploradas pode encontrar o meio e a ocasião de expressar-se neles, utilizando as contradições ou conquistando pela luta posições de combate (ALTHUSSER, 1985, p. 72).

Nesta colocação de Althusser está evidente que no interior dos AIE existem conflitos entre classes antagônicas. A classe dominante não impõe tão facilmente a sua ideologia, a sua cultura, os seus valores, os seus conhecimentos, pois a classe explorada está sempre buscando espaços nas contradições das relações de produção, para criar estratégias de resistência.

Sabemos que a luta de classes travada nos AIE, não é algo fácil, principalmente para a classe operária, visto que a classe dominante se fortalece pelo fato de ter o Estado como órgão que a protege e legitima a sua dominação,

Com efeito, o Estado e seus aparelhos, só tem sentido do ponto de vista da luta de classes, enquanto aparelho da luta de classes mantedora da opressão de classes e das contradições da exploração e sua reprodução. Não há luta de classes sem classes antagônicas.

Quem diz luta de classe da classe dominante diz resistência, revolta e luta de classe de classe dominada (ALTHUSSER, 1985, p. 106).

Althusser foi criticado tanto por seus contemporâneos como seus críticos mais atuais de ter impregnado no ambiente escolar uma cultura da inércia, do pessimismo e do desencanto, não evidenciando nenhuma forma de superação da dominação da qual a classe operária é vítima. Isso lhe rendeu o título de “teórico reprodutivista” ou “crítico reprodutivista”.

É interessante percebermos e reconhecermos que o autor em questão vê os AIE como transmissores da ideologia dominante, mas também é verdade que o mesmo traz para o debate o reconhecimento de que esses mesmos AIE podem ser o lugar onde a classe dominada pode encontrar espaços para lutar contra a ideologia dominante. Cabe ressaltar aqui, que a escola pode ser um espaço de reprodução também da ideologia da classe dominada, haja vista, que as ideologias não se formam nos AIE, mas os permeiam e perpassam.

Mesmo não sendo um teórico da educação, pois não escreveu nenhuma obra sistematizada sobre este assunto, Althusser foi capaz, a partir de alguns dos seus escritos, entre eles “Aparelhos Ideológicos de Estado” publicado em 1970, e “Sobre a Reprodução” publicado em 1966, mostrar que a escola até então tida como equalizadora da marginalidade social, formadora de uma consciência livre, autônoma, racional, etc., se apresenta inserida no sistema capitalista como um dos elementos do Aparelho Ideológico do Estado Escolar que tem como uma das suas finalidades, reproduzir as relações de produção, ou seja, a ideologia dominante.

Nesse sentido, frisa Althusser:

É pela aprendizagem de alguns saberes contidos na “**inculcação**” maciça da ideologia da classe dominante “**que em grande parte**”, são reproduzidas as relações de produção de uma formação social capitalista, ou seja, as relações entre exploradores e explorados e entre explorados e exploradores. Os mecanismos que produzem esse resultado vital para o regime capitalista são naturalmente encobertos e dissimulados por uma ideologia da Escola universalmente aceita, que é uma das formas essenciais da ideologia burguesa dominante: uma ideologia que representa a Escola como neutra desprovida de ideologia [...] (ALTHUSSER, 1985, p. 80, grifo nosso).

Sem dúvida nenhuma, Althusser traz uma reflexão muito forte sobre o papel reprodutor da escola no que tange à ideologia dominante. Tal análise não poderia ser diferente, visto que, estando a escola inserida no sistema capitalista, ela não poderia ter outra função. Entretanto, nas entrelinhas da citação acima podemos perceber que o autor usa a palavra “inculcação” e posteriormente a frase “em grande parte”. Não existe inculcação ideológica dominante onde não há suspeitas de resistência da classe dominada.

Em relação à frase “em grande parte”, supomos que a mesma represente que nem todos os saberes são portadores da ideologia dominante, e que a reprodução se faz por meio dessa aprendizagem, mas não só por ela. E por isso a luta de classes travada no interior dos AIE podem contribuir para práticas que possibilitem a classe proletária encontrar mecanismos de força e resistência, mesmo que a longo prazo, para se contrapor a ideologia dominante. Nesse sentido, Althusser também afirma:

A “cultura” que se ensina nas escolas não passa efetivamente de uma cultura, em segundo grau, uma cultura que “cultiva” visando um número, quer restrito quer mais largo, de indivíduos desta sociedade, e incidindo sobre objetos privilegiados (letras, artes, lógica, filosofia, etc.) a arte de se ligar a estes objetos: como meio prático de inculcar a estes indivíduos normas definidas de conduta prática perante as instituições, “valores” e acontecimentos desta sociedade. A cultura é ideologia de elite e/ou de massa de uma sociedade dada. Não a ideologia real das normas (pois em função das oposições de classe, há várias tendências na cultura): mas a ideologia que a classe dominante tenta inculcar, directa ou indirectamente, pelo ensino ou outras vias, e num fundo de discriminação (cultura para elites, cultura para as massas populares) às massas que domina. Trata-se dum empreendimento de carácter hegemônico (Gramsci): obter o consentimento das massas pela ideologia difundida (sob as formas da apresentação e da inculcação de cultura). A ideologia, dominante é sempre imposta às massas contra certas tendências da sua própria cultura, que não é reconhecida nem sancionada mas resiste (ALTHUSSER, 1976, p. 44).

É interessante percebermos a perspicácia de Althusser no que se refere às críticas e às estratégias da ideologia da classe burguesa em se afirmar enquanto a única e possível realidade capaz de se manter no poder. Ele é enfático ao mostrar que mesmo existindo no interior da escola uma pluralidade de ideias, a classe dominante usa de diversos mecanismos para se manter no poder. Entre eles a inculcação silenciosa dos valores da sua cultura em detrimento das demais.

Para Althusser, a escola assumiu na sociedade moderna o papel que era da igreja no sistema feudal. Ela representa uma das instituições que mais tempo passa com as crianças, e por isso mesmo se tornou na maioria das vezes, um instrumento de transmissão dos interesses da classe dominante.

Vejamos o que Althusser nos diz mais sobre a escola:

Esta recebe as crianças de todas as classes sociais desde o Maternal e, a partir daí, com os novos e igualmente com os antigos métodos, ela lhes inculca, durante anos e anos, no período em que a criança é mais “vulnerável”, impressada entre o aparelho de Estado Família e o aparelho de Estado Escola, determinados “savoir-faire” revestidos pela ideologia dominante (língua materna, cálculo, história natural, ciências, literatura), ou muito simplesmente a ideologia dominante em estado puro (moral e cívica, filosofia). Em determinado momento, aí pelos catorze anos, uma grande quantidade de crianças vai parar “na produção”: virão a constituir os operários ou os pequenos camponeses. Uma outra parte da juventude continua na escola: e haja o que houver, avança ainda um pouco para ficar pelo caminho e prover os postos ocupados pelos pequenos e médios quadros, empregados, pequenos e médios funcionários, pequenos burgueses de toda a espécie. Uma última parcela chega ao topo, seja para cair na subocupação ou semidesemprego intelectuais, seja para fornecer os agentes da exploração e os agentes da repressão, os profissionais da ideologia (padres de toda a espécie, a maioria dos quais são “laicos” convictos) e também agentes da prática científica. (ALTHUSSER, 2008, p. 168).

Se formos fazer uma análise sociológica desse pensamento de Althusser, iremos ter instrumento teórico suficiente para mostrar que esta ideia é bastante atual. A escola capitalista de caráter dominante, ainda desempenha esse papel celetista, classificador e discriminador. Vale ressaltar ainda, que a escola cumpre o papel de formar o homem, mas de forma hierárquica. Uns chegam a galgar os últimos postos mais relevantes na escala social, política e econômica. Outros por sua vez, ou ficam no caminho ou ocupam posições na sociedade de menor relevância.

Vimos no decorrer desse tópico sobre a escola, pensamentos de Althusser que enfatizam a escola enquanto e simplesmente instrumento de reprodução da ideologia dominante, mas, também vimos as possibilidades que autor apresenta, quando afirma que no interior da escola existe resistência, luta e contradições entre

as classes ali se estabelecendo. Nesse sentido, também podemos afirmar que, no interior do próprio sistema capitalista, pode se reproduzir um modelo de escola que não seja capturado pela ideologia da classe dominante.

Pensamos que trazer esta leitura do pensamento de Althusser sobre os AIE, é analisar a possibilidade desse autor ter mostrado também a escola como um espaço de luta de classes. É reconhecer a contribuição do referencial teórico althusseriano para uma visão mais crítica e significativa da educação e especificamente da escola.

2.4 Sobre a Ideologia

Não podemos entender a concepção de sujeito e nem tampouco de educação em Althusser sem fazermos uma análise do que o autor pensa sobre a ideologia. Para isso, vamos trazer e fazer uma reflexão sobre esta, e o papel que ela ocupa na constituição das subjetividades e qual a sua influência na educação.

Antes de iniciarmos a reflexão sobre o papel que a ideologia assume na constituição dos indivíduos enquanto sujeitos na concepção althusseriana, queremos ressaltar alguns elementos que entendemos ser relevantes em relação à ideologia, e como alguns pensadores viram a contribuição de Althusser em relação a esta temática.

Durante toda a nossa pesquisa, observamos que basicamente não existe um consenso em torno de apenas um único conceito de ideologia. Ideologia não se apresenta como uma palavra unívoca; muito pelo contrário, a sua concepção e sua vivência varia de acordo com os vários interesses que permeiam uma dada formação social. Nesse sentido podemos falar que dentro do sistema capitalista existe várias ideologias, a exemplo da burguesa e da proletária. E que ambas podem ser assumidas de maneiras diferentes, e por diferentes pessoas. Para nós o termo ideologia sugere e suscita grandes reflexões, e são estas reflexões que nos permitirão mantermos alertas e ativos diante dos grandes problemas que atingem a existência humana.

Vários teóricos modernos e contemporâneos refletiram sobre o que é ideologia e o papel que esta assume na sociedade e nas relações sociais dentro do

sistema capitalista. Entre eles, Marx (1978), Gramsci (1986), Chauí (1988), Zizek (1992, 2013), Severino (1986), Terry Eagleton (1997), Paul Ricoeur (1988), Gallo (2009), Therborn (1989, 2012) etc. Todos eles mencionaram e ainda alguns mencionam nas suas reflexões de maneira direta ou indireta, criticando ou não, como a ideologia foi tratada e valorizada no pensamento de Althusser. Queremos apenas destacar o que os dois últimos pensadores citados disseram, mesmos com suas críticas a Althusser.

Gallo (2009), na sua obra “Subjetividade, ideologia e educação”, chama a nossa atenção afirmando que Althusser foi além da reflexão feita por Marx e Gramsci sobre a ideologia, quando afirma que a ideologia não se apresenta como um conjunto de ideias falsas, ilusões, que os indivíduos têm sobre a sua realidade, e nem tampouco é uma visão de mundo. Uma das questões importantes posta por Althusser sobre a ideologia, é a relação do indivíduo com a ideologia, é como, em última análise, a ideologia age sob cada um.

Já para Goran Therborn, o escrito de Althusser “Aparelhos ideológicos de Estado”, traz dois elementos básicos que vão além de outros escritos e escritores sobre a ideologia.

En primer lugar, Althusser conceptualizó de forma clara y explícita la función de la ideología en función de la formación de la subjetividad humana, vinculando, así, la teoría marxista de la sociedad con el psicoanálisis y la psicodinámica. En segundo lugar, rompió con la tradición de considerar la ideología como un cuerpo de ideas o de pensamientos y pasó a concebirla como un proceso social de alusiones, o “interpelaciones”, inscrito en unas matrices sociales materiales (THERBORN, 1989, p. 8).

É importante observar, que a reflexão feita por Althusser sobre a ideologia foi e continua sendo objeto de estudo de vários pensadores, não só no campo da filosofia, mas também em outras dimensões do conhecimento. Nesse sentido iremos a partir desse momento explorar mais o conceito de ideologia neste autor.

Uma das primeiras afirmações de Althusser, é que a ideologia não tem história (ALTHUSSER, 1985, p. 83). Segundo Gallo, Althusser ao fazer tal afirmação de imediato tem o cuidado de diferenciar o uso desse mesmo termo em Marx.

Se para Marx a ideologia não tem história por ser um rearranjo idealista, uma inversão das reais situações históricas, para Althusser, a ideologia não tem história como teoria, como características “abstratas” que podem existir em qualquer momento histórico. Explicando melhor, para ele, a ideologia, como teoria, apresenta-se como uma série de características que se encontram “desencarnadas”, desmaterializadas, fora do mundo histórico, mas que são válidas para qualquer momento histórico; isto é, toda ideologia específica, que existe necessariamente no processo histórico, é uma encarnação, materialização dessas características gerais. A ideologia em geral não tem história, é a-histórica, existe além do mundo físico histórico, independentemente das relações sociais existentes e das ideologias específicas (GALLO, 2009, p. 54).

Entendemos que Althusser ao afirmar que a ideologia geral não tem história é a-histórica, está fazendo uma alusão ao estruturalismo linguístico de Saussure do qual foi influenciado, onde a linguagem é uma estrutura que se sobrepõe aos indivíduos, independentemente da sua razão, vontade e desejos. O sujeito é forjado na estrutura. Nesse sentido, qualquer que seja a ideologia: política, religiosa, moral, etc., a estrutura delas permanece a mesma. O que pode modificar são alguns elementos, dependendo da realidade na qual os indivíduos estão inseridos, juntamente com os seus interesses.

No livro “Aparelhos Ideológicos do Estado” e “Sobre a Reprodução”, Althusser faz uma análise da ideologia, propondo uma teoria da ideologia geral. Lá o autor discorda da concepção de ideologia que está posta no livro de Marx e Engels (1977), intitulado “Ideologia Alemã”. Nesta obra “a ideologia é concebida como pura ilusão, puro sonho, ou seja, nada. Toda a sua realidade está fora dela. A ideologia é portanto pensada como uma construção imaginária da realidade” (ALTHUSSER, 1985, p. 83). Althusser vai repensar esta ideia, pois para ele o que é imaginário não é a representação que os indivíduos têm ou fazem da sua realidade concreta, das suas condições de vida, mas a relação que eles mantêm ou estabelecem com essa realidade. Um exemplo claro disso é quando um operário mesmo sendo explorado na sua força de trabalho, veste a camisa da fábrica na qual trabalha como algo seu, chegando inclusive a defender interesses contrários aos seus.

Para o autor, os AIE funcionam através da ideologia, mas esta não se confunde com eles, ou seja, a ideologia refere-se a uma realidade sobre a qual é necessário propor uma sistematização diferenciada. Lembremo-nos que o termo

ideologia foi forjado por Canabis⁶, Destutt de Tracy⁷ e seus amigos, e que designava por objeto a teoria genérica das ideias.

Sobre a ideologia, Althusser arrisca-se a fazer um esboço, apontando três teses sobre a mesma. A sua pretensão é propor uma teoria da ideologia em geral e não das ideologias particulares. Esta forma da teoria em geral da ideologia possibilita uma melhor compreensão das ideologias particulares, próprias de determinadas formações sociais e das lutas de classes.

A primeira tese é de que a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência. Parece-nos importante salientar que esta tese levantada por Althusser, tem uma relação íntima e estrita com a psicanálise lacaniana no que tange à trilogia da realidade, que são: real, simbólico e imaginário.

São aos dois últimos que Althusser vai vincular a ideologia. É também relevante frisar que este pensador ao relacionar ideologia, imaginário e simbólico, não tinha ciência da discussão que Lacan estava fazendo sobre a instância do real. Daí a crítica de Eagleton (1997) em dizer que o indivíduo não se resume apenas ao imaginário, mas também ao simbólico.

Mesmo sabendo que Althusser foi influenciado profundamente pela psicanálise lacaniana, não é o nosso objetivo fazer um estudo aprofundado até os limites dessa relação, mas, apenas apresentar algumas ideias relacionadas ao assunto.

Em relação à primeira tese Althusser vai fazer os seguintes comentários,

[...] não são as condições reais de existência, seu mundo real que os 'homens' "se representam" na ideologia, o que nelas é representado é, antes de qualquer coisa, a sua relação com as condições reais de existência.

É esta representação que está no centro de toda representação ideológica, e, portanto imaginária do mundo real [...] Então, é representado na ideologia não o sistema das relações reais que

⁶ Pierre-Jean George Canabis (1757-1808), foi um fisiologista e filósofo francês, ator político, durante a Revolução Francesa (1789-1799). Posteriormente foi derrotado porque não apoiou as políticas de Napoleão Bonaparte. Canabis se considerava um materialista. Foi um dos primeiros pensadores a usar o termo ideologia.

⁷ O conceito de ideologia foi criado pelo francês Antoine Louis Claude Destutt de Tracy (1754-1836). Este filósofo o empregou pela primeira vez em seu livro "Elementos de ideologia", de 1801, para designar o "estudo das ideias".

governam a existência dos homens, mas a relação imaginária desses indivíduos com as relações reais sob as quais eles vivem (ALTHUSSER, 1985, p. 87-88).

Aqui o autor enfatiza que a ideologia não é uma ilusão e nem tampouco um sonho. Ela não é a representação imaginária que os indivíduos têm da realidade concreta no sentido de retratar as suas próprias condições de trabalho, mas, o que é imaginário é a relação que os indivíduos mantêm nas suas relações de trabalho, ou seja, o operário nas suas condições de trabalho é a todo instante subjugado ao seu patrão, é explorado, etc., mas, mesmo assim, defende os interesses da empresa na qual trabalha em detrimento dos da sua classe.

Sobre esta citação, Gallo faz o seguinte comentário.

A ideologia não é, portanto uma representação direta do mundo, mas uma representação em segunda instância das relações de produção. Dessa perspectiva, o fenômeno ideologia aparece de forma mais clara: o homem não faz uma representação do mundo, mas uma representação de sua relação com esse mundo, por meio das relações de produção [...] (GALLO, 2009, p. 56).

Se faz necessário evidenciar que as palavras “relação imaginária”, é um conceito tipicamente lacaniano. Nesse sentido para Althusser a ideologia é imaginária não porque é algo que está na mente do sujeito, mas porque está ligada estritamente a instância do simbólico elaborada por Lacan. Temos uma estrutura primária que é o simbólico dentro de uma estrutura linguística (SAUSSURE, 1972), esse simbólico é encoberto, revestido etc., pelos vários sentidos que nós o damos, dependendo da realidade na qual estamos inseridos. Os sentidos que damos à estrutura do simbólico, que por sua vez permanece a mesma, em nosso entendimento, é o que Althusser denomina imaginário. Em outras palavras, o imaginário representa os múltiplos sentidos e significados que podemos dar à estrutura do simbólico.

Como já foi mencionado anteriormente, a grande originalidade do pensamento de Althusser, é que ele rompe com todas as concepções de ideologia que foram pensadas antes dele.

A segunda tese é de que “a ideologia tem uma existência material [...] uma ideologia existe sempre em um aparelho e em sua prática ou práticas. Esta existência é material” (ALTHUSSER, 1985, p. 88-89)

Cabe ressaltar que são nos AIE que as ideologias se materializam como um conjunto de práticas. Portanto a ideologia não é um conjunto de elementos puramente ideal e espiritual, mas material.

Althusser vai nos chamar atenção para os seguintes pontos: só há prática através de e sob uma ideologia; e só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito. O discurso de se afirmar que uma determinada posição é ideológica não tem sentido, pois toda e qualquer ação é ideológica. Ela se constitui enquanto práticas.

Na concepção de Althusser, a ideologia se apresenta como uma realidade vivida pelos homens, e que já não é possível viver sem esse referencial. Ela é tão indispensável à vida como o ar que respiramos. É importante frisar que nas próprias palavras de Althusser encontramos dados que endossam esse pensamento.

As práticas sociais e as ideias que os homens fazem delas estão estreitamente relacionadas. Pode dizer-se que não há prática sem ideologia e que qualquer prática, incluindo a científica, se realiza através de uma ideologia. Em todas as práticas sociais (quer pertençam ao domínio da produção econômica, ao da ciência, ao da arte, ao do direito, ao da moral ou da política), os homens que actuam estão submetidos às ideologias correspondentes, independentemente da sua vontade e mais ou menos com uma total ignorância do assunto (ALTHUSSER, 1989a, p. 42).

Acreditamos que Althusser, ao se referir a ideologia como tendo uma existência material, está evocando a linguagem a partir do estruturalismo. Tal influência vem de Saussure, quando afirma que a linguagem é material e que tem uma estrutura pronta, exterior ao homem. Linguagem esta que não pode ser entendida através da leitura kantiana, como algo subjetivo, no sentido da consciência psicológica, mas como um elemento exterior que se impõem à razão, à vontade.

A terceira tese é de que “a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos” (ALTHUSSER, 1985, p.93). Não existe ideologia para além do sujeito, como se ela fosse uma pura abstração da realidade. Ela permeia e perpassa as relações políticas, sociais e econômicas, “toda ideologia tem por função (é o que a define) “constituir” indivíduos concretos em sujeitos” (ALTHUSSER, 1985, p.93).

A concepção de Althusser sobre sujeito e ideologia posta no seu texto “Aparelhos Ideológicos de Estado”, tem uma relação estreita com a psicanálise

freudiana e lacaniana, como também é marcada pela estrutura da linguagem que nos antecede na nossa vontade, no nosso prazer e na nossa razão e nos instrumentaliza, como diz Saussure. Nos seus escritos intitulados “Freud e Lacan”, de 1969; e “Marx e Freud”, de 1976, encontramos elementos que ratificam esta influência, quando Althusser afirma:

Freud já dissera que tudo dependia da linguagem; Lacan precisa: “o discurso do inconsciente está estruturado como uma linguagem”. (ALTHUSSER, 1980, p. 119).

E mais, afirma Althusser:

Freud nos descobre por sua vez, que o sujeito real, o indivíduo na sua essência singular, não tem a figura de um ego, centrado sobre um “eu”, na “consciência” ou na “existência” - quer seja a existência do “para-si”, do corpo próprio, ou do “comportamento” - que o sujeito humano é descentrado, constituído por uma estrutura que ela também só tem “centro” no desconhecimento imaginário do “eu”, quer dizer, nas formações ideológicas em que ele se “reconhece” (ALTHUSSER, 1980, p. 129).

Como podemos observar, sob a influência de Freud e Lacan, Althusser dá um salto significativo em relação a constituição das subjetividades. Em primeiro lugar, não existe no pensamento althusseriano uma formação da subjetividade entendida como processo histórico, gradual e contínuo, onde os sujeitos vão progressivamente se tornando autônomos, autossuficientes, livres, críticos, conscientes, donos do seu destino e senhor da sua história.

Em segundo lugar, os sujeitos se constituem a partir da interpelação da ideologia. Significa dizer que a ideologia é uma estrutura, uma linguagem que se impõe e se sobrepõe aos indivíduos interpelados. É em consequência da interpelação ideológica que o sujeito descobre o seu lugar na estrutura da sociedade e ao responder a esta interpelação, os indivíduos antes perdidos na massa, anônimos se representam como outros sujeitos.

Podemos então dizer que, a partir da tese althusseriana da interpelação,

O sujeito é um efeito ideológico elementar, e essa tese implica um rompimento com a ideologia da transparência da linguagem que contamina o idealismo. Segundo Paul Henry, a hipótese do inconsciente freudiano, ao tomar o sujeito como efeito da linguagem, pressupõe igualmente esse rompimento com a ideologia da transparência da linguagem, da mesma forma em que rompe com uma concepção psicológica do sujeito considerado como “centro, fonte, unidade de uma interioridade (HENRY, 1992, p. 30).

E mais,

A evidência do sujeito, inclusive a evidência de que “eu sou realmente eu”, mascara, portanto, que o sujeito se produz no processo de interpelação-identificação a partir dos lugares que lhe são designados nesse processo (CARVALHO, 2008, p. 86).

Esta citação de Carvalho nos chama a atenção no sentido de que não existe um eu fixo, estável, centrado, pronto. Nos parece que o importante, é evidenciar que os sujeitos nesse processo de interpelação-identificação se produzem a partir dos lugares que lhe são designados, que é prática, daí, se deixar de praticar, deixa também a subjetivação que se constitui na prática mesma.

Althusser, dando continuidade ao seu estudo sobre a ideologia, ainda nos adverte.

A ideologia não é, pois, uma aberração ou uma excrecência contingente da história: é uma estrutura essencial à vida histórica das sociedades. Unicamente, aliás, a existência humana e o reconhecimento da sua necessidade podem permitir que se possa agir sobre a ideologia e transformar a ideologia em instrumento refletido sobre a história. Convencionou-se dizer que ideologia pertence à região da “consciência”. É preciso não se deixar enganar por esse epíteto, que permanece contaminando a problemática idealista anterior a Marx. Na verdade, a ideologia pouco tem a ver com a “consciência”, ao supor que esse termo tenha um sentido unívoco. Ela é profundamente inconsciente, mesmo quando se apresenta (como na “filosofia” pré-marxista) sob uma forma refletida. A ideologia é, antes de tudo, um sistema de representações: mas essas representações, na maior parte das vezes nada tem a ver com a “consciência”: elas são na maior parte das vezes conceitos, mas é antes de tudo como estruturas que elas se impõem a imensa maioria dos homens, sem passar para sua “consciência”. São objetos culturais percebidos-aceitos-suportados, e que agem funcionalmente sobre os homens por um processo que lhes escapa [...] (ALTHUSSER, 1979, p. 205-206).

Esta citação se revela importante por alguns motivos, entre eles, aquele que aponta que a ideologia é uma relação vivida pelos homens, e que ela se apresenta como um elemento indispensável às relações sociais, políticas e econômicas, e mais ainda, é um mecanismo que alimenta e fomenta as relações de produção.

Um outro elemento não menos importante, é quando o autor mostra a ideologia como uma necessidade, atribuindo a esta uma força e um poder que vai além daquilo que é proposto pelas filosofias da consciência, pois, é como estruturas que ela se impõe a cada um de nós. Nesse sentido a ideologia, é uma força estranha que interpela os indivíduos enquanto sujeitos. É ela que diz qual o lugar dos sujeitos na estrutura da sociedade. Quando os indivíduos se reconhecem nessa interpelação ideológica, e respondem, “eu estou aqui”, nesse exato momento, eles ocupam um lugar na formação social na qual estão inseridos. Mas nunca podemos esquecer que este lugar de ocupação já estava determinado pela ideologia.

Para nós, no mínimo, três elementos importantes surgem a partir desse contexto, são eles:

1. A ideologia que interpela os indivíduos enquanto sujeitos, pode ser de dimensão capitalista dominante, como pode ser a ideologia da classe proletária. É dentro desse jogo de interpelação que pode emergir diferentes imaginários, inclusive aquele que o capitalismo não captura, que é o imaginário resultante da interpelação da ideologia operária. É interessante frisar que tais imaginários mudam, mas o tipo de estrutura ideológica, simbólica e estrutural continua sendo a mesma;
2. A ideologia ao interpelar os indivíduos enquanto sujeitos, de imediato, os tiram da condição de mais um ou ninguém no corpo da sociedade; ela os possibilita sair da condição de anonimato;
3. A ideologia constitui indivíduos anônimos em sujeitos. A interpelação ideológica é a condição necessária para que os indivíduos se constituam enquanto sujeitos.

Althusser dando continuidade ao seu pensamento sobre a ideologia, ainda nos impulsiona a observar e refletir que a formação das ideologias não se dá dentro dos AIE.

O autor marxista parte da ideia de que “as ideologias, não nascem dos AIE, mas das classes sociais em luta: de suas condições de existência, de suas práticas de suas experiências de luta” (ALTHUSSER, 1985, p. 107).

Esta reflexão nos possibilita pensar que a escola enquanto um elemento do Aparelho Ideológico do Estado escolar, e o conhecimento lá distribuído, transmitido e assimilado, não representam a ideia que o autor tem de educação. Pois nas argumentações do mesmo, o processo educativo não se resume aos AIE, e nem tampouco a instituição escola.

Quando o mesmo teórico influenciado pelos pensadores clássicos do marxismo, entre eles, o próprio Marx, Engels, Lênin e Gramsci, trava uma discussão de que é na infraestrutura, ou seja, na base econômica da sociedade que funciona o modo de produção capitalista, as relações de produção e consequentemente a formação da ideologia, ele está afirmando que este é o lugar por excelência da constituição das ideologias. Pois é nesse ambiente de divisão de trabalho, de luta de classes, que a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos.

É na base social, política e econômica da sociedade que os indivíduos são interpelados a todo instante pela ideologia, o sujeito emerge a partir da interpelação ideológica, cabendo-lhes reconhecer-se nesse processo ideológico o seu lugar na estrutura da sociedade, e a partir desse reconhecimento como sujeito, este deve descobrir o potencial transformador ou não dessa interpelação e responder de forma positiva ou negativa a esta inquisição.

É evidente que a interpelação que surge da ideologia da classe dominante em relação à classe dominada é mais forte e coesa, pois esta se reveste e se legitima a partir do poder do Estado, que é um instrumento nas mãos da classe dominante para se perpetuar no poder. Mas isso não impede que nas relações de produção, nas condições materiais reais de existência, existam ideologias que se contraponham a ideologia burguesa vigente, e resista a toda e qualquer forma de dominação.

É importante também salientar no pensamento althusseriano que podem existir interpelações ideológicas competindo entre si, formando possibilidades de explicação de uma mesma realidade. Dentro desta perspectiva o sujeito pode se constituir na interpelação ideológica burguesa, como através da interpelação

ideológica proletária. Entretanto ele não chega a desenvolver e nem tampouco sistematizar essas ideias.

Esta posição ideológica pode “contaminar os AIE, daí Althusser frisa que,

[...] os AIE podem não apenas ser os meios mas também o lugar da luta de classes[...] não somente porque as antigas classes dominantes podem conservar durante muito tempo fortes posições naqueles, mas porque a resistência das classes exploradas pode encontrar meio e ocasião de expressar-se neles, utilizando as contradições existentes ou conquistando pela luta posições de combate (ALTHUSSER, 1985, p. 71- 72).

Está evidente nesta citação que autor não vê apenas o caráter conservador, reproduzidor da ideologia dominante, reacionário dos aparelhos ideológicos de Estado, no sentido de apenas disseminar e fortalecer a ideologia burguesa. Estes espaços não são entendidos como simplesmente neutros. Existe a possibilidade da classe operária a partir das próprias contradições existentes nos AIE, encontrarem espaço de luta e resistência em prol de seus próprios interesses.

Neste pensamento, talvez seja ousado da nossa parte, mas poderíamos citar como um dos exemplos o Movimento dos Sem Terra (MST). Pois mesmo diante dos grandes interesses do capital econômico, e com todos os aparelhos ideológicos e repressores de Estado, este movimento a partir da sua organização política de luta ainda resiste as várias formas de opressão do Estado capitalista, e consequentemente da classe dominante. Este Movimento embora esteja inserido dentro do sistema capitalista, reproduz uma ideologia que não é a ideologia da classe dominante, é uma ideologia que fortalece os interesses da classe trabalhadora. Portanto não é apropriado dizer que a teoria da reprodução em Althusser limita-se a reproduzir a ideologia capitalista dominante. Há possibilidades de novas ideologias se estabelecerem e se afirmarem.

É importante salientar dentro desse contexto o papel da ideologia na unificação das práticas do partido comunista e na luta de classes, Althusser oferece elementos que colaboram para uma melhor compreensão sobre o lugar que a teoria da ideologia em geral ocupa na luta ideológica.

Em um parágrafo longo, ele ressalta:

Poderá dizer-se, indubitavelmente, que o partido comunista se constitui também, como todos os partidos, sobre a base de uma ideologia, a qual ele mesmo chama de ideologia proletária. Certo. Também nele a ideologia desempenha um papel de cimento (Gramsci) de um grupo social definido, cujo pensamento e práticas unifica. **Também nele a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos, muito exatamente como sujeitos militantes:** basta ter alguma experiência concreta de um partido comunista para ver como se desenvolve esse mecanismo e essa dinâmica, que, em princípio, não marca mais o destino de um indivíduo do que o faz qualquer outra ideologia, tendo-se em conta o jogo e as contradições que existem entre as diferentes ideologias. **Mas o que se chama a ideologia proletária não é a ideologia puramente espontânea do proletariado, na qual elementos (Lenine), proletários se combinam com elementos burgueses, estando em geral, submetidos a estes.** E isso porque, para existir como base consciente de sua unidade e ativa em sua organização de luta, o proletariado necessita não somente da experiência (a das lutas de classes em que combate há mais de um século), mas também de conhecimentos objetivos, cujos fundamentos a teoria marxista lhe proporciona. **Sobre a dupla base dessas experiências, iluminadas pela teoria marxista, constitui-se a ideologia proletária, ideologia de massas, capaz de unificar a vanguarda da classe operária em suas organizações de luta de classe; trata-se, portanto, de uma ideologia muito particular: é ideologia, uma vez que a nível das massas, funciona como toda ideologia (interpelando os indivíduos como sujeitos), mas impregnada de experiências históricas, iluminadas por princípios de análise científica [...]** (ALTHUSSER, 1985, p. 123-124, grifo nosso).

Este diálogo que Althusser trava com o partido comunista francês, e que posteriormente vai resultar em dos seus escritos com o título de, “O que não pode durar no partido comunista”, se reveste de elementos que possibilitam fazermos uma série de apontamentos, entre eles, podemos citar: 1- Que o sujeito pode ao ser interpelado pela ideologia, reconhecer-se nessa interpelação, não enquanto portador e reprodutor da ideologia burguesa, mas como agente militante e revolucionário na perspectiva de se afirmar enquanto classe. 2- Althusser trava uma discussão com Lênin, pois este último entendia a ideologia proletária de forma pejorativa, como instinto de classe, não atribuindo a esta um caráter político revolucionário. 3- O autor atribui à ideologia marxista uma dimensão científica, e nesse sentido, não mais encontramos de maneira acirrada, como nos seus primeiros escritos, a divisão epistemológica entre ciência e ideologia.

Nas primeiras obras de Althusser, entre elas: “A Favor de Marx” e “Ler o Capital”, ambas compostas por artigos escritos no início da década de 1960, o autor

distingue ideologia e ciência, atribuindo a esta última um grau de superioridade em relação a primeira. Em algumas obras posteriores entre elas, “Aparelhos Ideológicos de Estado” e “Sobre a Reprodução”, Althusser mostra que todo conhecimento é ideológico, e nesse sentido a ciência não é uma exceção. 4- A ideologia proletária é uma ideologia muito particular, particular no sentido que parte da classe proletária, suas lutas, suas experiências, suas organizações políticas e conquistas, mas não deixa de ser também uma ideologia.

Cabe também ressaltar aqui, a presença de alguns elementos que mostram claramente uma concepção de educação em Althusser como constituição das subjetividades. A ideologia da classe operária como outra qualquer interpela os indivíduos enquanto sujeitos. Um dado muito importante apresentado aqui pelo autor, é que essa interpelação tem como fundamentação a linguagem e a estrutura, que se impõe aos homens. As experiências históricas iluminadas pelos princípios da teoria marxista são instrumentos imprescindíveis para a classe proletária se afirmar enquanto classe, consciente de sua unidade e ativa em sua organização de luta. Pensamos que essa experiência histórica advém das organizações de luta da classe operária, entre elas: do partido comunista, dos sindicatos e das relações de produção na base econômica da sociedade.

Podemos observar que Althusser apresenta um debate sobre a ideologia como um elemento constitutivo da constituição das subjetividades, e consequentemente da educação, e mesmo em uma sociedade sem classes sociais antagônicas, elas existiriam.

3 A IDEIA DE SUJEITO MODERNO EM CONFRONTO COM A CONCEPÇÃO DE SUJEITO EM ALTHUSSER

No segundo capítulo, já expomos algumas ideias básicas que permeiam o pensamento de Althusser no tocante a sua concepção de sujeito, entretanto assumimos o compromisso de aprofundá-las neste capítulo.

Inicialmente queremos frisar que a temática do presente capítulo, pode ser estudada e analisada a partir de múltiplos olhares, mas nenhum deles é de fácil reflexão, e nem tampouco dará conta totalmente da problemática da questão apresentada. Portanto, o que tentaremos fazer aqui é pontuar alguns elementos que possibilitarão compreendermos melhor a concepção de sujeito moderno e diferenciá-la da concepção de sujeito em Althusser. Além disso, iremos mostrar que as críticas feitas por Saviani, que ocupa um lugar de herdeiro e defensor de uma concepção de sujeito moderno, a Althusser, no sentido que este último apenas fez uma leitura reprodutora dos AIE, condenando todas as relações sociais, políticas e econômicas, à reprodução da ideologia dominante, não se sustentam.

Não é nossa intenção mostrar respostas estáveis, fixas e acabadas, mas propor uma reflexão aberta e crítica, capaz de fomentar ideias que promovam e ressignifiquem o pensamento de Althusser no que tange a sua contribuição para uma concepção de sujeito que rompe com a concepção de sujeito moderno.

3.1 A concepção de sujeito moderno

Mapear a concepção de sujeito moderno e suas implicações no pensamento pedagógico brasileiro é uma tarefa complexa, pois teríamos que partir de detalhes teóricos dos vários pensadores que contribuíram de forma direta ou indiretamente para essa concepção.

Teríamos ainda, que fazer um estudo e conseqüentemente uma análise das principais tendências pedagógicas que permearam e permeiam a educação escolar

no Brasil, entre elas: A humanista tradicional, a humanista moderna e analítica, a crítico-reprodutivista e a dialética⁸.

A construção da concepção de sujeito moderno como um indivíduo autônomo, racional, livre, indivisível, pensante, único, histórico, dotado de faculdades mentais, etc., tem as suas raízes no pensamento de Descartes (1596-1650); Locke (1632-1704); Rousseau (1712-1778); e outros. Tentaremos apenas abordar algumas ideias referentes a estes três pensadores, pois entendemos serem relevantes para a presente reflexão, sem com isso, negar a importância dos demais.

O primeiro afirma categoricamente no seu livro “Meditações Metafísicas”, a separação entre corpo e alma. Atribuindo a esta última a superioridade em relação ao primeiro. Descartes se referindo ao mundo das coisas existentes, diz.

E, portanto, pelo próprio fato de que eu conheço com certeza que existo, e que, no entanto, não noto que pertença necessariamente nenhuma outra coisa à minha natureza ou a minha essência a não ser que sou uma coisa que pensa, concluo muito bem que a minha essência consiste apenas nisto: sou uma coisa que pensa, ou uma substância cuja essência toda ou natureza é somente pensar. (E, embora talvez/ou melhor, certamente, como logo direi) eu tenho um corpo ao qual sou muito estreitamente conjunto, não o bastante, porque de um lado tenho uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa que pensa e não extensa, e que, do outro, tenha uma ideia distinta do corpo, na medida em que ele é apenas uma coisa extensa e que não pensa, é certo que esse eu, ou seja, minha alma, pela qual sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distinta de meu corpo e pode ser ou existir sem ele (DESCARTES, 2011, p. 117-118).

Essas palavras de Descartes “desautorizam” qualquer possibilidade de pensar na construção de conhecimentos seguros a partir dos sentidos, e conseqüentemente a partir das experiências de vida dos grupos sociais. Os sentidos aparecem como enganadores e apenas proporcionam uma visão equívoca da realidade.

Ainda tratando das percepções dos sentidos, Descartes afirma:

⁸ Divisão das tendências pedagógicas brasileiras feitas por Dermeval Saviani.

Pois é, ao que me parece, apenas ao espírito, e não ao composto do espírito e do corpo, que compete conhecer a vida dessas coisas (DESCARTES, 2011, p. 124).

[...] Assim para começar esse exame, observo aqui, primeiramente, que há uma grande diferença entre o espírito e o corpo, pelo fato de o corpo, por sua natureza, ser sempre divisível e de o espírito ser inteiramente indivisível. Pois, com efeito, quando considero meu espírito, ou seja, eu mesmo na medida em que sou somente uma coisa que pensa, nele não possa distinguir nenhuma parte, mas concebo-me como uma coisa única e inteira. E, conquanto todo o espírito pareça estar unido a todo o corpo, todavia, estando separados de meu corpo um pé, ou um braço, ou alguma outra parte, é certo que nem por isso haverá algo suprimido de meu espírito (DESCARTES, 2011, p. 128-129).

É interessante percebermos nesta citação, o quanto Descartes prioriza o espírito em detrimento do corpo. O espírito é a origem, a essência centrada no eu, o indivisível. Enfim, é o elemento que caracteriza a essência humana. Portanto, o único elemento que possibilita o homem chegar as verdades universais. Em ambas as citações o autor é claro ao dizer que tem um corpo, e não eu sou o meu corpo.

Entretanto em alguns momentos da reflexão cartesiana, percebemos com uma certa clareza uma retórica própria da escolástica de atribuir aos sentidos uma validade diante do intelecto, vejamos o que o autor afirma.

E porque lembrava também de que me servira mais dos sentidos do que da razão, e porque reconhecia que as ideias que eu formava por mim mesmo não eram tão expressas quanto as que recebia pelos meus sentidos, e mesmo que o mais das vezes eram compostas de partes destas, persuadia-me facilmente de que não tinha ideia nenhuma em meu espírito que não tivesse passado antes por meus sentidos (DESCARTES, 2011, p. 114).

Quando lemos este pensamento de Descartes de imediato abre-se a possibilidade no leitor de que os sentidos se sobrepõe ao intelecto, ou pelo menos, são mecanismos que nos ajudam a partir das experiências do mundo objetivo a chegar a verdade. Entretanto, posteriormente o autor enfatiza.

Entretanto, mais tarde, várias experiências arruinaram pouco a pouco todo o crédito que eu dera aos sentidos. Pois várias vezes observei que torre, que de longe me haviam parecidas redondas, de perto me pareciam ser quadradas; e que colossos, erguidos sobre os mais altos topos daquelas torres, pareciam-me pequenas estátuas ao olhá-los de baixo; e, assim, numa infinidade de outras situações, encontrei erro nos juízos fundados sobre os sentidos exteriores. E

não somente sobre os sentidos exteriores, mas mesmo sobre os interiores; pois há coisa mais íntima ou mais interior do que a dor? E, no entanto, outrora soube de algumas pessoas que tinham os braços e as pernas amputados, que por vezes parecia-lhes ainda sentir dor na parte que lhes fora amputada; o que me dava motivo de pensar que também eu não podia estar seguro de ter um mal em algum de meus membros, embora nele sentisse dor (DESCARTES, 2011, p. 115-116).

Descartes, como um pensador racionalista atribui, como já expusemos, toda a capacidade na obtenção do conhecimento na razão, em detrimento dos sentidos. As experiências, práticas e vivências do indivíduo na sua realidade objetiva não têm valor na construção dos conhecimentos universais. Embora ele admita que o composto corpo-alma pode de certa maneira prover alguns conhecimentos, mas muito limitados.

Do ponto de vista pedagógico o pensamento de René Descartes, marcou profundamente a relação professor-aluno. O professor é a autoridade pensante, detentor do conhecimento. Já o aluno na sua idade infantil, se apresenta como dependente de verdades que só o professor pode transmiti-lo. Nas relações sociais também percebemos a influência desse autor. Existe uma separação entre o trabalho intelectual e o manual. Sempre e em todos os casos, o primeiro se sobrepõe. Na religião esta influência é mais marcante. O homem é composto por um corpo e uma alma, e esta última é imortal. Existe uma educação para a domesticação do corpo, e tudo a ele ligado.

O sujeito de Descartes, é um sujeito racional, indivisível, metafísico, autodeterminado, autoconsciente, autossuficiente, autocontrolado, transcendental.

Dentro desta linha de pensamento, embora com algumas diferenças, encontra-se John Locke. Mesmo não acreditando nas ideias inatas e nem tampouco na supremacia da razão sob os sentidos, como queria Descartes, este autor crê em faculdades mentais com que os indivíduos já nascem, e que as experiências vão paulatinamente preenchendo-as. Para ele o ser humano é uma “tábula rasa”.

Locke, pensador empirista, diferentemente de Descartes, vai atribuir a experiência uma dimensão sem a qual, é impossível a construção do conhecimento. E nesse sentido, ele vai criticar as ideias inatas defendidas por Descartes, e vai afirmar.

A maneira pela qual adquirimos qualquer conhecimento constitui suficiente prova de que não é inato. Consiste em uma opinião estabelecida entre alguns homens que o entendimento comporta certos princípios inatos, certas noções primárias, koinaiénoiai, caracteres, os quais estariam estampados na mente do homem, cuja alma os recebera em seu ser primordial e os transportara consigo ao mundo. Seria suficiente para convencer os leitores sem preconceito da falsidade desta hipótese se pudesse apenas mostrar [...], como os homens, simplesmente pelo uso de suas faculdades naturais, podem adquirir todo conhecimento que possuem sem a ajuda de quaisquer impressões inatas e podem alcançar a certeza sem quaisquer destas noções ou princípios originais (LOCKE, 1999, p. 151).

Como podemos observar, Locke nega qualquer tipo de ideias ou conhecimentos inatos. Todas as ideias e conhecimentos podem ser alcançados pelas faculdades naturais. Os sentidos assumem uma posição privilegiada. Eles podem fornecer conhecimentos válidos e verdadeiros universalmente. Posteriormente ele vai afirmar que, “a capacidade é inata, mas o conhecimento é adquirido” (LOCKE, 1999, p. 152).

Daí a necessidade de entendermos que para o autor as faculdades mentais são inatas e não adquiridas. Entretanto, tais faculdades não possuem um conteúdo predeterminado e impresso na sua alma como queria Platão. O conteúdo dependerá do meio social, político, cultural, econômico e ético no qual os indivíduos estão inseridos. As experiências vivenciadas pelos indivíduos, constituirão em última instância tais faculdades, e por consequência o sujeito.

Ainda sobre os sentidos e a questão da verdade, ressalta o autor: “[...] Os sentidos inicialmente tratam com ideias particulares, preenchendo o gabinete ainda vazio, e a mente se familiariza gradativamente com algumas delas, depositando-as na memória e designando-as por nomes” (LOCKE, 1999, p. 154).

Torna-se compreensivo que a mente através dos sentidos parte de ideias simples até chegar as ideias complexas. Tal capacidade só é possível através do nosso contato com o mundo objetivo e pelas nossas faculdades, que gradualmente vai tornando as ideias particulares em ideias gerais. Pensamos que nesse contexto, Locke dá um salto significativo de conciliar os sentidos com as faculdades mentais que são inerentes a cada homem.

O autor atribui a educação uma função singular, quando afirma, que os princípios inatos da moralidade podem, mediante a educação, costume e a opinião

geral daqueles com quem conversamos, serem apagados e, finalmente estropiados das mentes dos homens. Esta ideia de Locke é de suma importância, pois ele mostra a importância da experiência social como referencial para dar significado ou ressignificado as ideias que tem assentamento em um dado grupo social. Faz-se necessário frisar que os princípios morais nesse autor, são princípios de uso, e como tais não tem sentido de universalidade, ou seja, cada sociedade reproduz os seus valores, a sua cultura, a sua moral, etc.

A linguagem também assume no pensamento do autor um lugar de destaque, quando enfatiza.

O homem é equipado para formar sons articulados. Deus tendo designado o homem como criatura sociável, não fez apenas com inclinação e necessidade para estabelecer camaradagem com os de sua própria espécie, mas o forneceu também com a linguagem, que passou a ser o instrumento mais notável e laço comum da sociedade. O homem, portanto, teve por natureza seus órgãos de tal modo talhados que está equipado para formar sons articulados, que denominamos palavras. Isto, porém, não foi para produzir a linguagem, pois não só os papagaios como vários outros pássaros poderão ser ensinados para emitir sons articulados e com suficiente distinção, embora não sejam de nenhum modo capazes de linguagem (LOCKE, 1999, p. 227).

A linguagem se apresenta na concepção do autor não como um agregado de sons articulados, mas é pela linguagem que as experiências se fortalecem e se mantêm vivificantes. Podemos ser ousados e inferir que é através da linguagem e da palavra que a educação se transforma em uma experiência que dá sentido e significado à existência humana.

No decurso dessa reflexão sobre Locke, pudemos constatar algumas diferenças e semelhanças entre ele e Descartes, mas em última instância, a concepção de sujeito neste primeiro também é de um sujeito racional, livre, autônomo, que está gradualmente se formando historicamente.

Não poderíamos nesta reflexão deixar de mencionar Rousseau (1995). Pensador que já comentamos brevemente no segundo capítulo. É importante frisar que mesmo com os seus limites, inclusive em alguns pontos que entendemos serem utópicos, este autor revolucionou a educação da sua época.

Rousseau (1995) no nosso olhar, foi um pensador, e mais ainda, um teórico da educação que levou até as últimas consequências o seu entendimento de colocar a criança enquanto um ser único, singular, e ao mesmo tempo universal, tendo como referencial a sua própria natureza. Natureza aqui não entendida como a phisis, mas como a essência humana.

Tal postura de Rousseau (1995), causou críticas e polêmicas na sua época. Pois a educação vigente do seu tempo era muito racionalizada, técnica, e também muito impositiva. A criança era entendida apenas enquanto potência, como uma folha em branco, onde paulatinamente seria moldada a partir dos hábitos do adulto. Rousseau (1995) propõe uma pedagogia centrada na criança, dando ênfase a sua liberdade.

O autor sugere uma pedagogia que respeite a integridade, a autenticidade e a autonomia da criança. Sua pedagogia prima mais pela aprendizagem do que propriamente pelo ensino.

A grande meta da educação para Rousseau (1995), é justamente a constituição de sujeitos moralmente autônomos. É importante salientar também, que o pensamento do autor não se limitou a apenas o campo teórico, mas, as suas inquietações surgiram a partir da realidade na qual ele estava inserido, sugerindo mudanças urgentes naquela estrutura educacional.

É dentro desse contexto que queremos citar algumas ideias de Rousseau que pensamos serem relevantes para ilustrar o que acabamos de mencionar.

O autor iniciando as suas críticas a educação vigente da sua época, afirma.

Deplora-se o estado da infância; não se vê que a raça humana teria perecido se o homem não começasse sendo criança. Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é-nos dado pela educação. Essa educação nos vem da natureza, ou dos homens ou das coisas. O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e o ganho de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas (ROUSSEAU, 1995, p. 10-11).

Podemos observar com clareza alguns elementos relevantes nessa citação. O primeiro deles, talvez seja uma crítica do autor a educação tradicional, que não respeitava a criança enquanto dotada de uma natureza humana, e que como tal necessitava de liberdade para descobrir-se e concomitantemente descobrir o outro e o mundo.

Um segundo elemento de igual importância, é o papel que a educação assume no pensamento de Rousseau enquanto condição imprescindível para que a criança e posteriormente o adulto, não se desvie da sua natureza enquanto ser único, singular. E quanto mais o indivíduo se reconhece enquanto um ser singular, mais ele se reconhece e se identifica enquanto um indivíduo universal.

O terceiro e último elemento, é que a educação pode se dar de três maneiras. Entretanto, Rousseau sugere que a educação que nos é dada a partir da natureza tem a primazia sob as demais. Pois é a partir dessa formação inicial que dependerá a boa educação da constituição do sujeito moral universal.

O autor de “Emílio ou Da Educação”, segue nas suas críticas a educação tradicional e exaltando a educação através da natureza, e afirma.

Na ordem social, em que todos os lugares estão marcados, cada um deve ser educado para o seu. Se um indivíduo, formado para o seu, dele sai, para nada mais serve. A educação só é útil na medida em que sua carreira acorde com a vocação dos pais; em qualquer outro caso ela é nociva ao aluno, nem que seja apenas em virtude dos preceitos que lhe dá[...] Na ordem natural, sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é o estado de homem, e quem quer que seja bem educado para esse, não pode desempenhar-se mal dos que com esse se relacionam. Que se destine meu aluno à carreira militar, à eclesiástica, ou à advocacia pouco me importa. Antes da vocação dos pais, a natureza chama-o para a vida humana. Viver é o ofício que lhe quero ensinar. Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente um homem. Tudo o que um homem deve ser, ele o saberá, se necessário, tão bem quanto quem quer que seja; e por mais que o destino o faça mudar de situação, ele estará sempre em seu lugar (ROUSSEAU, 1995, p. 15).

Como podemos notar, mais uma vez Rousseau está criticando a educação tradicional, desta vez mostrando o seu aspecto conservador e reprodutor das funções que cada um tem que desempenhar no interior da sociedade. Segundo o autor dentro desta estrutura, os lugares estão determinados de acordo com as

condições socioeconômicas dos pais e dos seus respectivos desejos. É como se todos tivessem condenados a negar-se em prol de um status social imposto pela sociedade. Para o filósofo, o fundamento da educação não são as experiências sociais, mas sim a natureza humana. A metafísica da natureza humana é o fundamento a priori da educação. Nesta mesma linha de pensamento o autor ainda dá ênfase a autoeducação pela natureza. Mais uma vez, é importante ressaltar, que não se trata da natureza no sentido de physis, mas sim, de uma natureza enquanto essência humana, enquanto algo que vai além dos arbustos. E nesse sentido, o professor não é aquele que simplesmente ensina, mas a sua principal função é formar um sujeito moralmente autônomo. Sujeito este, que estará pronto para viver na sociedade política.

Em mais uma citação, Rousseau nos chama a atenção para alguns pontos que são indispensáveis na formação do homem, frisa ele: “O bem-estar da liberdade compensa muitas machucaduras. Meu aluno terá muitas contusões, em compensação estará sempre alegre. Se os vossos tiverem menos, mostrar-se-ão sempre contrariados, sempre tristes. Duvido que o proveito esteja do lado deles”.

E ainda diz:

Outro progresso torna as queixas da criança menos necessárias: O de suas forças. Podendo mais por si mesmas sentem necessidade menor de recorrer a outrem. Com a sua força desenvolve-se o conhecimento que as põe em estado de dirigi-la. É nesse segundo período que começa propriamente a vida do indivíduo; é então que a criança toma consciência de si mesma. A memória projeta o sentimento de sua identidade em todos os momentos de sua existência; ela torna-se verdadeiramente uma, e mesma, e por conseguinte já capaz de felicidade ou de miséria. Importa, portanto, começar a considerá-la um ser moral (Rousseau, 1995, p. 60).

Toda a reflexão de Rousseau parte da sua grande máxima que diz: “O homem nasce livre e por toda parte se encontra sob grilhões”. Podemos perceber que uma das grandes preocupações desse autor é deslocar, ou melhor, é fazer com que as crianças não se aproximem dos valores e princípios da educação tradicional. Pois esta, em última análise, corrompe as crianças, as tornando em simples objetos de manipulação do adulto.

Nos parece claro nesta citação, o lançar da concepção de sujeito moderno. Este se apresenta como um ser livre desde o seu nascimento, consciente, singular, moralmente autônomo. O homem tem uma essência natural individual, e o reconhecimento desta, faz com que este participe de uma natureza universal.

Rousseau ainda vai nos advertir e ao mesmo tempo criticar, a ideia de uma separação entre o corpo e a alma, quando diz. “É um erro lamentável imaginar que o exercício do corpo prejudique as operações do espírito: como se essas duas ações não devessem andar de acordo, e que uma não devesse sempre dirigir a outra” (Rousseau, 1995, p. 112).

Nesse sentido nos parece, que o autor se distancia da concepção dicotômica de corpo e alma de Platão, como também do pensamento de Descartes quando destaca a superioridade do espírito sob o corpo.

Toda esta reflexão que acabamos de fazer sobre os principais pilares que deram origem a concepção de sujeito moderno, vai servir também de orientação para outros filósofos modernos, como: Kant, Feuerbach, etc.

Além desses pensadores supracitados, que de certa maneira seguiram a noção de sujeito cartesiano do “cogito, ergo sum” ou seja, “penso, logo existo”, alguns movimentos entre os séculos XVI e XVIII contribuíram para consolidar este pensamento, entre eles, destacam-se:

A Reforma e o Protestantismo, que libertaram a consciência individual das instituições religiosas da igreja e a expuseram diretamente aos olhos de Deus; o humanismo renascentista, que colocou o homem no centro do universo, as revoluções científicas, que conferiram ao homem a faculdade e as capacidades para ingerir, investigar e decifrar os mistérios da natureza; e o iluminismo, centrado na imagem do homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida e dominada (HALL, 2002, p. 18).

Todos estes movimentos citados por Hall, tinham como objetivo principal mostrar o homem na sua singularidade, e nesse sentido, atribuem a estes características, como: racional, autônomo, autossuficiente, consciente. Características estas, que até então não eram valorizadas, principalmente nas reflexões feitas pelos filósofos gregos, e especificamente no pensamento de Platão.

É dentro deste contexto que surge o pensamento de John Dewey (1859-1952). Este pensador embora não rompendo totalmente com a concepção de sujeito moderno, traz elementos significativos para a filosofia da educação. Dewey é um dos teóricos da educação que ousou fazer uma crítica sistemática a concepção cartesiana de indivíduo, e consequentemente a concepção moderna de sujeito. Para ele o indivíduo se apresenta como um todo orgânico, onde a experiência vivida e vivificante nos mais variados grupos sociais, servem de referencial para o processo educativo.

Nesse sentido, diz Dewey:

[...] O fato é que todo indivíduo se desenvolve e sempre deverá desenvolver-se em um meio social. Suas “respostas”, tornam-se inteligentes ou adquirem significação simplesmente porque ele vive e age em um meio de significados e valores reconhecidos como tais. Pelo intercâmbio social, tomando parte em atividades que encarnam convicções, ele gradualmente adquire espírito próprio. A concepção de espírito como uma coisa isolada que o indivíduo possui está polarmente oposta a verdade. O indivíduo cria o espírito, desenvolve a mente na proporção em que o conhecimento das coisas se acha corporificado na vida que o cerca; o eu não é, um espírito isolado a criar novos conhecimentos por conta própria (DEWEY, 1959b, p. 325).

Esta posição de Dewey rompe com a ideia de um sujeito autônomo, do indivíduo único e formador de si próprio. Desconstrói a noção de autodeterminação e autossuficiência do sujeito. O processo educativo deve partir necessariamente da vida social dos indivíduos, ou seja, das suas práticas, vivências e experiência social.

Dentro deste contexto, frisa o autor.

Alega-se que o espírito percebe as coisas independentemente de suas relações – e que concebe ideias dessas coisas, sem atender as suas associações – ao que as antecede ou suceda [...]. O fato é, entretanto, que toda a percepção e toda ideia nada mais é do que o senso do alcance, do uso e de causa de alguma coisa (DEWEY, 1959b, p. 156).

A simples ideia para Dewey é desprovida de significado. É a partir das relações sociais e políticas que os indivíduos se constroem, e ainda mais, é a partir do uso e do alcance, ou seja, da experiência vivida e do significado que damos as experiências históricas que nos constituímos como sujeitos.

A educação se torna um ato político à medida que possibilita os indivíduos a se reconhecerem nas suas experiências de vida, experiências estas compartilhadas dentro de um projeto social.

Dewey vai afirmar, que a função da educação,

[...] poderia ser definida como emancipação e alargamento da experiência. A educação toma o indivíduo enquanto relativamente plástico, antes que experiências isoladas o tenham cristalizado a ponto de torna-lo irremediavelmente empírico em seus hábitos mentais (DEWEY, 1959a, p. 199).

A educação em Dewey é um processo de interação. Não se aprende a pensar mimeticamente ou por demonstração, tipo faça como eu faço. Aprende-se a pensar exatamente executando o pensamento, experimentando o pensamento. A experiência coletiva é o teste final das nossas conjecturas. Nesse sentido, o autor nos adverte: “Talvez que o mais direto método de ataque consista em evidenciar que as faculdades inatas de observar, decorar, querer, pensar etc., são puramente mitológicas. Não existem as tais faculdades já formadas a esperarem a ser exercidas” (DEWEY, 1959b, p. 67).

Como estamos percebendo, Dewey não compartilha da ideia de um espírito autônomo, do “penso, logo existo”, a reflexão desse autor é voltada para mostrar que o indivíduo não é, ele está sendo juntamente com o outro.

Portanto, uma educação que não prima a experiência, e nem sob ela, constrói a sua base, está fadada ao fracasso, é morta.

Mesmo não fazendo nas suas obras uma reflexão acerca de uma educação em uma sociedade capitalista dividida em classes antagônicas, Dewey reconheceu entre outras coisas, que o avanço de uma sociedade democrática e das próprias conquistas da humanidade, não representam o esforço de um espírito universal e nem tampouco é resultado do esforço individual e de uma consciência psíquica particular. E ressalta.

A ampliação da área dos interesses compartilhados e a libertação de maior diversidade de capacidades pessoais que caracterizam a democracia não são naturalmente, resultado de deliberação e de esforço conscientes. Pelo contrário- suas causas foram o desenvolvimento das indústrias e do comércio, as viagens,

migrações e intercomunicações que resultaram do domínio da ciência sobre as energias naturais. Mas depois que esses fatos fizeram surgir maiores possibilidades de formação individual, por um lado, e maior comunhão de interesses por outro, será obra do esforço voluntário o conservá-las e aumentá-las (DEWEY, 1959b, p. 94).

É interessante percebermos nesta citação uma aproximação do pensamento deweyano com o marxismo. Em “Ideologia Alemã” de Engels e Marx (1977), os autores mostram que as mudanças que aconteceram historicamente não são produtos do espírito humano absoluto no sentido de autônomo, autossuficiente, autodeterminado, livres [...], mas, são consequências de revoluções material sucessivas da força de produção.

Cabe também ressaltar, que Dewey valorizou o intelecto como forma de afirmação humana, nesse sentido ele afirma: “sem algum elemento intelectual não é possível nenhuma experiência significativa” (DEWEY, 1959b, p. 158). Portanto, pensamos ser possível inferir que nesse autor não existe uma dicotomia entre corpo e espírito, mas ambos estão articulados e integrados dentro do processo educativo.

Embora Dewey seja um dos pensadores que foi muito criticado por não tratar especificamente da luta de classes no interior das sociedades capitalistas, ele proporcionou um discurso fértil sobre uma teoria da experiência na educação, teoria esta, que abre possibilidades para se pensar o indivíduo no seu contexto social, político e econômico. É interessante também ressaltar aqui, a contribuição de Dewey no tocante aos sentidos. O autor faz uma ressignificação desse termo. Na maioria dos pensadores modernos, como: Descartes, Locke, Kant, etc., os sentidos eram vistos apenas como meros receptores de informação, de fluxo. Dewey vai se contrapor a este pensamento. Os sentidos para Dewey são elementos imprescindíveis não só porque são mecanismos de apreensão da realidade, mas, e talvez acima de tudo, porque eles possibilitam a efetivação de uma experiência social significativa.

Mesmo com seus limites, John Dewey se apresenta como um filósofo da educação que nos ajuda a pensar a experiência coletiva, como um instrumento constitutivo da subjetividade.

3.2 Sujeito da história ou na história? Problematizando a concepção de sujeito em Althusser

A concepção de sujeito moderno, paulatinamente vai ser desconstruída. Alguns pensadores vão se destacar neste campo, como: Marx, com sua tese de que “os homens fazer a sua história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas”. Freud, com a descoberta do inconsciente, afirmando que as “nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente [...]”. Lacan, quando critica a tese do indivíduo único, e frisa que “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre a sua unidade”.

Dentro desta linha de pensamento, também é importante o trabalho de Saussure sobre a linguística estrutural, quando menciona que “nós não somos, em nenhum sentido, os “autores” das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua [...]”

Poderíamos citar muitos outros pensadores que contribuíram para a desconstrução, descentralização, deslocamento dessa concepção de sujeito moderno, como Foucault, Laclau e tantos outros, mas tal reflexão pode ser um assunto para pesquisas posteriores.

Dentro desta corrente de pensadores que criticam a concepção de sujeito moderno encontra-se Louis Althusser. Ele vai se contrapor a esta noção de sujeito racional, único fixo e estável, quando diz.

A coisa é bastante clara quando se enfrenta o idealismo clássico, no qual, sob as espécies francamente reconhecidas da liberdade, é o homem (= o Gênero Humano = a Humanidade) que é o Sujeito e o fim da história. Cf. O Aufklärung, assim como Kant, o filósofo mais “puro” da ideologia burguesa. A coisa é também clara quando se enfrenta a antropologia comunitária pequeno-burguesa filosófica de Feuerbach (ainda respeitada por Marx nos manuscritos de 1844), na qual a essência do homem é a origem, a causa e o fim da história. (ALTHUSSER, 1978b, p. 69).

Para tentar responder a questão posta neste tópico, iremos usar como referencial teórico um texto de Althusser intitulado: Observação sobre uma categoria: “PROCESSO SEM SUJEITO NEM FIM(S)”.

Já dissemos anteriormente que Althusser enquanto um bom marxista foi influenciado profundamente pelas ideias de Karl Marx. Sem nos esquecermos a influência do estruturalismo linguístico de Saussure e a psicanálise lacaniana, que tiveram um impacto substancial no tocante a ideia de ideologia e consequentemente, de sujeito nesse autor. Só para ilustrar a sua herança marxista, ele faz algumas críticas aos pensadores modernos e contemporâneos afirmando que os defensores da ideia de que os homens são sujeitos da sua história fragilizaram o pensamento de Marx, pois enfocaram apenas o início da sua ideia que está nas primeiras páginas do 18 Brumário.

Marx afirma que.

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. (MARX, 1978, p. 17).

É situado neste contexto que Althusser vai afirmar a inexistência de um sujeito da história, quando enfatiza.

Que os indivíduos humanos, ou seja, sociais, são ativos na história como agentes das diferentes práticas sociais do processo histórico de produção e de reprodução é um fato. Mas considerados como agentes, os indivíduos, humanos não são sujeitos “livres” e “constituintes” no sentido filosófico desses termos. Eles atuam em e sob as determinações das formas de existência histórica das relações sociais de produção e reprodução (processo de trabalho, divisão e organização do trabalho, processo de produção e reprodução, luta de classes, etc.[...] Os indivíduos-agentes, portanto agem sempre na forma de sujeito, enquanto sujeitos. Mas o fato de que sejam necessariamente sujeitos não faz dos agentes das práticas sociais-históricas nem os sujeitos(s) da história (no sentido filosófico do termo sujeito de). Os agentes-sujeitos só são ativos na história sob a determinação das relações de produção e de reprodução, e em suas formas (ALTHUSSER, 1978b, p. 67).

A partir desta citação podemos perceber que Althusser está rompendo definitivamente e claramente com a concepção de sujeito moderno apregoada pelo

iluminismo no século XVIII, como também por Descartes (1596-1650); Locke (1632-1704); Rousseau (1712-1778); Kant (1724-1804); e tantos outros. Estes de maneira geral viam no sujeito um ser autônomo, racional, livre, autodeterminado, moral, natural, senhor da sua história, consciente.

O autor de “Aparelhos Ideológicos de Estado”, afirma que:

[...] Quando a “classe ascendente”, burguesa, desenvolve no decorrer do século XVIII, uma ideologia humanista da igualdade, da liberdade e da razão, ela dá a sua própria reivindicação a forma de universalidade, como se por aí quisesse trazer para o seu lado, formando-o para esse fim, os homens mesmo que ela não libertará a não ser para explorá-los. Está aí o mito rousseauísta da origem da desigualdade: os ricos dirigem aos pobres o “discurso mais bem refletido” que jamais foi concebido, para convencê-los de viver a sua servidão como se fosse a sua liberdade. Na verdade, a burguesia deve crer no seu mito, antes de convencer com ele os outros, e não apenas para os convencer deles, pois que ela vive na sua ideologia é essa relação imaginária com as suas condições de existência reais, que lhe permite às vezes agir, sobre si (dar-se consciência jurídica e moral, e as condições jurídicas e morais do liberalismo econômico) e sobre os outros (os seus explorados e futuros explorados: os “trabalhadores”) a fim de assumir e preencher e de suportar o seu papel histórico de classe dominante. Na ideologia da liberdade, a burguesia vive assim com muita exatidão a sua relação com as condições de existência: isto é, a sua relação real (o direito da economia liberal), mas investida em uma relação imaginária (todos os homens são livres, inclusive os trabalhadores livres) (ALTHUSSER, 1979, p. 207-208).

Cabe ressaltar aqui, que a filosofia burguesa ao dá status ao indivíduo de sujeito da história, e sob o slogan de que os homens são livres, está o responsabilizando pelo seu sucesso ou fracasso, e assim negar a luta de classes antagônicas existentes no seio da sociedade capitalista. Em outras palavras, está se eximindo de qualquer forma de dominação e de exploração nas relações de produção e reprodução no interior da formação social capitalista.

Neste contexto, quanto mais os sujeitos se identificam como livres, autônomos, sujeitos da sua história, mas se tornam elementos de massificação da classe detentora do capital econômico, intelectual, cultural. Mas esse jogo sobre a liberdade na qual prega a classe dominante, tem uma outra face. Como enfatiza Bolognesi:

Mas ao servir-se desse jogo de palavras sobre liberdade, a própria burguesia também a ele se submete, pois vive a sua dominação de classe e a liberdade dos seus explorados como a sua própria liberdade, aceitando como real e justificada sua relação vivida com o mundo — a qual, mais ainda, lhe permite constituir-se em classe dominante. Ou seja, a ideologia é ativa sobre a própria classe dominante e contribui para modelá-la, para modificar suas atitudes e para adaptá-la às suas condições reais de existência, a exemplo da liberdade jurídica (BOLOGNESI, 2013, p. 31).

A crítica de Althusser de que o marxismo deve romper com a categoria idealista do “sujeito” como origem, essência, causa e centrado no eu, é um convite que nos permite pensar e repensar em formas alternativas de conceber o sujeito. Pensar nessas novas concepções de sujeito, é um desafio incessante para a filosofia e outras formas de conhecimento.

O autor segue a sua crítica a concepção de sujeito burguês.

A posição do materialismo dialético me parece clara. Não se pode compreender (*begreifen*: conceber), ou seja, pensar a história real (processo de reprodução e de revolução de formações sociais) como capaz de ser reduzida a uma origem, uma essência ou uma causa (ainda que fosse o homem), que seria o seu sujeito — o sujeito, esse “ser” ou “essência” posto como identificável, ou seja, como existente sob a forma da unidade de uma interioridade, e (teórica e praticamente) responsável (a identidade, a interioridade e a responsabilidade são constitutivas, entre outras determinações, de todo sujeito), capaz portanto de prestar contas do conjunto dos “fenômenos” da história (ALTHUSSER, 1978b, p. 69).

Althusser é um anti-humanista teórico, pois não acredita na concepção de um sujeito idealista, dotado de um eu transcendente, de uma essência única, fixa e estável. Com tal atitude o autor não nega as rupturas históricas, sociais, políticas e econômicas, e mesmo não acreditando nessa concepção de sujeito autônomo, senhor da sua história e do seu destino, ele atribui ao sujeito uma condição de agente social, e conseqüentemente de práticas sociais e políticas dentro desse produzir e reproduzir a existência material.

O autor conclui que:

A história é certamente um “processo sem sujeito nem fim(s)”, cujas circunstâncias dadas, nas quais “os homens” agem como sujeitos sob a determinação de relações sociais, são o produto da luta de classes. Portanto, a história não tem no sentido filosófico do termo, um sujeito, mas um motor: a luta de classes (ALTHUSSER, 1978b, p. 70-71).

Obviamente esta reflexão de Althusser está fundamentada a partir da sua análise sobre os sistemas feudal, escravista, e de maneira mais específica, sobre o sistema capitalista, onde os fatores ideologia dominante, produção e reprodução se interrelacionam, e se articulam na efetivação dos interesses da classe hegemônica.

Daí a necessidade de Althusser pensar uma concepção de sujeito para além da concepção de sujeito moderno. Sujeito este concebido como já mencionamos como indivíduo único, indivisível, consciente, autônomo, crítico, etc., esta tese é criticada profundamente por esse autor.

Na concepção de Althusser, sobre a importância do sujeito na história, este só tem sentido se suas ações forem vistas dentro das condições materiais já existentes. Não se trata de anular a relevância e a contribuição das ações dos sujeitos no percurso das rupturas históricas. Trata-se de desmistificar uma visão de sujeito idealista, pensante, consciente presente na filosofia analítica, na filosofia do “penso, logo sou”.

Esta reflexão de Althusser inicia-se com Marx, e posteriormente tem uma influência significativa da psicanálise lacaniana. Vejamos uma citação de Marx sobre à modernidade tardia.

[é o] permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos [...] Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar (MARX; ENGELS, 1973, p. 70).

Tanto este pensamento de Marx, como o da sua afirmação de que os “homens fazem a história, mas apenas sob condições que lhes são dadas”, faz com que Althusser faça alguns apontamentos. Ao colocar as relações sociais (modos de produção, exploração da força do trabalho, os circuitos do capital) e não uma noção abstrata de homem no centro de seu sistema teórico, Marx deslocou duas posições-

chave da filosofia moderna: (1) que há uma essência universal de homem; (2) que essa essência é o atributo de cada indivíduo singular; o qual é o seu sujeito real:

Esses dois postulados são complementares e indissolúveis. Mas sua existência e sua unidade pressupõe toda uma perspectiva de mundo empirista-idealista. Ao rejeitar a essência do homem como sua base teórica, Marx rejeitou todo esse sistema orgânico do sujeito do empirismo, de essência ideal, de todos os domínios em que elas tinham reinado de forma suprema. Não apenas da economia política (rejeição do mito do *homo economicus*, isto é, do indivíduo, com faculdade e necessidades definidas, como sendo o sujeito da economia clássica); não apenas da história... não apenas da ética (rejeição da ideia ética Kantiana); mas também da própria filosofia (ALTHUSSER, 1966, p. 228).

Com advento da modernidade, sem negarmos alguns indícios já presentes na filosofia medieval, principalmente no pensamento de Santo Agostinho, o indivíduo é concebido na sua singularidade. Daí algumas frases interessantes, como: Eu sou um sujeito consciente, eu sou um ser pensante e como tal crítico, eu sou o sujeito da minha história e posso transformá-la, eu sou um sujeito livre e autônomo, por isso eu faço as minhas escolhas livremente, eu sou um ser moral, etc.

Althusser não compartilha deste pensamento, pois para ele este sujeito da filosofia moderna não existe. O que existe, são sujeitos que são perpassados e interpelados ideologicamente, cabendo a cada um reconhecer-se nessa interpelação-identificação.

Esta posição de Althusser sem dúvida nenhuma foi muito criticada, principalmente por aqueles pensadores que davam mais ênfase a agência humana. Mas o anti-humanismo teórico de Althusser abriu, como já dissemos, novas possibilidades de pensar e conceber o sujeito.

Vejamos o que diz Roudinesco sobre Althusser.

Filósofo do marxismo mais que filósofo marxista, [Althusser] assinalava que a prática revolucionária, e, portanto o engajamento subjetivo, era irreduzível a consciência de si. Daí a sua valorização de um anti-humanismo teórico e de uma concepção da história como um “processo sem sujeito nem fim (ROUDINESCO, 2007, p. 164).

Já evidenciamos no primeiro capítulo que o pensamento de Althusser está profundamente marcado pelo Marxismo, pelo estruturalismo linguístico de Saussure e pela psicanálise freudiana e lacaniana.

As três teses sobre a ideologia esboçada por Althusser de que a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência, de que a ideologia tem uma existência material, e por fim, que a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos, só podem ser entendidas a partir da influência de Marx, Freud, Saussure e Lacan.

Althusser no seu artigo intitulado,

Freud e Lacan publicado em 1964, retoma ponto por ponto o que Lacan disse no mesmo ano no seminário, “Os quatro conceitos da psicanálise”. Ele mostra “como a psicanálise se estrutura como uma ciência que tem por objetivo o inconsciente, e como esse objeto vem a ser tratado a partir dos dados da linguística estrutural. Ele enfatiza que para Lacan o sujeito se constitui por referência à ordem simbólica, que Althusser considera como formalmente idêntica a ordem da linguagem e na qual se fundamenta para pensar a dominação ideológica (CARVALHO, 2008, p. 31).

É bom lembrar que Althusser foi paciente de Lacan. Que o próprio Althusser lia Lacan e também fazia com que as outras pessoas o lessem.

É dentro desse contexto que Althusser se identifica com as ideias lacanianas de inconsciente e de sujeito. Na segunda e na terceira tese sobre a ideologia, o pensador marxista-leninista quando menciona as palavras imaginário e interpelação ideológica, busca explicá-las a partir dos registros psíquicos usados por Lacan: real, simbólico e imaginário, para explicar a realidade, e principalmente a posição do sujeito no modo de produção capitalista.

Não podemos inferir que Althusser tinha total propriedade intelectual sobre os termos real, simbólico e imaginário postos por Lacan. Mas sem dúvida, o aspecto do simbólico e parte do imaginário lacaniano, foram incorporados por Althusser na sua tese sobre a ideologia em geral e consequentemente sobre a sua concepção de sujeito.

Como já afirmamos, não existe para Althusser o sujeito da história, mas sim na história. Os fluxos e os refluxos que perpassam os sujeitos na sua existência material, contribuem para que os sujeitos não sejam sujeitos do ponto de vista de

um ser que tem uma essência, uma consciência, que está se evoluindo permanentemente, que é livre e autônomo para traçar o seu projeto existencial.

A ideologia em geral se apresenta como uma estrutura simbólica, como uma linguagem, como uma espécie de categoria invariante, atemporal, à maneira do inconsciente freudiano. Os indivíduos são interpelados como sujeitos por esta estrutura estranha que lhe é estranha, e a partir desta interpelação o sujeito se reconhece e encontra como clique o seu lugar na estrutura social e política.

A partir dessa localização, os indivíduos, agora sujeitos, imprimirão a marca do seu imaginário, imaginário este que está aberto a mudanças da própria dinâmica da existência humana, mas, sempre permeada por lutas ideológicas.

Fazendo uma relação do inconsciente com a ideologia, escreve Althusser.

Se eterno significa, não a transcendência a toda história (temporal), mas onnipresença, transhistória e, portanto, imutabilidade em sua forma em toda extensão da história, eu retomarei palavra por palavra de expressão de Freud e direi: a ideologia é eterna como o inconsciente – E acrescentarei que esta aproximação me parece teoricamente justificada pelo fato de que a eternidade do inconsciente não deixa de ter relação com a eternidade da ideologia em geral (ALTHUSSER, 1985, p.85).

Já afirmamos em várias partes, tanto do primeiro capítulo como deste, que não existe em Althusser uma concepção de sujeito no sentido de livre, único, autônomo, centrado no eu, autossuficiente, histórico, etc., ideia está também compartilhada por Freud, Lacan, etc.

Althusser é incisivo em dizer que a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos, e ao reconhecer e se identificar nesta interpelação, os indivíduos se constituem enquanto sujeitos. A pergunta básica a ser feita é: De onde vem esta força da ideologia que torna os indivíduos reféns de sua estrutura e poder? Já vimos que a palavra interpelação em francês tem um significado muito forte. Tipo como: é a polícia, a autoridade policial constituída que interpela, que inquire, etc.

Pensamos que Althusser, ao usar os termos interpelação ideológica, está atribuindo à ideologia uma dimensão estrutural linguística, pois a linguagem como parte do simbólico apresenta-se como um elemento que antecede a toda e qualquer realidade material. Mais ainda, a ideologia em geral tem uma relação estreita com o

inconsciente, ou seja, os indivíduos interpelados pela ideologia não têm consciência desse processo interpelador, a sua consciência só vai ser ativada no momento que ele se reconhece e se identifica como sujeito dentro de uma certa ideologia, que como já dissemos, pode ser a ideologia que reproduz as relações de produção do sistema capitalista, ou uma ideologia operária, e como tal revolucionária.

É neste contexto que podemos fazer alguns apontamentos entre Althusser e Lacan. Não é demasiado afirmar que Althusser encontrou na reflexão lacaniana sobre sujeito uma contribuição ímpar para a sua reflexão sobre a ideologia. Entretanto, é importante frisar que este autor não chega às mesmas conclusões sobre o sujeito, como chegou Lacan, até mesmo porque os interesses de ambos eram diferentes. O primeiro, mesmo sendo um anti-humanista, no sentido de ser contra a qualquer concepção de sujeito único, transcendental, que tem uma essência e uma origem, que é dotado de uma consciência e um eu centrado, vê no sujeito a possibilidade de agente revolucionário, a partir de uma ideologia na qual ele atribui um caráter científico, que é a filosofia marxista.

O segundo, na sua reflexão sobre a formação do sujeito, não atribui a este qualquer possibilidade de autenticidade, e nem tampouco autonomia e liberdade. O sujeito está condenado ao nada, ao vazio, etc.

Vejamos o que diz Fink, sobre o sujeito lacaniano.

Não tentarei demonstrar a existência do sujeito lacaniano, uma vez que tal demonstração é impossível. Como diz Lacan no Seminário 23, “o sujeito nunca é mais do que suposto”; em outras palavras, o sujeito nunca é mais do que uma suposição de nossa parte (FINK, 1998, p. 55).

E complementa: Nossa primeira tentativa, então, para definir o sujeito lacaniano é a seguinte: O sujeito não é senão essa própria divisão. A variedade de expressões como “sujeito fendido”, “sujeito dividido” ou “sujeito barrado” [...]. (FINK, 1998, p. 67).

Diferentemente de Althusser, que sendo um crítico ferrenho da concepção de sujeito moderno, nos possibilita pensar em um sujeito revolucionário. Lacan, por sua vez não vê, não mostra, e nem cogita nenhuma possibilidade de emancipação do sujeito da sua condição de oprimido, dominado, explorado, etc., e nem de si mesmo.

3.3 A concepção de escola e educação em Saviani em confronto com o pensamento de Althusser

No percurso do tópico sobre a concepção de sujeito moderno, o nosso principal objetivo foi mostrar como foi construída a ideia de sujeito moderno. Agora iremos tratar da crítica que Dermeval Saviani, herdeiro e defensor da concepção de sujeito moderno faz à concepção de escola e educação no pensamento de Althusser. De imediato poderíamos perguntar: Por que somente Saviani? O nosso interesse apenas em contrapor o pensamento do autor supracitado no tocante a escola e a educação em relação ao pensamento de Althusser, não significa desconhecer e nem tampouco desconsiderar outros pensadores que dentro do pensamento pedagógico brasileiro fizeram as suas críticas ao pensador francês, e até mesmo com ele dialogaram, mas foi pelo fato de ter encontrado em alguns escritos de Saviani uma crítica sistematizada, metódica e ordenada não só das teorias denominadas por ele de teoria “Crítico-Reprodutivista”, mas, mais ainda, uma crítica ferrenha diretamente a Althusser. Crítica esta que na nossa compreensão, na maioria das vezes, não se sustentam.

Nesse sentido a reflexão que segue sobre a concepção de escola e educação em Demerval Saviani, em contraposição com a concepção de escola e educação em Althusser, estão estritamente ligados com a concepção de sujeito moderno, sua crise e desconstrução.

Saviani é um dos principais pensadores contemporâneos do pensamento pedagógico brasileiro. É autor de vários livros, entre eles: “Educação: Do senso comum à consciência filosófica”, de 1980; “Escola e Democracia”, de 1983; e “Pedagogia histórico-crítica”, de 1991.

Destacamos estas obras, porque entendemos que algumas ideias que estão contidas nelas, nos possibilitam pensar uma concepção de escola, educação e sujeito em Saviani que o convida a repensar a sua crítica à concepção de educação e sujeito em Althusser.

Mesmo compactuando da ideia de que os escritos de Saviani representam uma maneira singular de pensar a educação no Brasil, também compartilhamos do pensamento de que nenhum pensador, por mais conceituado que seja, as suas

ideias não podem ser vistas como uma bíblia, pois assim, da condição de homem, passaria a condição de Deus.

É dentro desse espírito de reflexão e de flexibilidade acadêmica que queremos trazer algumas ideias do pensamento de Saviani, diferindo-as das ideias de Althusser.

Sabemos que o autor de “Pedagogia Histórico-Crítica”, é um dos críticos ferrenhos do pensamento althusseriano, inclusive insere o pensamento deste na visão “crítico-reprodutivista”⁹

Cabe ressaltar, que Saviani reconhece a importância da visão “crítico-reprodutivista” na educação. Nos três livros que mencionamos desse autor, a sua principal preocupação é mostrar a diferença entre as teorias não-críticas¹⁰ da educação em relação a teoria crítico-reprodutivista, e em seguida, a sua “superação” pela “Pedagogia Histórico-Crítica”, proposta por ele.

Em relação a esse reconhecimento ele frisa: “Esta visão crítico-reprodutivista desempenhou um papel importante em nosso país, porque de alguma forma impulsionou a crítica ao regime autoritário e a pedagogia autoritária desse regime, a pedagogia tecnicista [...]” (SAVIANI, 2000, p. 79).

Em seguida, afirma:

Chamo esta corrente de crítico-reprodutivista porque não se pode negar seu caráter crítico, se entendermos por concepção crítica, aquela que leva em conta os determinantes sociais da educação, em contraposição às teorias não-críticas, que acreditam ter a educação o poder de determinar as relações sociais, gozando de uma autonomia plena em relação à estrutura social (nesse sentido, nós poderíamos dizer que a Pedagogia Tradicional, assim como a Pedagogia Nova e Pedagogia Tecnicista, são não críticas).

Mas além de críticas, as teorias em questão são reprodutivistas, no sentido em que chega invariavelmente à conclusão de que a educação tem a função de reproduzir as relações sociais vigentes. Sendo assim, essa concepção crítico-reprodutivista não apresenta proposta pedagógica, além de combater qualquer uma que se apresente (SAVIANI, 2000, p. 105).

⁹ Saviani Atribui o termo “teoria crítico-reprodutivista” a tendência pedagógica que analisava a escola como um elemento do aparelho ideológico do Estado que estava a serviço da reprodução da ideologia dominante.

¹⁰ Termo atribuído por Dermeval Saviani à pedagogia tradicional, à pedagogia nova e à tecnicista.

O autor faz todo um discurso para chegar a um novo modelo de educação, o que ele chama de “Pedagogia Histórico-Crítica”. Sobre esta, ele enfatiza. “A Pedagogia Histórico-Crítica vai tomando forma à medida que se diferencia no bojo das concepções críticas.

Ela se diferencia da visão crítico-reprodutivista, uma vez que procura articular um tipo de orientação que seja crítica, sem ser reprodutivista (SAVIANI, 2000, p. 77).

Dentro desse contexto de alguns reconhecimentos e de críticas feitas por Saviani a visão que ele denomina “Teoria Crítico-Reprodutivista”, e de maneira mais específica a Althusser, existem algumas questões a serem levantadas, como:

1. A educação no pensamento althusseriano se resume apenas a educação escolar?

Para tentar responder esta questão, já que esta será objeto de reflexão do quarto capítulo, queremos lembrar que no segundo capítulo, apresentamos uma introdução ao pensamento de Althusser, onde apontamos alguns indícios de que existe a possibilidade de uma educação para além dos AIE, e especificamente para além da escola. No decorrer da discussão que teve como fundamentação teórica as principais obras de Althusser no tocante a educação, chegamos à conclusão que este autor ao tratar dos AIE, e especificamente do AIEE, não limitou-se apenas analisá-los como instrumentos reprodutores e perpetuadores da ideologia burguesa, mas foi além ao afirmar a necessidade da classe operária se organizar conscientemente a partir da sua ideologia, ou seja, da ideologia operária para destruir os AIE burgueses e construir novos AIE que servissem de defesa dos interesses da classe proletária.

Saviani ao analisar a obra de Althusser intitulada “Aparelhos Ideológicos de Estado” equivocadamente resume o pensamento althusseriano apenas à análise que este autor faz da escola enquanto um elemento do aparelho ideológico de Estado escolar, que tem como prioridade reproduzir a ideologia burguesa, ou seja, a ideologia dominante.

Como pudemos constatar no primeiro capítulo, esta concepção de Saviani em reduzir a concepção de educação em Althusser a apenas, a instituição escolar não se sustenta.

Althusser ao tratar da ideologia tanto da classe dominante burguesa, como da classe proletária afirma que estas não se formam nos AIE, mas fora deles (1985, p. 106-107).

Portanto qualquer discussão sobre a concepção de educação em Althusser, que não leve em consideração a sua tentativa de uma formação de uma teoria geral da ideologia não pode sequer ser pensada.

A análise que Saviani faz de Althusser no que tange a educação, representa a sua ideia de atribuir a escola a condição única e exclusiva na elaboração do saber sistematizado, e como tal, a única capaz de formar cidadãos conscientes, capazes de transformar a sociedade.

Nesse sentido frisa Saviani:

Ora, na sociedade atual pode-se perceber que já não é possível compreender a educação sem a escola porque a escola é a forma dominante e principal de educação [...]. A escola é, pois, compreendida a partir do desenvolvimento histórico da sociedade; assim compreendida, torna-se possível a sua articulação com a superação da sociedade vigente em direção a uma sociedade sem classes, a uma sociedade socialista (SAVIANI, 2000, p. 119-120).

Esse olhar de Saviani em relação ao poder da escola, apenas se sustenta a partir de uma concepção de educação republicana, onde esta instituição aparece com a finalidade de formar cidadãos sujeitos da sua história, conscientes, autônomos e livres.

Saviani atribui à escola a função de elemento transformador das consciências, e consequentemente, transformadora da sociedade. E faz com autoridade de educador a distinção entre produção do saber e elaboração do saber, afirmando.

Elaboração do saber não é sinônimo de produção do saber. A produção do saber é social, se dá no interior das relações sociais. A elaboração do saber implica em expressar de forma elaborada o saber que surge da prática social. Essa expressão elaborada supõe o domínio dos instrumentos de elaboração e sistematização. Daí a importância da escola: **se a escola não permite o acesso a esses instrumentos, os trabalhadores ficam bloqueados e impedidos de ascenderem ao nível da elaboração do saber, embora continuem, pela sua atividade prática real a contribuir para a produção do saber** (SAVIANI, 2000, p. 91, grifo nosso).

Como podemos observar, Saviani defende unicamente a escola como aquela que vai possibilitar a classe trabalhadora a sair da sua ignorância e de sua cultura popular e progredir paulatinamente para a cultura erudita. Portanto, não existe “salvação” fora da escola.

As várias formas dos trabalhadores se organizarem politicamente, a partir da sua ideologia de classe, pouco tem significado, pois lá, não existe a elaboração do saber, que para Saviani só a escola é capaz de proporcionar. Portanto, podemos concluir que, quem não tem acesso a escola está “condenado” a ignorância.

Daí as críticas de Saviani aos pensadores que ele preconceituosamente os chama de críticos-reprodutivistas, entre eles, Althusser. Este último, como já vimos, atribui aos AIE e conseqüentemente a escola na maioria das vezes, a função de reproduzir a ideologia burguesa que impera no sistema capitalista. A escola para Althusser diferentemente de Saviani, na maioria das vezes não representa os interesses da classe operária, tampouco é um instrumento de transformação social. Muito embora reconheça esse espaço como meio e lugar de luta de classes.

Mas segundo este autor, estas lutas travadas no AIE podem ir muito longe, “porque é nos AIE que os militantes e, em seguida as massas adquirem experiência política antes de “leva-la até o fim” (ALTHUSSER, 2008, p. 176).

Esta afirmação althusseriana nos permite pensar na relevância da luta de classes no interior dos aparelhos ideológicos do Estado. Mas acima de tudo, pensarmos que a crítica feita por Saviani a Althusser apenas limitando a concepção deste de educação à instituição escolar, precisa ser repensada, pois Althusser foi um dos filósofos cujo pensamento nos possibilita pensar uma educação que não se limite ao ambiente escolar.

Pensamos ser interessante frisar que a escola não é o único espaço de elaboração e sistematização do saber, embora reconheçamos que esta representa um instrumento privilegiado nesse processo. Entretanto, existem outros ambientes que podem servir de lugar a esta elaboração e sistematização do saber, é o caso, por exemplo, de alguns movimentos, entre eles o MST, que no seu cotidiano, no seu próprio espaço de luta contra o capitalismo, convida intelectuais com amplo conhecimento e experiência nas mais diversas áreas do saber para ministrar aulas,

palestras, conferências, etc., e juntos criar estratégias que não reproduzam a ideologia da classe dominante, e conseqüentemente fortalecer os interesses da classe trabalhadora. Tal prática, também representa um espaço de elaboração e sistematização do saber. Portanto, a instituição escolar não pode ser considerada o único espaço desse processo.

Outra questão relevante a ser levantada é:

2- Saviani reconhece o lugar de Althusser na sua percepção de educação?

Quanto a esta questão, alguns elementos como possibilidades de resposta já se encontram no interior da discussão sobre a primeira.

A concepção de educação e de sujeito em Saviani tem a sua origem na tradição de sujeito moderno. Para ilustrar o que estamos afirmando, iremos destacar algumas de suas ideias que se encontram no seu livro “Educação: Do senso comum à consciência filosófica” e em seguida também no seu livro intitulado “Pedagogia histórico-crítica”.

Sobre a prática educativa ele afirma:

[...] elevar a prática educativa desenvolvida pelos educadores brasileiros do nível do senso comum ao nível da consciência filosófica[...] Passar do senso comum a consciência filosófica significa passar de uma concepção fragmentária, incoerente, desarticulada, implícita, degradada, mecânica, passiva e simplista a uma concepção unitária, coerente, articulada, explícita, original, intencional, ativa e cultivada (SAVIANI, 2009, p. 2).

Ora, esta citação claramente expõe a concepção de sujeito e de educação de Saviani. O sujeito é aquele ser histórico que vai conscientemente formando gradualmente a sua subjetividade. A educação escolar aparece como instrumento que vai possibilitar o sujeito sair da sua ignorância para a luz. Em outra citação ele enfatiza.

De tudo o que foi dito, conclui-se que a passagem do senso comum à consciência filosófica é a condição necessária para situar a educação numa perspectiva revolucionária. Com efeito, é esse a única maneira de convertê-la em instrumento que possibilita aos membros das camadas populares a passagem da condição de “classe em si” para a condição de “classe para si”. Ora, sem a formação da consciência de classe não existe organização e sem

organização não é possível a transformação revolucionária da sociedade (SAVIANI, 2009, p. 7).

E mais:

Na verdade, o nível de consciência dos trabalhadores aproxima-se de uma forma elaborada na medida em que eles dominam os instrumentos de elaboração do saber. Nesse sentido é que a própria expressão elaborada da consciência de classe passa pela questão do domínio do saber (SAVIANI, 2000, p. 92).

Nesta articulação de citações, podemos perceber com clareza que a concepção de sujeito no autor, é que este é histórico, autônomo, livre, consciente, crítico, ou seja, é uma concepção de sujeito moderno.

É com esse olhar de sujeito e educação moderna que Saviani analisa o pensamento althusseriano, sem levar em consideração o lugar do próprio Althusser e sua condição de filósofo marxista estruturalista. Enquanto o primeiro defende uma visão humanista, o segundo por sua vez é um anti-humanista-teórico convicto.

No segundo capítulo quando tratamos das três teses sobre a ideologia defendida por Althusser, já mostramos alguns indícios de que a concepção de sujeito neste autor não é a mesma da tradição moderna, elemento este que também já refletimos no item anterior. Não é demasiado repetir a importância que Althusser atribui a ideologia enquanto um elemento imprescindível na constituição dos sujeitos, quando diz que os indivíduos são interpelados pela ideologia enquanto sujeitos. Portanto a ideologia assume em última instância também o papel de sujeito da história. Nesse sentido, não existe um sujeito que se forma gradativamente a partir de uma educação escolar que o tira do senso comum e o conduz a consciência filosófica. Não existe um sujeito iluminado, racional, único, autônomo, fixo, livre e senhor da sua história.

O que existe para Althusser é um sujeito dentro de uma estrutura, que faz história a partir das determinações materiais nos quais está inserido. Mas, mais uma vez, é necessário frisar que a ideologia assume uma posição de destaque, pois é a partir da interpelação desta, que os indivíduos se reconhecem e se constituem enquanto sujeitos, localizam-se em um lugar, lugar este que pode constituir um

sujeito a partir da ideologia burguesa ou pode constituí-lo a partir da ideologia proletária.

Saviani na sua crítica a Althusser desconheceu ou desconsiderou o lugar deste último, fez a sua análise a partir do seu olhar, em uma perspectiva de concepção de sujeito e educação moderna. Portanto, podemos observar algumas controvérsias na crítica de Saviani a Althusser. Entendemos ser necessário que Saviani repense as suas críticas.

O autor de “Escola e Democracia”, também ressalta a importância de uma educação que seja crítica sem ser reprodutora. Neste sentido, uma pergunta nos inquieta. Existe uma concepção de educação que não seja reprodutora?

Como Marx e Althusser, Saviani também compartilha da ideia que as determinações materiais históricas de uma determinada formação social, são condições básicas para as práticas políticas, sociais e econômicas de uma dada classe social. Nesse sentido ele afirma. “Com efeito, o homem constrói a sua existência, mas a faz a partir de circunstâncias dadas, objetivamente determinadas” (SAVIANI, 2009, p. 18).

Mas para este autor, diferentemente de Althusser, ele acredita que mesmo diante das determinações materiais da existência humana, os homens fazem a sua própria história, porque são sujeitos livres, autônomos, críticos, históricos. Na leitura feita por Saviani de Althusser no que tange a sua análise sobre os AIE, chega à conclusão de que este autor, resume única e exclusivamente a função dos AIE, como um sistema que está a serviço da classe dominante, e conseqüentemente reproduz as relações de produção do sistema vigente, o capitalismo. Mas é salutar frisarmos que Althusser ao se referir a reprodução como uma prática do sistema capitalista, não a restringe apenas aos AIE, e nem tampouco a reprodução da ideologia dominante, pois para este pensador, a realidade objetiva é perpassada e permeada por várias ideologias. Nesse sentido, no interior do próprio capitalismo pode-se reproduzir outras ideologias, a exemplo da ideologia marxista, que é a ideologia da classe trabalhadora.

Segundo Althusser, todos os AIE concorrem para um único fim, reproduzir na maioria das vezes a ideologia dominante burguesa. Saviani diante das teorias que ele denomina não-críticas e crítica-reprodutivista, vê a superação destas pela

“Pedagogia-histórico-crítica”, afirmando que esta se apresenta como crítica sem ser reprodutivista. Parece então que o autor esqueceu seu grande mestre, Karl Marx, quando afirma que: “até uma criança sabe que uma formação social que não reproduz as condições de produção ao mesmo tempo que produz, não sobreviverá nem por um ano. Portanto a condição última da produção é a reprodução das condições de produção.” (ALTHUSSER, 1985, p. 53).

Ao analisarmos a crítica de Saviani a Althusser no que se refere a sua concepção de escola e educação, podemos perceber algumas controvérsias. Vejamos algumas delas:

- 1- O lugar epistemológico de Althusser ao fazer a sua análise dos AIE, é de um marxista estruturalista que foi influenciado profundamente pela psicanálise freudiana em uma perspectiva lacaniana. Diferente do lugar de Saviani, que embora se denominando marxista, foi influenciado pelas ideias e ideais de sujeito e de educação da tradição moderna, ideias e ideais estes presentes em todos os seus escritos;
- 2- Ao criticar Althusser no âmbito do que este pensa sobre educação, Saviani também se limitou apenas a fazer uma análise de uma educação escolar, deixando para trás a possibilidade de encontrar no pensamento althusseriano, ideias de uma educação que não se limita aos muros da escola, e nem tampouco a reprodução da ideologia dominante;
- 3- Saviani ao fazer as suas críticas a Althusser o enquadra, como já mencionamos, o seu pensamento numa tendência pedagógica que ele chama de “Teoria crítico-reprodutivista” da educação. Propôs uma pedagogia intitulada “Pedagogia histórico-crítica”, como instrumento teórico e prático capaz de superar todas as demais tendências pedagógicas até então vistas. E atribuiu a esta, como vimos, um aspecto crítico, mas não reprodutivista.

Pensamos que Saviani ao afirmar que a sua “Pedagogia histórico-crítica”, tem uma dimensão crítica, mas não é reprodutivista, ele está compactuando das ideias que marcaram profundamente o panorama educacional brasileiro na década de 80, onde havia um debate acadêmico gramsciano, frankfurtiano e fenomenológico muito intenso, sobre como superar o tecnicismo e o reprodutivismo na educação brasileira.

Parece-nos que Saviani entende por reprodutivismo apenas a atitude de reproduzir a ideologia da classe hegemônica no interior da escola. Nesse sentido, a sua posição é mais que legítima. Ele não é um reprodutivista.

Entretanto, Saviani ao criticar Althusser no que se refere a sua reflexão sobre os AIE, apenas a partir desse conceito de reprodução comete um equívoco, pois, para o pensador francês, os Aparelhos Ideológicos de Estado são permeados, perpassados, transpassados, contaminados por ideologias. Portanto, podemos afirmar que Althusser também fornece elementos para se pensar uma reprodução que não seja necessariamente a da ideologia dominante, mas também de uma ideologia da classe dominada, visto que as ideologias não nascem nos AIE.

Pelo fato de Saviani ter desconsiderado ou desconhecido o pensamento de Althusser nos seus aspectos mais profundo, fez uma leitura e chegou a conclusões no mínimo equivocadas ou preconceituosas em relação ao referencial teórico althusseriano.

Sobre a nova pedagogia que Saviani afirma superar todas as demais teorias pedagógicas, porque é crítica sem ser reprodutivista, queremos lembrar que: Pensar em uma teoria, seja ela qual for, livre de reprodução e de ideologia é desconhecer a dinâmica interna e externa das coisas. Pois todo conhecimento, seja ele filosófico, científico, ou não, está “condenado” a reproduzir-se, sob pena de perder a sua validade enquanto dimensão da vida que a todo instante está sofrendo rupturas. Entenda-se reprodução, não apenas no sentido de reproduzir unicamente ideologia dominante, mas também outras ideologias, inclusive a ideologia da classe trabalhadora, dos movimentos sociais.

Parece-nos que Saviani ao refletir sobre o escrito de Althusser intitulado “Aparelhos ideológicos de Estado”, entendeu o termo reprodução no pensamento desse autor, apenas no sentido de reprodução da ideologia dominante. Lembramos que para Althusser não existe a ideologia, mas sim, ideologias, e toda e qualquer teoria está fundamenta em uma ideologia, que necessariamente será reproduzida. Portanto a teoria de Saviani sobre a escola e a educação também é ideológica e reprodutora. Ela reproduz o modelo de sujeito moderno, como tal, histórico, crítico, consciente, autodeterminado, livre, autônomo, senhor da sua história. A história do sujeito de Saviani é teleológica, porque inicia-se com o senso comum e culmina em

uma consciência filosófica. E a educação escolar torna-se uma condição *sine qua non* para esse processo.

Althusser, ao contrário de Saviani, não atribui aos AIE, e nem tampouco a escola essa condição necessária e transformadora da consciência, mas ao mesmo tempo, reconhece os espaços dos AIE, e especificamente o da escola como possibilidades de não só reproduzir a ideologia da classe dominante, mas acredita na viabilidade da reprodução de outras ideologias, a exemplo da ideologia operária. Ideologia esta de natureza revolucionária, que tem como fundamento a organização política da classe trabalhadora, dos seus sindicatos, do partido comunista, das suas práticas e experiências de lutas à luz da teoria marxista.

Acreditamos que os maiores equívocos cometidos em relação ao referencial teórico althusseriano no que tange a sua reflexão sobre os AIE, e especificamente a educação, foi quanto a sua receptividade e apropriação pelos defensores das mais variadas tendências pedagógicas no Brasil durante o início da década de 60 e final da década de 70. Althusser foi enquadrado neste período como simplesmente um teórico da reprodução. Faltou ousadia dos seus comentadores para ir além do óbvio. De problematizar a sua teoria da ideologia e da reprodução como instrumentos teórico e prático essenciais a uma análise mais profunda e eficaz sobre a escola e conseqüentemente, sobre a educação.

4 POSSIBILIDADES DE UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO ESPAÇO ESCOLAR E DA REPRODUÇÃO DA IDEOLOGIA CAPITALISTA

A maioria das produções acadêmicas em torno das obras de Althusser no que tange a educação e especificamente a escola, acentua o caráter apenas reprodutor desses elementos, deixando para trás a possibilidade de pensar a educação nesse autor como um instrumento na constituição de subjetividades alternativas, e consequentemente como um mecanismo mais amplo de “desalienação” da classe trabalhadora.

O que propomos neste capítulo, é tentar ir além dessa realidade pessimista, derrotista, de reprodução da ideologia dominante na qual Althusser é veementemente criticado dentro do marxismo e fora dele. É mostrar que o referencial teórico althusseriano pode contribuir de maneira significativa para uma melhor compreensão de uma educação com base emancipatória, que possibilita a classe trabalhadora a se afirmar enquanto classe.

Desde já, é importante frisar que o autor defende a possibilidade de uma revolução e emancipação da classe trabalhadora, a partir do avanço das forças de produção, da sua organização política, e consequentemente da luta de classes.

É dentro deste contexto, que situamos a nossa questão norteadora: “Existe no pensamento de Althusser uma educação para além da escola”? Para tentar responder tal questão, iremos percorrer alguns caminhos possíveis de resposta. Lembremos que nos capítulos anteriores já aventamos alguns caminhos possíveis que mostram a possibilidade de uma educação para além da escola no pensamento althusseriano. Deixamos claro também que a teoria da ideologia, juntamente com a reflexão que Althusser faz dos Aparelhos Ideológicos de Estado, são condições imprescindíveis que nos permite pensar tal possibilidade.

4.1 O marxismo como espaço de saber emancipatório

Durante a exposição dos capítulos anteriores, acreditamos ter deixado claro as origens das ideias de Louis Althusser. Sabemos que a filosofia marxista foi um

dos grandes referenciais para as suas reflexões, mas não esqueçamos que a psicanálise freudiana a partir do olhar de Lacan, e a linguística estrutural de Saussure contribuíram significativamente e efetivamente para a sua formação teórica e prática política. A partir desse legado foi construído toda uma vida e toda uma teoria.

Em uma das citações célebres de Marx, ele frisa.

Não é a consciência que determina a vida (posteriormente, Marx falará em ser), senão a vida que determina a consciência. Esta não pode ser outra coisa que não o ser consciente e o ser consciente dos homens é o processo de sua vida real. Aqui se ascende da terra ao céu, ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu sobre a terra. Aqui, parte-se do homem em carne e osso (MARX; ENGELS, 2007, p. xxv).

Esta afirmação rompe categoricamente com o princípio hegeliano de que são as ideias a priori os agentes da história. Na concepção de Marx e de todos os marxistas, são os interesses concretos e contraditórios das classes sociais em luta que elaboram as ideias da revolução, que só pode se dar no âmago da luta de classes. Foi a partir dessa posição de Marx que se fundamentou toda a filosofia marxista. É na vida material, no modo de produção, nas relações de produção que se constitui a formação da subjetividade, a formação da consciência. Devemos lembrar que Althusser mesmo sendo um marxista não compartilha dessa ideia de formação de subjetividade. Para tentar desenvolver a sua teoria da constituição de subjetividades alternativas, principalmente no que se refere a sua teoria da ideologia, este autor fez uso da psicanálise freudiana a partir da ótica lacaniana. Esta atitude lhe rendeu grandes críticas, fora e dentro do marxismo, e como consequência passou grande parte da sua vida construindo, reconstruindo, fazendo autocrítica e reconhecendo as suas contradições no tocante às suas posições epistemológicas.

Em relação à constituição da subjetividade da classe operária, Althusser em uma das suas entrevistas concedida a Maria Antonietta Macciocchi em 1968, intitulada “A Filosofia Como Uma Arma Revolucionária” se referindo a Lênin e as suas ideias sobre os intelectuais e especificamente a classe operária, destaca:

Os proletários têm um “instinto de classe” que os ajuda a alcançar “posições de classe” proletárias [...] uma posição de classe é mais do que um mero “instinto de classe” proletário. É a consciência e a prática que estão de acordo com a realidade objetiva da luta de classe proletária. O instinto de classe é subjetivo e espontâneo. A posição de classe é objetiva e racional. Para atingir as posturas de classe proletárias, o instinto de classe dos proletários necessita apenas ser educado [...]. Essa educação e essa revolução são em última análise, determinadas pela luta de classe proletária conduzida desde a base pelos princípios da teoria marxista-leninista (ALTHUSSER, 1980, p. 154-155).

Encontramos nesta citação dois elementos básicos que nos permite entender o possível “lugar da educação” na constituição de subjetividades alternativas. O primeiro deles é o princípio de que a classe proletária tem um “instinto de classe”, tal “instinto”, na nossa interpretação representa um conjunto de práticas e experiências adquiridas através das rupturas históricas na qual a classe proletária está inserida.

O segundo princípio está relacionado a uma “posição de classe”, esta como tal é objetiva e racional. Para chegar a este estágio ideológico de classe é imprescindível o conhecimento da filosofia marxista. É esta que em última instância vai possibilitar a classe operária a se apropriar de um instrumento teórico capaz de enriquecer as suas experiências, práticas sociais e vivências. Esta, não sendo possível ser capturada pelo imaginário capitalista, abre espaço para a classe operária se contrapor a ideologia da classe dominante. Ela fomenta e cimenta relações que não reproduzam as relações de produção opressivas.

A filosofia marxista, a qual Althusser afirma ter um caráter científico, é um ideário de conteúdo formador de uma subjetividade revolucionária. Tal ideário de ver o marxismo como ciência, abre a possibilidade de um discurso como parâmetro qualitativo, também da constituição de subjetividades alternativas.

O autor afirma que as experiências, práticas, vivências e lutas travadas pela classe operária na sua luta contra a ideologia dominante, é importante, mas sob a luz da teoria marxista. Daí podermos inferir que esta última é a condição sine qua non para a crítica da realidade objetiva e a sua possível transformação. A forma como nos apropriamos dessa leitura da realidade objetiva é que é ideológica, podendo servir a vários imaginários: imaginário reprodutor, de resistência, revolucionário, opressor. Não é demasiado lembrar que também a filosofia marxista é uma ideologia, e não como alguns pensam, a ideologia.

Em seu livro “Aparelhos Ideológicos do Estado”, Althusser fazendo uma análise da ideologia e da luta de classes no interior dos AIE, ressalta:

[...] para existir como classe consciente de sua unidade e ativa em sua organização de luta, o proletariado necessita não somente da experiência (e das lutas de classes em que combate há mais de um século), mas também de conhecimento objetivos cujos fundamentos a teoria marxista lhe proporciona. (ALTHUSSER, 1985, p. 123).

É interessante percebemos a importância que o autor dá as organizações de luta da classe operária, a experiência e práticas dessa mesma classe, o conhecimento da teoria marxista, como os elementos fundamentais para a constituição de subjetividades alternativas. Este processo não se dá de forma pragmática e imediata, mas, é uma luta de longa duração, travada na infraestrutura da sociedade capitalista.

Faz-se necessário deixar claro também, que a luta de classe operária travada com a classe dominante para derrubar o Estado burguês e seus aparelhos não é fácil, diz Althusser [...] com efeito, sabemos que a tomada revolucionária do Estado burguês, sua destruição e sua substituição pelo Estado da Ditadura do Proletariado não são o efeito de um simples raciocínio lógico, nem de um simples esgotamento do antigo sistema das relações de produção capitalista, mas de uma luta de classe de massa que só pode ser uma guerra de classe de longa duração. (ALTHUSSER, 2008, p. 174).

Nesse sentido podemos dizer que a constituição das subjetividades é um processo lento, que se concretiza a partir da interpelação ideológica, e de uma educação entendida como rupturas históricas, cuja fundamentação teórica, é a filosofia marxista.

Althusser também evidencia que a classe trabalhadora ao se apropriar e incorporar a filosofia marxista como um elemento indispensável a revolução proletária, ela também, torna-se imprescindível a sua emancipação social, política e econômica.

Temos ciência que a palavra emancipação é muito complexa, complexa e difícil, porque não está definida, pronta e acabada: Urge aqui uma pergunta. Até que ponto podemos pensar em uma emancipação no pensamento althusseriano? Não esqueçamos de todos os rótulos, estigma, etc., pelo qual o pensamento de Althusser

foi vítima a partir da sua apropriação nos mais variados campos do saber. Pois bem, para tentar responder a esta questão a partir do que pesquisamos das obras do autor, iremos trazer mais alguns elementos que possam servir de uma pequena introdução para situar tal questão.

Um dos primeiros discursos a surgir sobre emancipação, foi com o Cristianismo. Este era muito radical, e a sua forma específica era a salvação. Portanto esta não era nenhum problema que merecesse atenção especial dos homens, porque ela dependia da graça divina.

Com alguns filósofos da modernidade, entre eles Hegel, Kant, a emancipação era o encontro da consciência consigo mesma, era uma emancipação racional. Hoje, as filosofias da consciência e da libertação compactuam desse modelo. A História é entendida escatologicamente e teleologicamente. A emancipação humana se dará a partir do momento em que todos os homens estiverem conscientes, livres, autônomos, racionais, autossuficientes, autodeterminados, quando tiverem realmente iluminados pela razão.

Mas, a pós-modernidade vai se encarregar de mexer no que estava estável, fixo, determinado. Um filósofo chamado Laclau (1990), vai usar a todo tempo uma palavra chamada deslocamento, e afirma:

Uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por “uma pluralidade de centros de poder”. As sociedades modernas, argumenta Laclau, não têm nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador único e não se desenvolvem de acordo com desdobramentos de uma única “causa” ou “lei”. A sociedade não é como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir do seu bulbo. Ela está constantemente sendo “descentralizada” ou deslocada por forças fora de si mesma (HALL, 2002, p. 14).

Este é dos pensamentos de Laclau que desconstrói a ideia de um sujeito centrado no eu, que tem uma essência, uma natureza humana predeterminada. Este sujeito autônomo que paulatinamente iria cada vez mais se centrando não existe. Dentro desta perspectiva, o autor vai mencionar alguns elementos que podem nos ajudar em relação a problemática da emancipação. Prossegue ele.

Então, podemos ver que os discursos de emancipação têm sido historicamente construídos por meio da junção de duas linhas incompatíveis de pensamento: uma, que pressupõe a objetividade e plena representabilidade do social; e a outra, que só se sustenta sobre a demonstração de que há um abismo que torna qualquer objetividade social, em última análise, impossível. Ora, o ponto importante é que essas duas linhas de pensamento opostas não são simples erros analíticos dentre os quais podemos escolher um e formular um discurso emancipatório livre de inconsistências lógicas. É afirmando ambas as linhas que a noção de emancipação adquire significado. Emancipação significa ao mesmo tempo fundação (foundation) radical e exclusão radical- isto é, ela postula ao mesmo tempo um fundamento social e sua impossibilidade[...]. Concluímos assim que as duas linhas de pensamento são logicamente incompatíveis e que, no entanto, requisitam-se mutuamente: na ausência de ambas, toda a noção de emancipação desmoronaria (LACLAU, 2011, p. 29).

Como podemos observar, a questão da emancipação não é um conteúdo dado, fechado, pronto, e nem tampouco, fácil de ser resolvido, como indicam as filosofias da consciência e da libertação. O que podemos inferir a partir dessa citação, é que o autor não se limita a tratar de emancipação, mas, emancipações. E que estas, a todo instante, estão se acirrando para uma sobressair-se sob a outra dentro de uma dada formação social. É no interior desse conflito, nas suas contradições, e não na sua negação, que é possível falarmos em processos históricos articulados de emancipações.

O autor, ainda faz as seguintes considerações.

Em discursos clássicos, as identidades emancipadas tinham de preexistir ao ato de emancipação em decorrência de sua alteridade radical vis-à-vis as forças que se lhes opunham. Ora, é verdade que isso é inevitável em qualquer luta antagonística; mas se, ao mesmo tempo, a dicotomização não for radical- como acabamos de ver que não pode ser-, a identidade das forças opressivas terá de estar de alguma forma inscrita na identidade em busca de emancipação. Essa situação contraditória é expressa na indecibilidade entre a internalidade e a externalidade do opressor em relação ao oprimido: ser oprimido é parte de minha identidade como um sujeito lutando por emancipação. Sem a presença do opressor, minha identidade seria diferente. Sua constituição requer e simultaneamente rejeita a presença do outro (LACLAU, 2011. p. 44).

Nos parece que a condição de oprimido supõe claramente a existência de um opressor. O desejo de emancipar-se exige o princípio da própria negação e

afirmação do oprimido em relação ao opressor. Portanto, os processos de emancipações só podem acontecer a partir do reconhecimento e da necessidade em relação as forças opressoras.

Vejamos o que um outro pensador que ao tratar da ideologia e da emancipação, afirma.

O estudo da ideologia é, entre outras coisas, um exame das formas pelas quais as pessoas podem chegar a investir em sua própria infelicidade. A condição de ser oprimido tem algumas pequenas compensações, e é isso que às vezes estamos dispostos a tolerá-la. **O opressor mais eficiente é aquele que persuade seus subalternos a amar, desejar e identificar-se com seu poder; e qualquer prática de emancipação política envolve, portanto, a mais difícil de todas as formas de libertação, o libertar-nos de nós mesmos [...].** E é porque as pessoas não param de desejar, lutar e imaginar, mesmo nas condições aparentemente mais desfavoráveis, que a prática da emancipação política é uma possibilidade genuína (EAGLETON, 1997, p. 13, grifo nosso).

Nesta citação o autor traz um elemento fundamental no tocante a emancipação. Ao afirmar que a primeira atitude nesse processo é libertar-se de si mesmo, parece-nos que Eagleton está sugerindo o rompimento com a ideologia que foi incutida no oprimido pelo opressor. E enfatiza que esta postura é bastante complexa, pois envolve vários elementos, entre eles, uma educação política. Segundo ele, mesmo na condição de oprimido, este pode encontrar mecanismos que possam contribuir para uma prática emancipatória.

Fizemos esta simples introdução, problematizando a palavra emancipação, para chegarmos a pergunta que fizemos inicialmente: Até que ponto podemos falar em emancipação no pensamento de Althusser?

No decorrer da presente pesquisa, já citamos diversos fragmentos do pensamento de Althusser que nos possibilita afirmar a preocupação deste autor com a revolução da classe operária, com a destruição dos Aparelhos Ideológicos de Estado burguês, e conseqüentemente, a sua preocupação em construir novos AIE que estivessem a serviço da classe proletária. Como também, as suas inquietações em ver a classe operária organizada politicamente. Cabe ressaltar a importância dada por este pensador as experiências, as práticas, as vivências, os sindicatos, o

partido comunista, as lutas travadas nos AIE, etc., como elementos possíveis de emancipação política, social e econômica.

Entretanto, faz-se necessário também frisar, que não podemos falar em uma emancipação humana, ou seja, em uma emancipação de todos em Louis Althusser. Como já mencionamos, a sua concepção de libertação e emancipação não é hegeliana, kantiana, etc., no sentido do encontro da consciência consigo mesma. Mas com certeza, o autor pensava e se preocupava com as condições de existência da classe operária, daí a sua condição de militante desde jovem na Ação Católica francesa, sua entrada no Partido Comunista Francês, suas palestras nas Universidades, principalmente as de Paris.

Observamos com clareza nas obras escritas e nos discursos de Althusser, uma das suas grandes bandeiras de luta, que é a revolução da classe proletária. O seu pessimismo em relação a emancipação da classe operária é quanto ao seu alcance de transformação desse ato emancipatório. E mais, mesmo com a destruição dos AIE, os homens continuariam a viver à sombra da ideologia. Portanto, a emancipação em Althusser pode ser entendida como uma saída de uma condição de um mero objeto de manipulação da ideologia dominante, e passar a condição de homens vivendo em uma sociedade comunista, mas sob o crivo das ideologias.

4.2 Ideologia, reprodução e educação

Althusser é um dos principais autores contemporâneos que se apropriou das palavras reprodução e ideologia para mostrar como se dá a relação de poder e sua perpetuação dentro do sistema capitalista, além de enfatizar a ideologia como elemento imprescindível na constituição das subjetividades, bem como para a educação.

Na reflexão que este pensador faz sobre os AIE, ele concebe a reprodução como um dos principais elementos utilizados pela classe dominante para se perpetuar no poder, e enfatiza que nenhum modo de produção pode escapar dessa prática.

Portanto a reprodução é um processo inerente a qualquer formação social, e querendo ou não, todos nós estamos sempre reproduzindo para concretizar uma certa ideologia, seja ela da classe dominante ou dominada.

Althusser segue na sua reflexão fazendo alguns comentários acerca da reprodução das condições de produção, da reprodução das relações de produção e das forças produtivas.

Não é nossa intenção fazermos aqui uma abordagem aprofundada sobre estes elementos, mas a apresentar, apenas algumas ideias que servirão de base para situar o pensamento Althusseriano no tocante a reprodução, a ideologia e a educação.

O autor dando continuidade ao seu pensamento, faz uma pergunta e tenta respondê-la. Por que o aparelho escolar é o aparelho ideológico de Estado dominante nas formações sociais capitalistas e como funciona?

Primeiro, todos os aparelhos ideológicos de Estado, quaisquer que sejam, concorrem para o mesmo fim, a reprodução das relações de produção, isto é, das relações de exploração capitalistas. Segundo, cada um deles, colaboram para este fim único na maneira que lhe é própria [...]. Terceiro, este concerto é regido por uma única partitura, por vezes perturbada por contradições (as do restante das antigas classes dominantes, as dos proletários e suas organizações[...]. Quarta e última, portanto, neste concerto, um aparelho ideológico do Estado desempenha o papel dominante, muito embora não escutemos sua música a tal ponto ela é silenciosa! Trata-se da escola (ALTHUSSER, 1985, p. 78-79).

E por fim, ele nos adverte:

Ora é por intermédio da aprendizagem de alguns “savoir faire” revestidos pela inculcação maciça da ideologia da classe dominante que, em grande parte, são reproduzidas as relações de produção de uma formação social capitalista, isto é, a relação entre explorados e exploradores, e entre exploradores e explorados. (ALTHUSSER, 2008, p. 273).

É importante, mais uma vez salientarmos, que Althusser, mesmo reconhecendo a função ideológica da escola no que tange a reprodução da ideologia dominante, ele não nega, em última instância, os AIE e especificamente a escola

enquanto espaços que podem ser utilizados pela classe dominada para se afirmar enquanto classe, buscando possibilidades de resistência e luta.

Nesta última citação, por exemplo, o autor menciona: “é por intermédio da aprendizagem de alguns *savoir faire* [...]. Portanto existem saberes que podem servir de referenciais para a militância da classe operária atuar a partir dos seus interesses no próprio interior da escola.

Na concepção de Althusser, a reprodução das relações de produção é garantida pelos AIE. Enfatiza ele:

Com efeito, são estes (os AIE) que garantem em grande parte, a reprodução mesma das relações de produção, sob o “escudo” do aparelho repressivo do Estado. É neles que se desenvolve o papel da ideologia dominante, a da classe dominante, que detêm o poder do Estado. É por intermédio da ideologia dominante que a “harmonia” (por vezes tensa) entre o aparelho repressivo do Estado e os Aparelhos Ideológicos do Estado é assegurada. (ALTHUSSER, 1985, p. 74-75).

É interessante percebermos, em todas estas citações, a estreita relação entre ideologia e reprodução. Nunca é demasiado dizer, que é a ideologia que garante todas as formas de reprodução, e especificamente, a reprodução e perpetuação do poder de uma determinada classe sob a outra.

Já afirmamos anteriormente, que Althusser não tem nenhum tratado específico sobre educação, e é reconhecendo esta realidade, que afirmamos a nossa posição de verdadeiros garimpeiros no tocante ao que o autor pensa sobre este assunto.

A princípio queremos enfatizar que a expressão educação aqui, não se limita apenas ao âmbito dos AIE, esta entendida na maioria das vezes como um conjunto de conhecimentos sistematizados que deve ser transmitido e assimilado passivamente pelo aluno, bem como reproduzir a ideologia da classe dominante. Muito pelo contrário, acreditamos, que Louis Althusser nos provoca e nos possibilita pensar uma educação que vai além dos aparelhos ideológicos de Estado. Embora este autor não tivesse a pretensão de ser um teórico da educação, e nem tampouco um pedagogo, como alguns pensadores contemporâneos muitas vezes o analisa, às suas ideias nos abre espaço para se refletir sobre educação como também

sendo constituída por um conjunto de práticas, vivências e experiências que os sujeitos “experenciam” através das rupturas históricas, tendo como referencial a luta de classes, iluminadas pela teoria marxista.

Entendemos que para Althusser toda e qualquer realidade precisa ser observada, refletida e analisada a partir dessa tríade. (Ideologia, reprodução e educação). Em última instância, todo conhecimento, discurso, práticas e vivências são ideológicos. Carregam no seu interior os interesses políticos, sociais e econômicos de uma determinada classe social. Se toda realidade objetiva social tem como base de funcionamento uma ideologia, a educação, tanto escolar como uma educação mais ampla, não poderiam estar fora desse processo, muito pelo contrário, a sua fundamentação se dá a partir de ações cuja base é a ideologia, ideologia esta, que para sobreviver necessariamente precisa ser reproduzida.

Althusser se referindo ao poder da ideologia burguesa dentro dos AIE.

A grande reivindicação estratégica da classe operária, sua autonomia, expressa essa condição”. Submetida ao domínio do Estado burguês e aos efeitos de intimidação e de evidência da ideologia dominante, **a classe operária só pode conquistar sua autonomia sob a condição de libertar-se da ideologia dominante**, de marcar diferença com ela, a fim de se proporcionar formas de organização e de ação que realizem sua própria ideologia, a ideologia proletária. O específico dessa ruptura, desse distanciamento radical é que aquelas só podem realizar-se através de uma luta de longo alcance, que deve, além disso, levar em conta as formas de domínio burguês e de combater a burguesia no seio de suas próprias formas de dominação, mas sem nunca deixar-se enganar por essas formas, que não são simples formas neutras, mas aparelhos que realizam tendencialmente a existência da ideologia dominante (ALTHUSSER, 1985, p. 127, grifo nosso).

O autor neste enunciado nos traz elementos importantíssimos para refletirmos sobre a ideologia nos AIE. O primeiro elemento é que a ideologia predominante nos AIE, é a ideologia dominante, mas, o autor nos leva a crer que mesmo sendo aparentemente os AIE o lugar de práticas da ideologia hegemônica, a classe operária precisa encontrar meios para conquistar a sua autonomia, e que, portanto, devemos ter o cuidado de estar pisando em território aparentemente inimigo, inimigo da ideologia operária. Outro elemento é que a única forma da classe operária se libertar dessa ideologia é buscar espaços de organização e mobilização alternativos para que se realizem a ideologia proletária, e nesse sentido o sindicato, o partido

comunista, a organização da classe operária, etc., são elementos importantíssimos para a revolução, e conseqüentemente a libertação da classe proletária. Por fim, o autor enfatiza que o próprio AIE podem ser utilizados como espaço de afirmação dos interesses da classe dominada.

Esta última colocação althusseriana nos possibilita pensar mais uma vez, de que Althusser não reduziu a sua análise dos AIE apenas a sua dimensão reprodutora da ideologia dominante, mas também indicou os AIE como meio e lugar de resistência, militância, luta política.

Portanto, não acreditamos ser apropriado, e talvez até injusto, a afirmação de alguns pensadores contemporâneos, entre eles, Dermeval Saviani, quando se referem a Althusser, dizendo que este limitou os AIE apenas a condição de reprodutivistas. Lembremo-nos que já fizemos esta reflexão no terceiro capítulo da presente pesquisa. Como podemos perceber nesta última citação, o autor menciona que a classe operária precisa libertar-se da ideologia dominante. Que esta libertação não é imediata, é um processo de longa duração. A escola nesse contexto, aparentemente, não tem um papel de destaque na emancipação da classe proletária, pois a ênfase dada por Althusser, é em uma educação fora dos AIE, mesmo reconhecendo os conflitos de classe neles existentes.

É preciso que a classe operária se organize, e estrategicamente monte um plano de ação para realizar a sua ideologia. A ideologia da classe operária. Por fim, o autor ainda enfatiza que a classe operária pode usar os próprios espaços onde a ideologia dominante impera para se contrapor a esta. Mesmo assim, alerta Althusser, é preciso ter a maturidade enquanto classe social consciente da sua luta, de não se deixar enganar pela ideologia burguesa presente maciçamente nesses espaços.

A partir do que lemos sobre o pensamento althusseriano, no que se refere à ideologia, à reprodução e à educação, pudemos constatar que estes conceitos estão estreitamente ligados. Primeiro porque este autor afirma que toda e qualquer realidade está perpassada e permeada por ideologias. Segundo, estas ideologias, independente da sua natureza política, social ou econômica estão condenadas a se reproduzirem. A negação dessa prática, resulta na sua morte. Terceiro, toda educação tem seus fundamentos em uma ideologia, e como tal, também reproduz

um modelo ideológico. Modelo este que pode servir aos interesses da classe trabalhadora, ou pode reproduzir os interesses da classe dominante.

Nesse sentido, a educação no pensamento althusseriano não pode se resumir ao ambiente escolar, pois, como vimos, neste na maioria das vezes impera a ideologia dominante e sua reprodução. A educação também deve ser entendida como um conjunto de práticas e experiências políticas resultantes das rupturas históricas e da luta de classes no interior da formação social capitalista.

4.3 Educação e subjetividade

A princípio queremos frisar, que a constituição das subjetividades de maneira geral e especificamente em Althusser, não é um assunto fácil de definir e nem de compreender, pois trata-se de um elemento que pode ser analisado a partir de múltiplas facetas, e nesse sentido os pensadores contemporâneos críticos ferrenhos de Althusser fizeram muito bem.¹¹

A partir das nossas leituras sobre algumas obras de Althusser, pressupomos que a constituição das subjetividades neste autor, está estritamente veiculada a sua teoria da ideologia. Primeiro porque entendemos que o autor é enfático ao dizer que “a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos” (ALTHUSSER, 1985, p. 93).

Portanto os indivíduos perdidos em uma grande massa, passam a ser sujeitos a partir do momento que a ideologia o interpela, e este por sua vez, se reconhecendo nessa interpelação assume um lugar, lugar este, determinado pela ideologia.

Como já foi mencionado, não podemos falar em uma formação da subjetividade em Althusser no sentido de um processo histórico, onde o sujeito vai adquirindo uma consciência crítica, livre e autônoma. Mas ao mesmo tempo, podemos falar que existe nesse autor a possibilidade de pensarmos em subjetividades alternativas, mediante a interpelação ideológica.

¹¹ Um desses pensadores é Dermeval Saviani, que negou qualquer possibilidade de transformação no pensamento althusseriano.

Uma das coisas a ser destacada, é que não existe no pensamento de Althusser a ideologia, mas ideologias. Portanto, os sujeitos podem ser interpelados pela ideologia proletária, que é a ideologia da filosofia marxista, e a partir dessa interpelação encontrar o seu lugar enquanto sujeito que pertence a esta classe. Reconhecendo-se como sujeito da classe operária, o seu imaginário de mundo começa a ser educado a partir de uma outra realidade. A realidade da classe operária.

Um outro elemento importante para o autor, é que toda realidade está impregnada de ideologia. Nesse sentido a ideologia que permeia uma determinada prática social, uma experiência, uma organização política, é um elemento ou um conjunto de elementos que constituem também as subjetividades. A classe proletária nas suas organizações se concentra em torno da sua ideologia, que é a ideologia operária, e essa por sua vez “nascem” das suas práticas e experiências advindas da sua luta política, ou seja, da luta de classes contra a classe dominante.

Essa constituição das subjetividades alternativa (classe operária), que se inicia através da interpelação ideológica, é enriquecida paulatinamente por um “corpo” de conhecimentos objetivos e científicos, que não deixam de ser também ideológicos (a filosofia marxista), mas também por um conjunto de práticas, experiências e vivências, que em última instância não deixa de ser um processo educativo.

4.4 A educação para além da escola em Althusser

Na reflexão que fizemos até aqui, a nossa principal preocupação foi respondermos se existe uma concepção de educação em Althusser para além dos AIE, e especificamente para além da escola e da reprodução da ideologia dominante. Portanto, o subitem acima não representa um fragmento isolado de toda a reflexão feita durante o percurso do presente trabalho, mas, acima de tudo, uma síntese argumentativa e sistemática do que já vimos sobre a concepção althusseriana de escola e educação.

Como pudemos observar durante toda a nossa análise, o autor supracitado não usa o termo educação de maneira corrente, mas, ao mesmo tempo, quase que

propositalmente usa palavras, como: Revolução, experiência, partido político, sindicatos, práticas sociais. Enfim, ele dá ênfase de maneira pontual e explícita as organizações políticas da classe trabalhadora, como alguns dos elementos indispensáveis a constituição das subjetividades, e superação da sua condição de classe oprimida.

Na reflexão althusseriana ao tratar da escola, que não é necessariamente sinônimo de educação no sentido mais amplo da palavra, esta é vista como um dos Aparelhos Ideológicos de Estado escolar que na maioria das vezes reproduz a ideologia dominante. Também é nela que as ideologias (dominante e dominada), se materializam em práticas e se concretizam a partir dos seus respectivos interesses. Mas, é salutar frisarmos, que Althusser nos chama a atenção no que se refere as ideologias, quando afirma que estas não se originam nos AIE, mas ultrapassam estes (ALTHUSSER, 1985).

Nesse sentido, levando em consideração que o autor não vê nenhuma possibilidade de se estudar, refletir, analisar e problematizar sobre escola e educação na formação capitalista, sem levar em conta e reconhecer a ideologia da classe dominada e sua reprodução como condição imprescindível para uma análise mais significativa das mesmas, podemos inferir que Althusser atribui às ideologias, que segundo ele, se formam no exterior dos AIE, a condição necessária de uma educação para além da escola e da reprodução da ideologia hegemônica.

É dentro desse contexto, que esse pensador vai fazer alusão a luta de classes proletária, e a filosofia marxista-leninista como condição sine qua non na constituição das subjetividades

Nesta mesma linha de pensamento, o autor, acentuando cada vez mais uma educação para além do espaço escolar, enfoca que as ideologias têm as suas origens nas condições de existência, nas práticas, nas experiências de luta da classe operária. Podemos evidenciar a partir destes dados, que a descrença e crítica de Althusser à escola como reprodutora da ideologia dominante não representa a sua concepção de educação, muito pelo contrário, educação pode ser compreendida neste autor, como processo de rupturas que envolve as várias dimensões da existência, e das condições materiais nas quais os sujeitos estão inseridos em uma determinada formação social, sem nos esquecermos, que esse processo está permeado por ideologias.

Vários teóricos da educação que se apropriaram do referencial teórico althusseriano, principalmente da leitura do seu livro intitulado “Aparelhos ideológicos de Estado”, a exemplo de Dermeval Saviani, rotularam o pensamento de Althusser, no que tange à educação, como simplesmente reprodutivista e pessimista. Não vendo qualquer possibilidade de superação da opressão na qual a classe trabalhadora sofre.

Ora, se Althusser fez uso entre outras coisas, de estratégias escritas (livros, revistas, jornais), e verbais (entrevistas, aulas), para denunciar a opressão e a exploração da classe dominante sob a dominada, chegando a afirmar a necessidade do operário se educar a partir das suas práticas, experiências de lutas, a luz da teoria marxista, para derrubar os AIE e construir novos Aparelhos Ideológicos de Estado que estivessem a serviço da classe trabalhadora, ele não só acreditava na superação da exploração da qual a classe operária era vítima, mas também vivia esta crença e fazia outras pessoas vivê-la.

Talvez, um dos maiores equívocos dos críticos ferrenhos de Althusser, foi ter limitado e enquadrado o seu pensamento sobre educação, apenas à instituição escolar.

Uma educação que supere, revolucione e transforme as condições de opressão e exploração da classe trabalhadora, que possa fazer com que esta se afirme enquanto classe, não está diretamente vinculada à escola, tampouco se limita a esta, mas está inteiramente ligada, segundo Althusser, às suas condições materiais de existência, as suas práticas e vivências, experiências de luta de classes iluminadas pela filosofia marxista.

Portanto, a educação enquanto apropriação e incorporação de conhecimentos, experiências, práticas e vivências, vai além dos muros das instituições. É um processo histórico concreto, que parte das condições materiais nas quais os indivíduos estão inseridos, como também das experiências sociais vividas dentro de um projeto coletivo, não se resumindo a apenas ao ambiente escolar. É político no sentido de que todo processo educativo está permeado de ideologias, e só a partir destas, é que os indivíduos se reconhecem e se identificam em relação a um dado projeto social, e é ao mesmo tempo dialético, porque não parte de conhecimentos dogmáticos, mecânicos, prontos, etc., mas é uma educação que se dá mediante a troca de experiências, experiências estas vivenciadas a partir

das condições, contradições e rupturas de uma dada formação social. Nela os indivíduos se reconhecem enquanto sujeitos e são reconhecidos. Podem tornar-se cúmplices de uma luta de emancipação social, política e econômica que só pode ser concretizada fora dos espaços de poder da classe dominante. Nesse sentido, como diz Mézaros (2005, p. 27), consideramos “necessário romper com a lógica do capitalismo se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente”.

Os termos processo educativo e educação que fizemos uso durante toda a nossa reflexão, rompem e superam o uso destas mesmas palavras, no sentido institucional iluminista republicano. Podemos então afirmar, que Althusser vê nos sindicatos, no partido comunista, nas organizações políticas da classe trabalhadora, nas suas lutas e experiências, um processo educativo que fomenta a luta desta classe. E é através destes, que a classe dominada pode encontrar mecanismos para resistir a dominação, e fazer a revolução que lhe dê a vitória.

Diante do que foi dito sobre a concepção de educação em Althusser, chegamos à conclusão, que não só existe uma educação para além dos aparelhos ideológicos de Estado, e especificamente da escola, mas, também, esta educação é uma possibilidade de “emancipação” política, social e econômica da classe trabalhadora.

4.5 Os limites da teoria althusseriana sobre educação

No percurso da nossa reflexão, repetimos várias vezes que Althusser não teve a pretensão de teorizar e nem tampouco dizer como se dá o funcionamento da educação nas sociedades capitalistas. Mesmo mostrando o papel da escola nesse sistema, não arriscou a escrever nenhum livro que possamos identificá-lo como um teórico da educação. Portanto, dizer que Althusser foi um teórico da educação ou um pedagogo, é não ter lido o suficiente este autor.

Quanto ao conceito de experiência em Althusser, não encontramos elementos claros e consistentes que possamos afirmar em até que ponto as experiências da classe operária podem se constituir em um processo educativo, como por exemplo na teoria da experiência de Dewey, de Thompson, Paulo Freire, etc.

Não estamos com isso afirmando que em Althusser, as experiências da classe operária não tenham significado, e nem seja por ele valorizada, e até mesmo incorporada. O autor em uma das suas citações vai externar com entusiasmo, que foi com o contato com a classe operária e suas lutas que o motivou a entrar no partido comunista francês em 1948.

Já mencionamos em várias partes deste trabalho, que Althusser foi um pensador que foi bombardeado por todos os lados, principalmente dentro do próprio marxismo no qual estava inserido. A sua condição de um pensador marxista estruturalista, juntamente com a leitura que fez do marxismo a partir da psicanálise lacaniana, como já dissemos, lhe rendeu críticas das mais diversas áreas do conhecimento. Ele foi altamente criticado pela sua posição pessimista e de estar preso a estrutura, acusação que ele próprio, em última instância não gostaria de ser vítima.

Pensamos que o autor, ao sentir-se de certa forma incomodado com tais críticas, fez a leitura estruturalista nos limites que ele conseguiu fazê-la, de certa forma, não conseguindo avançar, e para não ser tão acusado de pessimista e descrente no que tange a educação, etc., fez novas leituras da realidade, mas a faz abrindo concessões para perspectivas de filosofias da consciência ou da libertação.

Sem sombra de dúvidas, existe uma tensão muito forte em Althusser em relação a experiência. Ele sofre com as acusações acima, quer abrir espaço para a agência humana, mas ainda está preso a estrutura. Mesmo assim, a experiência da classe operária se apresenta ao autor, como uma condição relevante para a efetivação e revolução dessa mesma classe.

Pressupomos que o conceito de experiência em Althusser tenha um vínculo estreito com a filosofia marxista. Nesse sentido, a experiência não cria condições teóricas de libertação, mas encontra seus limites a partir de algo já dado e acabado.

Acreditamos que é dentro desse contexto que surgem os questionamentos de E. P. Thompson a Althusser, abrindo talvez caminhos para um diálogo, e não necessariamente uma crítica.

Althusser no seu livro “Filosofia e Filosofia Espontânea dos Cientistas”, limitou a apropriação do conhecimento ao campo específico da academia, admitindo com

rara exceção a possibilidade de se adquirir e construir conhecimentos em outros espaços. Nesse sentido, Thompson afirma:

Mas fora dos recintos da universidade, outro tipo de produção de conhecimento se processa o tempo todo. Concordo em que nem sempre é rigoroso. Não sou indiferente aos valores intelectuais nem inconsciente da dificuldade de se chegar a eles. Mas devo lembrar a um filósofo marxista que conhecimentos se formaram, e ainda se formam, fora dos procedimentos acadêmicos. E tampouco eles têm sido, no teste da prática, desprezíveis. Ajudam homens e mulheres a trabalhar os campos, a construir casa, a manter complicadas organizações sociais, e mesmo, ocasionalmente, a questionar eficazmente as conclusões do pensamento acadêmico (THOMPSON, 1981, p. 17).

Thompson evidencia na experiência a possibilidade de avançar e chegar a consciência da necessidade de transformação e de um projeto libertador da classe trabalhadora, mesmo que as relações de produção determinem em grande parte as relações nas formações sociais capitalistas.

Thompson evidencia juntamente com a experiência um outro elemento fundamental de resistência da classe trabalhadora, a saber: a cultura. E ressalta.

Verificamos que, com “experiência” e “cultura”, estamos no ponto de junção de outro tipo. Pois as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua existência como sentimentos na cultura... (THOMPSON, 1981, p. 189).

Nestas duas citações, parece está clara a posição do autor em querer abrir um diálogo com Althusser. Não temos provas evidentes, mas nos parece que Althusser em algumas de suas citações, embora não cite Thompson, mostra também a importância das práticas e experiência como possíveis elementos integradores da classe operária.

Os questionamentos de Thompson a Althusser se originaram basicamente de o fato deste último analisar o processo social como um fenômeno objetivo, e não como o resultado da vontade, da cultura e da experiência dos sujeitos. Portanto, os sujeitos fazem a história, mas sob condições históricas determinadas. Nesse

sentido, o ato de ser sujeito é ao mesmo tempo uma ação de libertação, mas também de sujeição.

No pensamento althusseriano existe a defesa do anti-humanismo, visto que Althusser ao analisar a teoria de Marx encontrou nesta, uma visão ‘ingênua’ de humanismo. Este estava vinculado necessariamente a ideia de homem enquanto indivíduo na sua particularidade, preso a sua própria libertação, o indivíduo singular. Na crítica ao humanismo marxista, Althusser desenvolve a tese de que é necessário romper com essa percepção essencialista e idealista e abrir uma discussão que tenha como princípio nodular o sujeito enquanto parte de uma classe, e que as emancipações não se dão no plano individual, mas sim, na posição coletiva de classe e nas suas lutas, iluminadas pela teoria marxista.

É importante ressaltar, que mesmo Althusser não sendo adepto de uma filosofia da consciência ou da libertação, e de que, talvez não tenha atribuído um lugar de destaque a experiência no sentido de vê-la como condição indispensável para o processo de revolução e transformação da classe operária, fica evidente que o seu discurso fez com que o debate sobre a experiência no meio acadêmico se tornasse mais fecundo e significativo. Foi dentro dessa realidade que as reflexões sobre a experiência avançaram. Tais discussões possibilitaram pensar a experiência como motor fundante de transformação social, política e econômica, principalmente no pensamento do próprio Thompson, Paulo Freire, etc. Daí um dos méritos de Althusser.

Althusser faz uma reflexão sobre o humanismo tendo como fundamento a ideologia. Uma leitura do humanismo que não leve em consideração o poder da ideologia e sua interpelação estar morta. Estas ideologias são formadas no interior de uma dada formação social.

Laclau, no seu livro “Hegemonia e Estratégia Socialista...”, faz uma crítica a Thompson em relação a crítica que este autor faz a Althusser, dizendo:

La confusión de E. P. Thompson en su ataque a Althusser reside justamente en este punto. Thompson confunde al hablar de “humanismo” el status de ese concepto, y así cree que negar a los valores humanistas el status de una esencia implica negarles toda validez histórica. Por el contrario, de lo que se trata es de demostrar cómo, el “Hombre” ha sido producido los tiempos modernos; cómo el

sujeto “humano”, es decir, el portador de una identidad humana sin distinciones[...] (LACLAU; MOUFF, 1987, p. 198-199).

Laclau, com essa contra crítica a Thompson em relação ao pensamento althusseriano, no tocante ao humanismo teórico, está evidenciando que Althusser não está negando o fazer dos sujeitos enquanto agentes de práticas sociais, políticas, econômicas, culturais, etc., dentro, é lógico, das determinações materiais que lhes são impostas. O que Althusser está criticando é como esse humanismo moderno que atribui ao sujeito uma natureza humana, uma essência, uma origem, uma consciência, uma autonomia, etc., foi construído, e a quem tal impressão e expressão de sujeito interessa.

Pensamos que Althusser, mesmo com todas as suas contradições no campo epistemológico, ontológico, etc., foi muito coerente no sentido de afirmar que o sujeito não é senhor da sua história, que não existe uma natureza humana, uma essência e uma origem na qual identifique os sujeitos como seres racionais, livres, autodeterminados, autônomos, conscientes. Laclau se referindo ao pensamento althusseriano, no que tange a essa problemática vai afirmar.

[...] es igualmente verdad que el enfoque de Althusser respecto al humanismo no deja otra posibilidad que su relegación al campo de la ideología. Porque si la historia tiene una estructura inteligible dada por la sucesión de los modos de producción, y si es ésta la estructura que es accesible a la práctica “científica”, esto sólo puede ser acompañado por una noción de “humanismo” como de algo constituido en el plano de la ideología-un plano que, aunque no es concebido como falsa consciencia, es ontológicamente subordinado a un mecanismo de reproducción social establecido por la lógica del modo de producción [...] (LACLAU; MOUFF, 1987, p. 198-199).

Rancière (1971) que foi aluno de Althusser e concomitantemente foi influenciado pelo seu pensamento, rompe com o seu mestre, principalmente no que tange a reflexão que este último faz sobre a oposição ciência x ideologia.

Como podemos observar, o referencial teórico althusseriano provocou e suscitou novos debates em torno de vários aspectos da existência humana, entre eles: a ciência, a filosofia, a política, a ideologia, a educação, a escola, e até mesmos as experiências dos vários grupos sociais, que foram vistos com um novo olhar a partir de Althusser. Daí a importância de trazer este autor para o debate

acadêmico. Seu pensamento suscitou inquietações nos vários campos do conhecimento.

As leituras que fizemos sobre Althusser, permitiram identificar que a sua teoria foi e continua sendo um referencial importante para as mais variadas áreas do saber, e de maneira mais específica, para a área educacional. Althusser continua sendo um imortal para todos aqueles e aquelas que desejam analisar a sociedade e os seus conflitos de maneira mais crítica e significativa. Sua teoria possibilita ver a sociedade com um novo olhar: um olhar de pesquisador para além do seu tempo.

Acreditamos ter proporcionado neste trabalho, e especificamente, neste capítulo uma discussão fértil que nos possibilita pensar uma concepção de educação em Althusser para além dos muros da escola e da reprodução da ideologia dominante capitalista, como também propusemos um debate sobre a constituição das subjetividades nesse mesmo autor.

Em nenhum momento desse capítulo tivemos a pretensão de esgotar o assunto, e nem tampouco afirmar verdades absolutas. Com certeza chegamos a conclusões significativas no que se refere a concepção de educação, de sujeito e de subjetividade no pensamento althusseriano, ao mesmo tempo que levantamos questões significativas que nos possibilitam pensar a educação e a constituição das subjetividades de maneira mais ampla e problematizadora, levando em consideração que o ser humano é inacabado, indefinido, a se fazer, inconcluso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como toda pesquisa, esta também chegou ao fim, ao fim não no sentido de termos dito tudo sobre o tema, mas na perspectiva de termos feito o esforço em ter trabalhado cada capítulo com a seriedade que cada um deles exigia.

A principal pergunta que norteou a presente pesquisa foi: “Existe em Althusser uma concepção de educação para além dos muros da escola e da reprodução da ideologia dominante”? A partir desse questionamento, dividimos o nosso trabalho em cinco capítulos, todos interligados entre si. E em cada um deles tivemos o cuidado de não afirmarmos verdades absolutas, acabadas e determinadas. Muito pelo contrário, todas as nossas afirmações basearam-se nas obras de Althusser que tivemos a oportunidade de lê-las, analisá-las e interpretá-las. Dito isto, iremos resumidamente escrever o cerne de cada capítulo.

No segundo capítulo fizemos uma abordagem político-filosófica do pensamento do autor francês. Destacamos algumas ideias que pensamos serem eixos, como: sua posição política, concepção de Estado, de luta de classes no interior dos AIE, de escola, de reprodução, e, finalmente de ideologia e de sujeito.

Na sua reflexão sobre os AIE, Althusser acentuava que na maioria das vezes estes reproduziam a ideologia da classe dominante.

Mas ao mesmo tempo que afirmava a função ideológica reprodutora desses aparelhos, mostrava os conflitos lá existentes. Inclusive afirmando que estes AIE, não são só o meio, mas também o lugar da luta de classes.

Althusser vai afirmar que são nos AIE, que os militantes e em seguida as massas adquirem experiência política para a sua luta contra a classe opressora. Nesse sentido, ressaltar apenas os AIE como reprodutores da ideologia dominante, é desconsiderar ou desconhecer o referencial teórico que o autor de “Aparelhos Ideológicos de Estado” nos proporciona.

Ainda neste capítulo, observamos que a concepção de sujeito, e consequentemente de subjetividade em Althusser não é a mesma dos pensadores que defendem uma filosofia da consciência ou da libertação. O autor defendia um anti-humanismo teórico. Nesse sentido a história não é um processo teleológico,

cujo objetivo é a civilização e o progresso. E nem tampouco os sujeitos são livres, centrados no eu fixo e estável, conscientes, históricos, autônomos, etc. E mais ainda, a concepção de subjetividade de Althusser é muito específica, porque mesmo tendo as suas origens teóricas e práticas no marxismo, o autor ao tratar da subjetividade usou parâmetros da psicanálise freudiana a luz de Lacan, além de alguns princípios da estrutura linguística de Saussure. A subjetividade não vai ser entendida por Althusser como um processo histórico, onde os sujeitos gradualmente vão se tornando conscientes, livres autônomos, saindo do senso comum para o estágio da consciência filosófica. Segundo o autor, toda e qualquer realidade é perpassada, transpassada, permeada, por ideologias, e são estas que vão interpelar os indivíduos enquanto sujeitos.

Também no segundo capítulo, encontramos no pensamento althusseriano alguns indícios da existência de uma educação para além do espaço escolar. Quando ele afirma por exemplo, que tanto a ideologia da classe dominante, como a ideologia da classe operária não são construídas no interior dos AIE, mas sim, fora deles.

No terceiro capítulo, já com alguns indícios de uma educação para além dos muros da escola, como também uma concepção de sujeito diferente da concepção de sujeito moderno, partimos dos seguintes questionamentos: “Existe em Althusser uma ideia de sujeito que se contraponha com a concepção de sujeito moderno? A maioria das críticas feitas por Saviani ao pensamento de Althusser no tocante a sua concepção de escola e educação se sustentam?

A partir dessas nossas inquietações tentamos fazer uma reflexão sobre o referencial teórico althusseriano, tentando reabilitá-lo de algumas críticas no que tange a sua defesa de um anti-humanismo, sem com isso, negar os seus aspectos contraditórios, polêmicos e controversos.

Com base em um dos seus textos, intitulado “PROCESSO SEM SUJEITO NEM FIM (S)”, fizemos uma reflexão sobre a concepção de sujeito em Althusser tentando diferenciá-la da concepção de sujeito moderno.

Primeiro, partimos da afirmação do autor de que não existe sujeitos da história, mas sim na história. Pensamento este já posto em uma das obras de Karl Marx, intitulada de: “O 18 de Brumário e cartas a Kugelmann”. Nesta obra, Marx é

claro, quando diz que os homens fazem história, mas a fazem sob condições materiais já estabelecidas historicamente. Althusser influenciado por esta e por outras ideias de Marx, vai afirmar que a burguesia se apropriou de uma concepção de sujeito como agente da sua própria história, livre, autodeterminado, consciente, histórico, etc., negando a partir daí a luta de classes antagônicas no interior das sociedades capitalistas, para isentar-se da responsabilidade de opressora da classe operária, e assim, jogar nas mãos dessa mesma classe o seu sucesso ou fracasso.

Essa concepção de sujeito idealista que tem uma essência, origem, natureza, centro, etc., é descartada totalmente pelo autor. Althusser vai frisar que quanto mais os sujeitos se veem nessa condição de livre, consciente, autossuficiente, etc., mas se torna objeto de manipulação ideológica da classe dominante. Surge então aqui uma pergunta crucial. Se os sujeitos não são autores e nem tampouco atores de sua história, quem então o será? E o autor objetivamente, responde: o motor da história é a luta de classes.

Portanto, o que move a história é a luta de classes, nesse sentido o fazer histórico é um processo de anonimato. Entretanto, ressaltamos que o próprio pensador autor de “Sobre a Reprodução”, também acreditava em sujeitos agentes sociais de práticas, vivências, experiências, etc., e consequentemente de revolução. Mas esta realidade se dá nas relações de produção, na formação social, política e econômica de uma dada sociedade. Não entendida como um processo histórico teleológico, mas como rupturas sucessivas, a partir de interesses antagônicos, ou seja, a partir da luta de classes.

Ressaltamos ainda que com tal posição o autor não está negando o materialismo histórico, mas rompe categoricamente com uma concepção de sujeito transcendental, do penso logo existo, de um sujeito fixo e estável, construtor da sua história e do seu destino.

A concepção de sujeito moderno, encontrou na pós-modernidade um lugar, mas um lugar de crítica, de rejeição, de tensão, de desconstrução, de morte.

Pensadores como Freud, Lacan, Althusser, Laclau e tantos outros, nas suas mais variadas críticas, não aceitaram esta concepção de sujeito único, fixo, estável, racional, transcendental, etc. O que estes autores, cada um a partir do seu olhar discutem, é uma concepção de sujeito, e consequentemente de sociedade

descentrada, deslocada, instável, interpelada ideologicamente, perpassada por tensões, diferenças e antagonismos.

O sujeito para esses teóricos, ele não é, está sendo, e talvez nunca chegue a ser.

No interior da nossa reflexão, tivemos também a preocupação em saber até que ponto a concepção de sujeito moderno influenciou a tradição pedagógica brasileira, tendo como referencial Dermeval Saviani e a sua crítica ao pensamento althusseriano no que tange a concepção de escola e educação do filósofo francês.

De imediato afirmarmos que a concepção de sujeito de Saviani, é uma concepção moderna de sujeito. É um sujeito autônomo, crítico, consciente, histórico. É um sujeito que sai da condição do senso comum, este entendido como: fragmentário, incoerente, desarticulado, passivo, simplista, etc., para a condição da consciência filosófica, e aí sim, esta é: unitária, coerente, articulada, original, intencional, ativa e cultivada.

A escola para Saviani, representa o único lugar eficiente e capaz de fazer esta transição. Sem ela, todos estão condenados a ficar no senso comum. A organização política da classe trabalhadora, os movimentos sociais de resistência, a ideologia operária, o sindicato do trabalhador, os seus espaços de conhecimento, debate e reflexão, etc., nada disso tem significado sem a escola. Em última instância, sem escola não há “salvação”.

É nesta posição, é neste lugar de herdeiro e defensor da tradição moderna de sujeito, de escola e de educação, que Saviani faz suas críticas ao pensamento de Louis Althusser. Sistemáticamente, metodologicamente e ordenadamente insere o pensamento althusseriano no que ele denomina de “teoria crítico-reprodutivista”, pois para ele Althusser condenou a educação como um instrumento apenas da reprodução das relações de produção da ideologia dominante.

E ao fazer a sua crítica tendo como referencial o livro de Althusser intitulado “Aparelho Ideológicos de Estado” livro que o próprio autor diz ser apenas notas para uma pesquisa, reduz o pensamento de Althusser a uma análise meramente pessimista e reprodutora da educação que interessa apenas a classe dominante.

E para superar esse pessimismo, ele propõe o que chama de “Pedagogia Histórico-Crítica”. Para ele, esta é crítica, mas não é reprodutora.

Pelo fato de Saviani ter desconsiderado e talvez desconhecido o pensamento de Althusser nos seus aspectos mais profundo, fez uma leitura e chegou a conclusões no mínimo equivocadas ou preconceituosas em relação ao referencial teórico do autor francês. Nunca é demasiado lembrar, que um dos maiores equívocos de Saviani em relação ao pensamento althusseriano, foi ter apenas entendido o termo reprodução apenas no sentido de reproduzir a ideologia da classe dominante. Althusser também acreditava na reprodução de outras ideologias, a exemplo da ideologia operária, que é a ideologia da filosofia marxista.

Chegamos no quarto capítulo cujo principal objetivo foi mostrar a possibilidade de uma educação promotora da emancipação da classe trabalhadora, e se existe caminhos que nos levem a pensar em uma educação para além dos muros da escola no pensamento de Althusser.

Para tentar responder estas questões tivemos que ter uma postura de verdadeiros garimpeiros, pois como já foi mencionado, o autor fala muito pouco no termo educação, mas ao mesmo tempo, fala de militância política, organização política da classe operária, sindicatos, ideologia proletária, luta de classes, resistência, posição e instinto de classes, experiências políticas, exploração, posições de combate, revolta, práticas sociais, revolução, etc.

Uma das coisas dessa discussão que se destaca, é que as ideologias que se materializam nos AIE, não se originam neles, mas no plano da realidade social, permeado pelas relações políticas, sociais e econômicas que estruturam a sociedade capitalista. Daí um dos principais elementos de que existe em Althusser uma educação para além dos muros da escola. Por que? Ora, se as ideologias, de maneira específica, a da classe operária, não se forma nos aparelhos ideológicos de Estado do sistema capitalista, elas se formam e tomam corpo a partir do que o autor chama de experiência secular de luta, práticas e vivências compartilhadas entre si, da organização política, do sindicato, da experiência do partido comunista, etc.

É dentro deste contexto que queremos frisar que os termos processo educativo e educação que fizemos uso durante toda a nossa pesquisa, rompe e supera o uso destas mesmas palavras, no sentido institucional iluminista republicano. Podemos então afirmar, que Althusser vê nos sindicatos, no partido comunista, nas organizações políticas da classe trabalhadora, nas suas lutas e experiências, um processo educativo que fomenta a luta desta classe. E é através

destes, iluminados pela filosofia marxista, que a classe dominada pode encontrar mecanismos para lutar e resistir contra toda forma de opressão e dominação da classe dominante.

Nesse sentido, e diante de tudo o que foi dito sobre a concepção de educação em Louis Althusser, chegamos à conclusão, que não só existe uma educação para além dos AIE, e especificamente da escola e da reprodução da ideologia dominante, mas, também, esta educação é uma possibilidade de “emancipação” política, social e econômica da classe trabalhadora.

Falar de emancipação política, social e econômica em Althusser é mais que legítimo. O que não podemos esquecer é que esta emancipação não é a do cristianismo, não é a emancipação dos filósofos clássicos como Kant e Hegel, não é a emancipação dos filósofos defensores da filosofia da consciência e nem da libertação.

A emancipação em Althusser não é emancipação, é emancipações. É a saída da condição de oprimido, para uma condição de menos oprimido. Pois, mesmo com êxito da revolução proletária, a sombra da ideologia opressora, sempre estará presente.

Por fim, salientamos que qualquer análise sobre o pensamento de Althusser, que não leve em consideração a sua teoria da ideologia e da reprodução, esta última entendida como possibilidades de reproduzir teorias e atitudes diversas, inclusive teorias e atitudes revolucionárias, sequer pode ser pensada.

Com certeza a finalização deste trabalho não significa um ponto final na temática do pensamento althusseriano, mas sim, um ponto que fecha apenas uma proposta de pesquisa, mas que, abre um leque de possibilidades para novas pesquisas em sociologia, filosofia, política e em educação.

Dentre as várias possibilidades de novas pesquisas, encontra-se a seguinte questão: Se o pensamento de Althusser foi tão criticado, principalmente no meio acadêmico, por que no início da década de 60 e final da década de 70 o seu pensamento foi tão bem incorporado nas discussões acadêmicas na maioria das universidades brasileiras, e especificamente na Universidade Federal de Pernambuco?

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **A favor de Marx**. 2. ed. Trad. Dirceu Lindoso. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

_____. “A Filosofia como arma da revolução”. In: _____. **Posições 2**. Trad. Rita Lima. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980. p. 151-165.

_____. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. Walter José Evangelista; Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. “A transformação da filosofia”. In: **A transformação da filosofia seguido de Marx e Lênin perante Hegel**. São Paulo: Edições Mandacaru, 1989.

_____. **For Marx**. Londres: Verso, 1966.

_____. “Freud e Lacan”. In: _____. **Posição 2**. Trad. Manoel Barros de Motta. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980, p.105-130.

_____. “Resposta a John Lewis”. In: _____. **Posições-1**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978b, p. 13-71.

_____. “Observação sobre uma categoria: processo sem sujeito nem fim(s)”. In: **POSIÇÕES-1**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978b, p.66-71

_____. **Sobre a reprodução**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Voes, 2008.

_____. **Sobre o trabalho teórico**. Trad. Elisa Amado Bacelar. Lisboa: Editorial Presença, 1967.

_____. “Sustentação de tese em Amiens”. In: _____. **Posição-1**. Trad. Rita Lima, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978a, p. 129-167.

BAUDELOT, C. ESTABLET, R. **La escuela capitalista**. 5. ed. México: Siglo Veintiuno Editores, 1978a.

BOLOGNESI, R. **Escola e sociedade**: análise do discurso althusseriano e de suas apropriações na área educacional brasileira. 102 f. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, 2013.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes: 2011.

CARVALHO, F. Z. F. de. **O sujeito no discurso**: Pêcheux e Lacan. 265 f. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

CASSIN, M. **Louis Althusser e o papel político/ideológico da escola**. 154 f. 2002. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, 2002.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. 27. ed. São Paulo: Editora Brasilense, 1988.

COUTINHO, C. N. **O estruturalismo e a miséria da razão**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

DESCARTES, R. Discurso do método. In: OS PENSADORES. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2011.

_____. **Meditações metafísicas**. Trad. Maria Hermantina de Almeida Prado Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DEWEY, J. **Como pensamos**: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959a.

_____. **Democracia e educação**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959b.

_____. **Experiência e educação**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

EAGLETON, T. **Ideologia**. Trad. Silvana Vieira e Luiz Carlos Borges. São Paulo: Unesp: Boitempo, 1997.

FINK, B. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GALLO, S. **Subjetividade, ideologia e educação**. Campinas: Alínea, 2009.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 6. ed. RJ: Civilização Brasileira, 1986.

HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita-língua, sujeito e discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

KANT, E. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção os Pensadores).

LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemonía y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia**. Siglo XXI, Madrid, 1987.

_____. **Emancipação e diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

_____. **New Reflections on the resolution of out time**, Londres: verso, 1990.

LACAN, J. **O Seminário – Livro 11: Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. O estádio do espelho. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LOCKE, J. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Trad. Anoar Aiex. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

MARX, K. **O 18 brumário e cartas a Kugelmann**. 5. ed. Trad. Leandro Konder e Renato Guimarães. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Grijalbo, 1977.

_____. The communist. In: REVOLUTIONS of 1848. Harmondsworth: Penguin Books, 1973.

_____. **A ideologia alemã**. Trad. Luís Cláudio de Castro e Costa. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MÉSZAROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

POULANTZAS, N. **As classes sociais no capitalismo hoje**. 2. ed. RJ: Zahar Editores, 1978.

RANCIÈRE, J. **Sobre a teoria da ideologia: a política de Althusser**. Porto: Portucalense, 1971.

RAMOS, R. Análise de discurso: uma abordagem dialética. **Conexão - Comunicação e cultura**. Caxias do Sul, v. 6, n. 12, jul./dez., 2007.

RICOEUR, P. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988. (Organização, tradução e apresentação de Hilton Japiassu).

ROUDINESCO, E. **Filósofos na tormenta: Canguillem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou da educação**. Trad. Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 37. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 7. ed. Campinas, São Paulo: Autores associados, 2000.

_____. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 18. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1972.

SEVERINO, A. J. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo: EPV, 1986.

THERBORN, Göran. **Do marxismo ao pós-marxismo?** Trad. Rodrigo Nobile. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. **La ideología del poder y el poder de la ideología**. 2. ed. México: Siglo Veintiuno, 1989.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou uma planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Tradução de Walter Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VÁZQUEZ, A. S. **Ciência e revolução**: o marxismo de Althusser. Trad. Heloísa Hahn. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

ZIZEK, S. **Eles não sabem o que fazem**: o sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. (Org.). **Um mapa da ideologia**. 5. ed. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.